

# AS ÁGUAS do Eden

o mistério  
do Micvê

Aryeh  
Kaplan





Aryeh Kaplan

As  
Águas  
do  
ÉDEN  
O MISTÉRIO DO MICVÊ



Do original em língua inglesa *Waters of Eden*  
© 1976 by Aryeh Kaplan

© Direitos para a língua portuguesa adquiridos dos herdeiros do autor, pela Editora Maayanot que se reserva a propriedade desta tradução.

Tradução: *Rachel Rosenblum e Esther Eva Horovitz*  
Revisão técnica: *Rab. Rony Chamovitz*  
Revisão de texto: *Adriana Witkower*  
Revisão de conteúdo: *Rab. Avraham Cohen*  
Diagramação: *Sidnei Simonelli*  
Capa: *Daniel Faliosa*  
Atualização ortográfica: *Guacira Simonelli*  
Produção do e-book: *Schaffer Editorial*

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia, por escrito, da Editora.

1ª edição versão digital (formato ePub)

**CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte**  
**Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ**

---

Kaplan, Aryeh, 1934-1983.

As águas do Éden: o mistério do micvê / Aryeh Kaplan; [tradução Rachel Rosenblum e Esther Eva Horovitz]. 2. ed. – São Paulo: Maayanot, 2012  
recurso digital

Título original: *Waters of Eden*.

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7903-059-8

1. Judaísmo – Cerimônias e práticas 2. Micvê I. Título

12-03285

CDD-296.443  
-296.44

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Banhos: Rituais judaicos 296.443

2. Micvê: Rituais judaicos 296.44

**EDITORA MAAYANOT**

Presidente

*Elie Horn*

Editor Responsável

*Rab. Y. David Weitman*

Editor Adjunto

*Rab. Levi Weitman*

Produção Editorial

*Michoel Regen*

Coordenação

*Ina Brugnara*

Rua Talmud Torá, 119 - CEP 01126-020

Tel.: 3334-2976

Bom Retiro - São Paulo, SP

[contato@maayanot.com.br](mailto:contato@maayanot.com.br)

[www.maayanot.com.br](http://www.maayanot.com.br)

# ÍNDICE

Prefácio

Introdução

Visitando um *Micvê*

Por que *Micvê*?

## QUANDO SE USA O *MICVÊ*

Nidá

Conversão

Potes e pratos

Costumes

## UM OLHAR MAIS PROFUNDO

O rio do Éden

A eleição de Israel

A santidade da relação sexual

O homem contra a natureza

## O QUE É UM *MICVÊ*?

O que é um *Micvê*?



## O MISTÉRIO DO *MICVÊ*

Água

A medida do homem

A letra de transição

O Derradeiro *Micvê*

# PREFÁCIO

O mistério do *Micvê* faz parte daquelas leis do judaísmo que transcendem a mente humana. Elas se denominam “Leis Ininteligíveis” (*Chukim*). Um homem de carne e osso não consegue entender seu semelhante quando há uma distância intelectual entre eles, um sendo erudito e o outro, ignorante. E mais: a criatura não pode apreender o conhecimento do seu Criador, se Este não se revela a ele. O *Micvê* é um destes preceitos cujo propósito D’us ocultou.

Sendo assim, observar as Leis do *Micvê* fica mais louvável ainda, já que não é feito pelas suas implicações lógicas, mas apenas porque foram dadas por D’us. Participar de um ritual Divino inexplicável significa concordar que a mente humana tem capacidade limitada e finita, e é um instrumento inadequado para apreender as leis celestes, que transcendem nosso intelecto.

Todavia, todos os mandamentos do Altíssimo têm motivos e visam o benefício do ser humano. Nossos Sábios, ao longo de todas as gerações, sabiam disto, e sempre procuraram as razões lógicas dos preceitos, mesmo dos *Chukim*, sem jamais afirmarem que acharam o motivo absoluto da lei. Se a explicação humana aumenta a apreciação da ordem Divina, então o esforço foi recompensado.

O esforço e trabalho de compilação feitos neste livro pelo autor, rabino Aryeh Kaplan, é simplesmente maravilhoso. Ele buscou as explicações nas fontes dos grandes sábios judeus, e desvendou para o



leitor – de forma racional –, o mistério destas águas purificadoras, que são a pedra angular da vida e da sobrevivência judaica. Tal esforço será certamente recompensado agora pela apreciação dos leitores de língua portuguesa, assim como foi com as traduções em vários idiomas.

As leis de pureza passaram de geração em geração, e foram observadas desde a saída do Egito até nossos tempos. No deserto, antes, durante e depois das destruições dos Templos de Jerusalém e nas diversas diásporas, como testemunham as diversas fotos que estão inseridas ao longo deste livro, foram sempre as mesmas leis com os mesmos *Micvês*, e suas medidas que serviram de proteção contra as mais diversas pragas.

Hoje, numa sociedade fortemente materialista, mais do que nunca é importante saber que o *Micvê* nos permite mergulhar nas águas do conhecimento, e nos elevarmos para o plano espiritual. A imersão nos torna criaturas novas e nos eleva para D’us, conforme dito no início da Criação: “O espírito de D’us pairava sobre a face das águas” (Gênese 1:2).

Fazemos votos que o livro aumente a pureza no mundo, e traga rapidamente uma época melhor quando presenciaremos aqui na Terra “As águas que saíam do Éden, para regar o jardim” (Gênese 2:10) na vinda do justo Mashiach, bem depressa, em nossos dias.

12 Tamuz 5752

13 de Julho de '92

*Y. David Weitman*

# INTRODUÇÃO

*Há coisas que ficam nas alturas do universo e  
no entanto as pessoas não as levam a sério.*

*Talmud, Berachot 6b*

Um amigo meu, que visitou a Rússia várias vezes, conta sobre um encontro secreto que teve com uma jovem família judia, numa cidade russa. Após uma calorosa discussão sobre os problemas enfrentados pela comunidade, meu amigo ganhou a confiança do marido, um homem alto e corpulento chamado Jacob. Quando meu amigo preparava-se para sair, Jacob disse: “Espere, tenho uma coisa que gostaria de lhe mostrar”.

Ele levou o meu amigo até o *closet*. Antes de abrir a porta, quase instintivamente, olhou por cima de seu ombro, como para assegurar-se de que não houvesse olhos intrusos observando. Satisfeito por se achar seguro, Jacob abriu o *closet*, afastou várias caixas, e cuidadosamente levantou um piso falso. Debaixo das tábuas havia uma escada, que levava a uma pequena piscina. “Este é o *Micvê* da cidade” – declarou com orgulho –, “mais de quarenta famílias fazem uso dele”.

Depois, Jacob contou ao meu amigo os perigos que a construção desse *Micvê* trouxe. Nenhuma instalação religiosa podia ser construída sem autorização expressa do governo. Caso contrário, estaria sujeita

às mais graves penalidades. Além disto, a casa era propriedade do governo, e se ele fosse descoberto, enfrentaria uma longa sentença de prisão por “desfigurá-la”.

Gradativamente – quase cautelosamente – ele começou a contar como fora construído o *Micvê*. Toda a obra teve de ser feita no maior segredo. Ninguém, nem mesmo seus amigos e vizinhos mais próximos, podiam saber o que ele estava fazendo. Somente uma pequena quantidade de escavação podia ser feita debaixo da casa a cada dia, de modo que a sujeira pudesse ser eliminada sem levantar suspeitas. Pequenas quantidades de cimento – “para fazer consertos menores” – foram adquiridas, até se obter o suficiente para revestir o *Micvê*. Um subterfúgio similar teve de ser usado para se obter canos para o encanamento. Por outro lado, as rigorosas exigências da Lei Judaica tiveram de ser respeitadas. Isto já é bastante difícil em todas as circunstâncias, inclusive quando o segredo não é um elemento primordial.

Somente quando o *Micvê* ficou pronto, Jacob atreveu-se a contar a algumas pessoas. Primeiro, seus amigos mais próximos compartilharam o segredo. Gradativamente, uma a uma, outras famílias foram convidadas a fazer uso do *Micvê* oculto. A maioria delas achava que não era possível, mas elas vieram mesmo assim. Em pouco tempo, o “projeto secreto” tinha se tornado um *Micvê* comunitário.

Um ano após este encontro, Jacob e sua família puderam finalmente emigrar para Israel. Todos os seus filhos tinham permanecido judeus praticantes, apesar de terem nascido e sido criados na Rússia.

Quando lhe perguntaram por que ele tinha assumido todas as despesas e perigos para construir um *Micvê*, Jacob explicou: “Sem ele, eu não podia viver como judeu”.

Um dos eventos arqueológicos recentes mais emocionantes em Israel foi a escavação da fortaleza da montanha de Massada. Lá estava o registro de alguns dos últimos defensores do Israel antigo, que deram suas vidas pela terra sagrada, há dezoito séculos.

De todos os fascinantes descobrimentos em Massada, um dos mais importantes foi a localização não de um, mas de dois *Micvês*. Segundo a prática habitual, provavelmente uma era para os homens e o outro para as mulheres.

Naquela região havia pessoas lutando pelas suas vidas – opondo-se ao poder de todo o Império Romano. Porém, no topo da montanha de Massada, acharam tempo e recursos para construir dois *Micvês*. Como judeus praticantes, sabiam que não podiam existir sem eles.

Enquanto as escavações de Massada avançavam, dois peritos em *Micvê*, o Rabino David Muntzberg e o Rabino Eliezer Alter, examinaram-nos. Após meticolosos estudos, esses rabinos anunciaram que os *Micvês* tinham sido construídos de acordo com as exigências mais minuciosas da Lei Judaica – “entre as melhores das melhores, sete vezes”. Nos dezoito séculos que transcorreram, nem o *Micvê* nem a sua importância mudaram.



*Micvê* encontrado na fortaleza de Massada.

Nos últimos anos, o tema da conversão tem sido objeto de muita divulgação, especialmente em Israel. Até mesmo a imprensa norte-americana falou do termo *Guiur KaHalachá* – “conversão de acordo com a Lei Judaica”. Muitas pessoas começaram a se tornar conscientes do fato de que existem exigências específicas envolvidas na conversão ao judaísmo. Uma dessas exigências é a imersão num *Micvê*.

A conversão é uma experiência singular, de longo alcance. Ela encerra uma mudança de identidade, e assumir um novo *status*, isto é, o de judeu. Portanto, resulta que os rituais relativos à conversão incluem as coisas mais básicas do judaísmo.

O fato de o *Micvê* ser um elemento necessário na conversão, indica que ele é um elemento importante do judaísmo. De fato, todos os entendidos em tradição judaica sabem que isto é verdade. O uso do *Micvê* é um dos principais fatores que diferenciam tradicionalmente os judeus dos não judeus.<sup>1</sup>

Muitas pessoas ficariam surpresas ao saber que o *Micvê* é mais importante do que uma sinagoga. Isto pode não ser óbvio, porque em muitas comunidades, as sinagogas têm edifícios caros e imponentes, enquanto o *Micvê* é pequeno e de manutenção modesta. Porém, o *Micvê* é mais importante. A Lei Judaica afirma que uma congregação que não tenha o seu próprio *Micvê* não tem sequer o *status* de comunidade.<sup>2</sup>

Isto não é mera teoria. Em Israel, onde as autoridades religiosas são particularmente meticulosas, o *Micvê* é a primeira instalação religiosa a ser construída numa nova comunidade. É de fundamental importância. Os serviços de sinagoga podem ser celebrados num apartamento ou numa loja. O edifício da sinagoga poderá ser

construído mais tarde, quando a comunidade estiver mais bem organizada e estabelecida.

## NOTAS

1. Cf. *Turey Zahav (Taz)*, *Yorê Deá* 268:8.
2. Veja *Biur Halachá, Orach Chaim* 468:4 “*VeChumrey.*”

## VISITANDO UM *Micvê*

Muita gente nunca viu um *Micvê*, e mesmo que você tenha visto um *Micvê*, talvez não tenha reparado em muitos detalhes. Portanto, neste ponto, seria útil pintar um quadro imaginário de um *Micvê* típico.

À primeira vista, um *Micvê* parece um pouco maior do que uma piscina pequena. A água chega geralmente até a altura do peito, e ele é largo o bastante para acomodar três ou quatro pessoas de pé, confortavelmente. Para facilitar o acesso, há degraus que descem na água do *Micvê*.

Olhando com mais atenção, você verá um pequeno orifício, de cinco a oito centímetros de diâmetro, logo abaixo do nível da água, numa parede da piscina. Este orifício pode parecer insignificante, mas é ele que dá a esta piscina seu *status* de *Micvê*.

Exatamente do lado oposto a este pequeno orifício, você notará uma tampa removível sobre um *Bor* ou “buraco”, que é a parte essencial do *Micvê*. Este *Bor* constitui uma pequena piscina, que está cheia de água natural de chuva. A água de chuva deve entrar no *Bor* de maneira rigorosamente natural, como veremos melhor numa das próximas seções. Sob certas condições, água de uma nascente, neve ou gelo derretido também pode ser utilizado.

Há duas outras exigências relativas ao *Bor*, além de conter água natural de chuva. Primeiro, ele tem de conter pelo menos quarenta



*Seá*. A *Seá* é uma antiga medida bíblica, equivalente a aproximadamente 8,3 litros de água, de modo que o *Micvê* contém aproximadamente 332 litros de água de chuva.

A segunda exigência é que o *Bor* deve ser um buraco construído diretamente no chão. Ele não pode ser formado por nenhum tipo de recipiente que possa ser desconectado e levado embora, como um tonel, barril ou tanque. No entanto, em determinadas situações, ele pode ser construído diretamente sobre o andar mais alto de um edifício.

O próprio *Bor* pode ser usado para um *Micvê*, mas como é muito difícil trocar a sua água, na maioria dos casos ele é utilizado como fonte que dá a outra piscina – ligada a ele –, o *status* de *Micvê*. Esta piscina maior pode ser enchida de alguma maneira conveniente, mediante a água encanada comum fornecida pela rede de água da cidade, e sua água pode ser trocada sempre que se desejar. A única exigência é que ela fique conectada à água do *Bor* por uma abertura de diâmetro mínimo de cinco centímetros. Ao conectar as duas piscinas e permitir que suas águas se misturem, damos à água da piscina maior o *status* da água da piscina menor. O processo de misturar as águas das duas piscinas é conhecido como *Hashaká*; isto também será examinado com maiores detalhes mais adiante.

Agora que temos alguma ideia do aspecto de um *Micvê*, podemos mencionar brevemente os seus usos. Existem três áreas básicas onde a imersão no *Micvê* é exigida pela Lei Judaica:

1. Após seu ciclo menstrual, uma mulher não pode ter relações íntimas com seu marido sem antes ter entrado no *Micvê*. Isto encerra uma lei bíblica da maior severidade.
2. A imersão num *Micvê* é parte integrante da conversão ao judaísmo. É necessária para os homens e para as mulheres.

3. Potes, pratos e outros utensílios para comida, fabricados por um não judeu, também precisam ser “convertidos”, por imersão num *Micvê*, antes de serem utilizados numa mesa judaica. Esta é uma lei especial por direito próprio, e não tem necessariamente nada a ver com *Kashrut*.

Além destas, existem outras ocasiões nas quais se costuma usar o *Micvê*. Por exemplo, é um costume estabelecido imergir antes do *Yom Kipur*, como sinal de pureza e arrependimento. Muitos Chassidim imergem antes do *Shabat* e *Yom Tov*, para sensibilizar-se à santidade desse dia. No seu contexto geral, a imersão num *Micvê* é um processo de purificação e limpeza espiritual.

Nos tempos antigos, o *Micvê* tinha outra função importante, com relação a diversos tipos de *Tumá* ou profanação de rituais.



*Micvê* de Bésalou (Espanha, cerca de 1150).

## POR QUE *MICVÊ*?

Se observarmos os mandamentos que estão na Torá, veremos que pertencem a três categorias principais.

Primeiro, estão os que poderíamos chamar de leis morais e éticas, cuja necessidade é bastante óbvia. Assim, quando a Torá nos ordena não roubar, matar, enganar ou ferir os sentimentos de outrem, não precisamos procurar muito longe para entender os motivos dessas regras. Essas são leis morais, necessárias para que os homens vivam juntos em harmonia. Esses mandamentos são conhecidos como *Mishpatim* – traduzindo literalmente, “julgamentos”. Toda pessoa com bom *julgamento* deveria achar esta categoria de leis e mandamentos perfeitamente óbvia.

Em segundo lugar estão outros mandamentos que, apesar de não serem moralmente necessários, preenchem uma necessidade importante no fortalecimento do judaísmo. Esses são os rituais e as festividades que nos despertam sempre para as verdades religiosas importantes, ou comemoram eventos-chave na história judaica. Por exemplo, poucas pessoas questionariam a importância da comemoração de *Pessach* (Páscoa), que comemora o Êxodo do Egito. De fato, é uma das festividades judaicas mais respeitadas. O mesmo vale para o *Shabat* e outras festividades. De modo similar, mandamentos como o *Tefilin* e a *Mezuzá* servem constantemente para nos lembrar da presença de D’us. Os mandamentos nesta segunda

categoria são conhecidos como *Edut* – literalmente, “testemunhos”. Essas são as práticas que *testemunham* os conceitos importantes do judaísmo.

A terceira categoria é a mais difícil de entender. Ela consiste em leis e mandamentos para os quais não há motivo aparente. O exemplo mais conhecido são as leis sobre os alimentos, para as quais não é dada nenhuma razão explícita, nem na Torá nem na literatura talmúdica. Esses mandamentos servem para fortalecer o laço entre D’us e o homem, mas a maneira pela qual o fazem não é nada óbvia. As leis que pertencem a esta categoria de mandamentos são conhecidas como *Chukim*, traduzidas literalmente como “decretos”. Esses são os mandamentos que devemos obedecer como *decretos* do nosso D’us, compreendendo ou não sua razão de ser.<sup>3</sup>

Um dos mandamentos mais importantes que entram nesta última categoria é o do *Micvê*.<sup>4</sup>

É óbvio que esta categoria de mandamentos é a mais difícil de respeitar. O *Talmud* nos diz que essas são as leis que “o Impulso para o Mal (*Yetser Hará*) e as nações do mundo tentam contestar”.<sup>5</sup> Se não compreendemos o motivo de alguma coisa, é tentador achar pretextos para não fazê-la. Quando tentamos explicar nossa religião aos não judeus, as leis que não têm um motivo óbvio são as mais difíceis de justificar. Se uma pessoa está insegura de si mesma ou está vacilante no seu judaísmo, essas leis serão as primeiras a serem abandonadas. Isto pode explicar muito bem por que o uso do *Micvê* tornou-se uma das observâncias mais negligenciadas e até mesmo – D’us nos perdoe – uma brincadeira, em alguns círculos.

O fato de um mandamento não ter um motivo óbvio torna a sua observância ainda mais um ato de fé. Ele indica que estamos prontos e desejosos para obedecer aos mandamentos de D’us, até quando não

podemos justificá-los com nossa lógica. Mostra que estamos colocando D’us acima de nosso próprio intelecto.

Neste espírito, o povo judeu aceitou os mandamentos. A Torá conta que quando Israel aceitou a Torá, sua resposta inicial foi (Êxodo 24:7): “Tudo o que D’us disser, nós faremos e nós ouviremos (*Naassê Venishmá*)”. Nossos Sábios acentuam o fato de que a sua primeira declaração foi “nós faremos”, e somente depois eles disseram “nós ouviremos”. Isto indica que quando a Torá foi dada, estávamos prontos para cumprir os mandamentos e “fazê-los”, antes de “ouvir” qualquer razão ou lógica deles.<sup>6</sup>

O *Talmud* ilustra isso com uma anedota. Um não judeu viu o sábio Rava concentrado nos seus estudos. Ele estava tão absorvido que, apesar de ter machucado o seu dedo, que sangrava profusamente, mantinha-se alheio à dor. O não judeu observou: “Vós sois um povo impetuoso, permitindo que vossa boca preceda vossas orelhas – e ainda não estais conscientes do que estais fazendo. Primeiro, deveriam ter ouvido todos os motivos, e depois poderiam ter decidido se aceitariam ou não a Torá”.

Rava respondeu: “Nós entramos nisso com confiança total. Não está escrito (Provérbios 11:3), ‘A pureza dos íntegros os guiará’”?<sup>7</sup>

Quando cumprimos mandamentos que não têm uma razão aparente, demonstramos nossa segurança interior como judeus. Apesar de talvez não sermos capazes de justificar esses mandamentos perante o mundo, sentimo-nos seguros como judeus se continuamos cumprindo-os. Compreendemos o que a Torá significa quando diz (Deuteronômio 4:6): “Observem e cumpram [os mandamentos], porque esta é a vossa sabedoria e entendimento aos olhos das nações”. Não observamos os mandamentos porque a lógica assim o exige, mas simplesmente porque foram dados por D’us. A base exigida

é o relacionamento entre os mandamentos e seu Doador. Isto é superior a qualquer sabedoria humana possível.<sup>8</sup>

Este pode ser o motivo pelo qual um convertido ao judaísmo precisa imergir no *Micvê*. O primeiro passo do convertido ao judaísmo inclui um ritual cuja explicação não é aparente e óbvia. Portanto, ele precisa reafirmar sua aceitação inicial da Torá, declarando, “Eu farei e eu ouvirei”. Para abandonar sua identidade de não judeu e para assumir a identidade judaica, ele precisa participar de um ritual que é inexplicável para aquele que não aceita a base do judaísmo. Fazendo isso, ele demonstra o seu *status* como uma pessoa que cumpre esses mandamentos “que o Impulso para o Mal e as nações do mundo tentam contestar”.

O fato de nos ser exigido cumprir certos mandamentos sem termos consciência de sua razão não significa que não haja lógica em sua observação. Os motivos encerram conceitos profundos que não são imediatamente óbvios. Quando percebemos que há um limite além do qual não podemos ir, podemos começar a explicar seu valor.

Na antiguidade, um dos usos principais do *Micvê* era para a purificação ritual. Havia muitas coisas que tornavam uma pessoa *Tamê* (impura ritualmente). O valor fundamental dessa *Tumá* era que uma pessoa nesse estado era proibida de entrar nos recintos do Templo Sagrado em Jerusalém (*Beit Hamicdash*). A violação era passível de punição pelas penalidades mais severas.<sup>9</sup> A Torá fala de muitas coisas que tornam uma pessoa *Tamê*, impura ritualmente, e de vários processos de purificação. Um ato de purificação que é necessário em todos os casos é a imersão no *Micvê*.<sup>10</sup>

As leis da pureza e impureza ritual pertencem à categoria dos mandamentos conhecidos como *Chukim*, decretos para os quais não há razão. Essas leis tinham de ser aceitas pela fé, porque foram dadas por D’us, como indica o ensinamento dos nossos Sábios, que

disseram: “Não é o corpo morto que impurifica, e nem é a água que purifica. Antes, D’us disse: ‘Eu dei uma ordem, e emiti um decreto – e nenhum homem pode violar Meu decreto’”.<sup>11</sup>

Por essas palavras, vemos que o *Micvê* envolve certo grau de purificação espiritual. Numa seção mais adiante, definiremos “puro” (*Tahor*) e “impuro” (*Tamê*) mais cuidadosamente, e assim teremos uma visão mais profunda desses conceitos.

Até este ponto, salientamos o fato de que não há nenhuma razão explícita dada para o *Micvê* e suas leis associadas. Não obstante, podemos nos esforçar para compreender o significado dessas leis.<sup>12</sup> Porém, precisamos perceber que os motivos a serem discutidos fornecem apenas uma imagem incompleta, e que a base lógica derradeira desses mandamentos está além do alcance do intelecto humano. Logo, não importa quão profundamente possamos sondar, essas razões não podem servir para mudar ou restringir essas leis religiosas.<sup>13</sup> Não importa o quanto essas razões sejam profundas, precisamos perceber que a Torá emana de D’us, e que os Seus mandamentos podem encerrar muitos fatores além do alcance da nossa mente e experiência. Com isto em vista, podemos começar a sondar o raciocínio que é a base do *Micvê*.

No nível mais simples, geralmente pensamos na água como um agente limpador. Se alguém está com o corpo sujo, é natural que se lave com água. Portanto, quando pensamos na purificação e na limpeza no sentido espiritual, também usaríamos a água como agente purificador. É o estado especial do *Micvê* que nos permite limparmos-nos espiritualmente e corporalmente.<sup>14</sup>

Se olharmos na Torá com maior atenção, acharemos que o *Micvê* tem um significado mais profundo do que a mera purificação, particularmente em duas áreas especiais.



A primeira envolve a consagração original de Arão (Aharon) e seus filhos como *Cohanim* ou sacerdotes, o que teve lugar pouco tempo após o Êxodo do Egito, e foi administrado por Moshé (Moisés). Depois, Arão e seus filhos serviram como sacerdotes no santuário *Mishcan* construído no deserto, e os seus descendentes retiveram seu *status* especial para sempre. Até hoje, um *Cohen* é um indivíduo cuja linhagem ascende diretamente a Arão, numa linha ininterrupta.

A Torá nos diz que o primeiro passo na consagração de Arão e seus filhos como *Cohanim* incluiu a imersão num *Micvê*.<sup>15</sup>

Aqui, a imersão não envolvia “purificação”, mas uma mudança de *status* – uma elevação de um estado para outro. Arão e seus filhos, originalmente, não eram diferentes de todos os outros, mas com esta imersão, atingiram o novo *status* de *Cohanim* ou sacerdotes.

A segunda área onde vemos o significado especial do *Micvê* é no serviço do *Yom Kipur* no Templo Sagrado (*Beit Hamicdash*). Este serviço está esquematizado no décimo sexto capítulo do Levítico.<sup>16</sup> Apesar deste ritual especial do Templo não ter sido executado nos últimos 1.900 anos, sua reconstituição detalhada proporciona alguns dos elementos mais dramáticos do nosso atual serviço de *Mussaf* do *Yom Kipur*.

A parte mais crucial deste antigo serviço do Templo era a entrada do Sumo-Sacerdote (*Cohen Gadol*) no Sagrado dos Sagrados – a câmara especial do Templo onde ficava guardada a Arca contendo as Tábuas da pedra original dadas a Moshé. Esta era a única época do ano em que se permitia a entrada de um ser humano no Sagrado dos Sagrados. O *Cohen Gadol* tinha de usar vestimentas brancas especiais antes de entrar nesta sala tão sagrada. Após deixar o Sagrado dos Sagrados, ele tinha de usar novamente as vestimentas “douradas” que usava o ano inteiro.

Neste dia mais sagrado de todos, o *Cohen Gadol* entrava no Sagrado dos Sagrados duas vezes. Isto, por sua vez, exigia que trocasse suas vestimentas cinco vezes, porque tinha de começar e terminar nas roupas “douradas”. Cada vez antes de se trocar, ele tinha de imergir num *Micvê*.

O *Cohen Gadol* não estava impuro nem sujo em absoluto. Ele estava passando por uma mudança de *status*, simbolizada muito expressivamente pelas trocas de vestimentas. Quando entrava no Sagrado dos Sagrados, tinha um *status* muito diferente do anterior – um *status* único que lhe permitiria entrar nessa sala. Esta mudança de *status* era conseguida através da imersão no *Micvê*.

A imersão na purificação ritual envolve o mesmo conceito. A água não está lavando nenhuma sujeira. O *Micvê* está mudando o estado espiritual do indivíduo, do *Tamê* (impuro) para o *Tahor* (puro). Na realidade, esta “purificação” é uma mudança de estado, não um processo de “limpeza”.

O exemplo mais expressivo desta mudança de estado está no caso da conversão. Aqui, novamente não é questão de sujeira ou purificação, mas apenas uma mudança de estado.<sup>17</sup> Como nos exemplos mencionados antes, esta mudança de estado se produz através da imersão no *Micvê* como afirma o *Talmud*, “assim que [o convertido] imerge e emerge, ele é como um judeu, sob todos os aspectos”.<sup>18</sup>

Como a imersão num *Micvê* muda uma pessoa? Isto pode ser melhor compreendido com base em outro ensinamento talmúdico, de que “um convertido que abraça o judaísmo é como um novo recém-nascido”.<sup>19</sup>

Isto tem muitas ramificações importantes, especialmente no que se refere à família previamente não judia do convertido. Além disto,

nos fornece uma visão importante do conceito do *Micvê*: emergir do *Micvê* é muito parecido com um processo de renascimento.

Sob esta luz, vemos que o *Micvê* representa o útero.<sup>20</sup> Quando um indivíduo entra no *Micvê*, ele está entrando novamente no útero e, quando emerge, é como se tivesse nascido de novo. Assim, ele atinge um estado completamente novo.

Isto é especialmente verdadeiro na purificação da impureza ritual. O útero é um lugar completamente desvinculado de todos os conceitos de *Tumá* e de impureza. Um bebê entra no mundo em completa pureza, e não é possível que ele seja corrompido enquanto está no útero.<sup>21</sup> Assim, quando um indivíduo entra no *Micvê*, ele deixa toda a *Tumá* atrás dele, e emerge como uma nova pessoa, purificada.

A identificação do *Micvê* com o útero fica um pouco mais clara em vista do fato de que a Torá descreve o estado mais primitivo do mundo como água. Nos versos de abertura da Torá, achamos (Gênesis 1:2): “A terra estava vazia e desolada, com escuridão na face do abismo, e o espírito de D’us pairava sobre a face da água”. No segundo dia da criação, as “águas de cima” foram divididas das “águas de baixo”. Finalmente, no terceiro dia, as águas foram reunidas formando mares, de modo que a terra seca pudesse aparecer.

Assim, num certo sentido, a água representa o útero da Criação. Quando uma pessoa imerge no *Micvê*, ela está se colocando no estado de mundo ainda não nascido, sujeitando-se totalmente ao poder criativo de D’us.<sup>22</sup>

Pode-se ver isto pela etimologia da palavra hebraica *Mayim*, que significa “água”. De acordo com várias autoridades, ela compartilha a mesma raiz que a palavra *Má*, que significa “que”.<sup>23</sup> Quando uma pessoa imerge na água, está anulando o seu ego e perguntando: “O que sou?”. Ego é a essência da permanência, e a água é a essência da impermanência. Quando uma pessoa está pronta para substituir o seu

ego com uma pergunta, então também está pronta para renascer com sua resposta. Então, quando Moshé e Arão declararam (Êxodo 16:7): “Somos o que”, nossos Sábios comentam que esta foi a maior expressão possível de autoanulação e sujeição a D’us.<sup>24</sup> Quando uma pessoa entra no *Micvê*, ela sujeita o seu ego a D’us, de modo similar.<sup>25</sup>

Também podemos ver isto de maneira mais prosaica. Quando uma pessoa imerge na água, coloca-se num ambiente onde não pode viver. Se tivesse de permanecer submersa por mais que alguns momentos, morreria por falta de ar. Portanto, ela está literalmente colocando-se num estado de não existência e não vida. A respiração é a própria essência da vida e, de acordo com a Torá, uma pessoa que para de respirar já não é considerada parte dos vivos.<sup>26</sup> Então, quando uma pessoa imerge num *Micvê*, momentaneamente entra no campo dos não vivos, de modo que quando emerge, é como um renascido.<sup>27</sup>

Num certo sentido, isto explica por que um *Micvê* não pode ser feito num recipiente ou banheira, mas diretamente no chão porque, de certa forma, o *Micvê* também representa o túmulo. Quando uma pessoa imerge, está temporariamente num estado de não viva, e quando emerge, revive com um novo estado.<sup>28</sup>

A representação do *Micvê* como útero e também como túmulo não é uma contradição. Ambos são lugares de não respiração, e os pontos finais do ciclo da vida. De fato, é interessante notar que a palavra hebraica *Kever*, que geralmente significa “túmulo”, também é usada, ocasionalmente, para referir-se ao útero.<sup>29</sup> Ambos são marcos no ciclo de nascimento e morte, e quando uma pessoa passa através de um desses marcos, atinge um estado totalmente novo.

Nossos Sábios assemelham uma pessoa que imerge em um *Micvê* com sementes plantadas na terra.<sup>30</sup> Apesar dessas sementes poderem ser *Tamê*, ritualmente impuras, as plantas que delas crescem têm um novo estado, e são puras.<sup>31</sup> As sementes voltam para a sua fonte,

onde mais uma vez podem começar o ciclo do crescimento. Quando os novos brotinhos emergem da terra, não retêm nenhum elemento do seu estado anteriormente impuro. O mesmo vale para o homem. Para ele, as águas do *Micvê* são seu útero e sua fonte e, quando emerge, ele também é como um novo indivíduo.

Portanto, vemos que a imersão no *Micvê* representa renovação e renascimento. Examinaremos este conceito com maiores detalhes adiante, mas primeiro vamos dar uma olhada mais de perto exatamente no que é um *Micvê*.

## NOTAS

3. Veja Rashi, *Yomá* 67b “*Chok*”, Rashi, Ramban, sobre Números 19:1, *Bamidbar Rabá* 19:1, *Pessikta* 4 (40b). A raiz desta palavra é *Chokek*, significando “governar” ou “decretar”, cf. Gênesis 19:10, Números 21:18, Juízes 5:9, Isaías 33:22. Para um exame geral das três categorias, Veja *Yomá* 67b, Sifra sobre Levítico 18:4, Rashi sobre Gênesis 26:5, Levítico 18:4, 20:26, Rambam *Shemoná Perakim* 6, *Yad*, *Meilá* 8:8; Ramban sobre Levítico 16:8, Deuteronômio 6:20, Radak sobre 1 Reis 2:3; *Emunot VeDeot* 3:2 (54a), *Kuzari* 2:48 (55a), *Ikarim* 1:17.
4. *Yad*, *Micvaot* 11:2, *Chinuch* 159. Veja nota 11.
5. *Yomá* 67b.
6. *Shabat* 68a.
7. *Ibid.*
8. Rashi *ad loc.* Cf. Sifra sobre Levítico 20:26, Ramban, *Shemoná Perakim* 6, *Chayei Adam* 68:18. Ver também Maharits Chayot *Rosh Hashaná* 16a, Rambam sobre *Macot* 3:16, *Chovot HaLevavot* 3:3.
9. *Yad*, *Tumat Ochlin* 16:8, *Morê Nebuchim* 3:47, *Kuzari* 3:49 (55a). Veja Números 19:13, 20.
10. *Yad*, *Mikvaot* 1:1-3. Veja também *Pessachim* 16a, *Sefer HaMitsvot* mandamento positivo 109.
11. *Bamidbar Rabá* 19:8, *Tanchuma Chucot* 8, *Pessikta* 4 (40b). Veja *Meguilat Ester* (sobre *Sefer Hamitsvot*) mandamento positivo 96.
12. *Yad*, *Temurá* 4:13, *Teshuvá* 3:14, *Micvaot* 11:12; *Morê Nebuchim* 3:27, 3:31; Ramban sobre Levítico 19:19, Deuteronômio 22:6, *Chinuch* 545, Ibn Ezra sobre

Êxodo 20:1, *Tosfot Yom Tov* sobre *Berachot* 5:3, *Ets Yossef* sobre *Vayicrá Rabá* 27:10, *Devarim Rabá* 6:1, *Maharits Chayot* sobre *Sotá* 14a. Cf. *Tossafot*, *Sotá* 14a, *Chulin* 5a. “*Kedey*”, *Guitin* 49b “*R. Shimon*”; *Maharam ad loc.*, *Tosfot Yom Tov* sobre *San’hedrin* 8:6, 10:5. Veja também *Baba Kama* 79b, *Baba Metsia* 3a, *Milchamot Hashem* (Ramban), *Rosh Hashaná* (Rif 11a) “*VeOd*”.

13. *Yerushalmi Nazir* 7:2 (35a), *Maharam Di Lanzano*, *Shiurey Korban*, *ad loc.*, *Shiltey Guiborim*, *Avodá Zará* (Rif 6a) 1, *Shnei Luchot HaBrit Torá SheBaal Pé*, *Klal Drushim VeAgadot* (Jerusalém 5720) 3:241a, *Terumot HaDeshen* 108, *Shiurey Berachá*, *Yorê Deá* 183:1.

14. *Yad*, *Micvaot* 11:2, *Sefer HaChinuch* 175.

15. Êxodo 29:4, *Targum J.*, *Rashi*, *Hirsch ad loc.* Cf. Êxodo 40:12, *Levítico* 8:6.

16. *Levítico* 16:4,24, *Targum J.*, *Rashi ad loc.*, *Yomá* 3:3,4 (30a), 3:6 (34b), 7:3, 4 (70a). Cf. *Rabi Natahn de Nemerov*, *Likutey Halachot* (*Yorê Deá*) *Hechsher Kelim* 4:33.

17. *Rashi*, *Yebamot* 47b “*Sham Guer*”. Veja, porém, *Rashba ibid.*

18. *Yebamot* 47b. Notar que o ato básico de purificação é *emergir* do *Micvê*, Veja *Kesef Mishnê*, *Avot Hatumá* 6:16, *Makor Chesed* (sobre *Sefer Chassidim*) 394:3. Cf. *Ran*, *Nedarim* 76b (no alto) “*U’Mehadrin*”, *Tossafot*, *Shabat* 35a “*Veyarad*”.

19. *Yebamot* 22a, 48b, 62a, 97b, *Bechorot* 47a, *Tossafot*, *San’hedrin* 71b “*Ben*”. *Yad.*, *Edot* 13:2, *Issurey Biá* 14:11.

20. *Reshit Chochmá*, *Shaar HaAhavá* 11 (Nova York, 5728) 92b. (Do ponto de vista cabalístico, o *Micvê* está associado ao Nome *Ekyê* (Eu Serei), que – quando preenchido com as letras *Hê*, soma 151, o equivalente numérico do *Micvê*. *Shaar HaKavanot*, *Inyan Tevilá Erev Shabat* (Ashlag, Tel Aviv 5722) p. 25, *Shaar Ruach HaKodesh* (Ashlag, Tel Aviv 5723) p. 36, *Shnei Luchot HaBrit*, *Shaar HaOtiot*, *Kedushá* 1:168a, *Shaarey Gan Eden*, *Shaar HaOtiot*, *Mem* (95a), *Keter Shem Tov* 2, *Sefer Baal Shem Tov*, *Yitro* 11, *Pri HaArets* (Menachem Mendel de Vitebsk) sobre *Lech Lecha*; *HaOrá* sobre *Tikuney Zohar* 19 (37a), “*Inun*”, *Likutey Halachot* (*Yorê Deá*) *Melichá* 1:4. Este Nome, contudo, está associado com o útero de *Biná*, Veja *Ets Chaim*, *Shaar Hayoledets Aba Veima* 3 (1:236), *Shaar HaYareach* 3 (2:176), *Adir BaMarom* 90a. O *Micvê* está também associado com o Nome *ELeD*, que literalmente significa “Eu nascerei”. *Keter Shem Tov*, *loc. cit.*

21. *Ohalot* 7:4, 5 *Chulin* 4:3 (71a), *Yad*, *Tumat Met* 25:12.

22. *Sefer HaChinuch* 173, *Likutey Halachot* (*Yorê Deá*) *Nedarim* 2:11, *Micvê* 1:1, *Hechsher Kelim* 4:12, *Dover Tsedec* (R. Tsadoc de Lublin) p. 7b; *Hirsch* sobre Êxodo

29:4, Levítico 11:47. Veja *Bereshit Rabá* 4:1, 5:2, *Yerushalmi Chaguigá* 2:1 (8b), *Zohar Chadash* 12a, Rashi sobre Gênesis 1:1, Salmos 104:3.

23. *Yalkut Shimoni* 1:3 (sobre Gênesis 1:8), *Keset HaSofer* (R. Aaron Marcus) sobre Gênesis 1:2, *Likutey Halachot (Yorê Deá)* Micvê 1.

24. *Chulin* 89a.

25. *Likutey Halachot loc. cit.* 1:1, *Dover Tsedek loc. cit.*

26. *Yomá* 85a, *Bechorot* 46b, de Gênesis 7:22.

27. *Likutey Halachot (Yorê Deá)* *Hechsher Kelim* 4:20 (143c).

28. *Likutey Halachot, loc. cit.* 4:18,37. Cf. Provérbios 30:16.

29. *Shabat* 129a, *Nidá* 21a, *Ohalot* 7:4.

30. *Sifra* sobre Levítico 11:36.

31. *Terumot* 9:7, *Maasrot* 5:2, *Pessachim* 34a, *Yerushalmi Maasrot* 5:1 (22b), *Sifra* sobre Levítico 11:38. *Yad, Tumat Ochlin* 2:19, *Kesef Mishnê ad loc.*



Quando se  
usa o Micvê





## NIDÁ

O uso mais geral do *Micvê* é para a purificação da mulher após o seu ciclo menstrual. Apesar disto referir-se fundamentalmente às mulheres casadas, também tem implicações importantes para moças solteiras.

De acordo com a definição da Torá, uma mulher tem o estado de uma “*Nidá*”, desde o momento que menstrua até o momento em que imerge num *Micvê*. Assim, a Torá diz (Levítico 15:19): “Quando uma mulher tem uma perda de sangue, onde o sangue flui do seu corpo, ela é uma *Nidá* durante sete dias”. Como veremos, ela retém este estado até imergir no *Micvê*.

A palavra *Nidá* vem da palavra *Nadad*, que significa “removido” ou “separado”.<sup>1</sup> Portanto, a própria palavra indica que ela deve suprimir todo contato físico com o seu marido. A palavra *Nidá* não se refere à menstruação, mas à sua necessidade de separação. Tanto o nome como o estado de uma *Nidá* são retidos por uma mulher até ela mudar este estado mediante a imersão num *Micvê*.

A Torá proíbe abertamente todo contato sexual entre um homem e uma mulher que tem o estado de uma *Nidá*. Assim, achamos no mandamento (Levítico 18:19): “Não chegarás (nem sequer) perto de descobrir a nudez de uma mulher que está impura como *Nidá*”.<sup>2</sup>

A relação sexual entre um homem e uma mulher no estado de *Nidá* é considerada um pecado muito grave. A Torá nos diz (Levítico

20:18): “Se um homem se deitar com uma mulher que é uma *Nidá*, e descobrir sua nudez (...) ambos serão afastados do seu povo”.

A expressão “eles serão afastados”, refere-se à penalidade do *Carê*t. Esta é a mesma penalidade que encontramos para o incesto entre irmão e irmã,<sup>3</sup> violar o *Yom Kipur*, ou comer pão em *Pessach*.<sup>4</sup>

A expressão “afastados” não se refere a nenhum tipo de mutilação ou incomunicação. Trata-se de uma penalidade espiritual onde a pessoa é “cortada” de sua fonte espiritual.<sup>5</sup> O indivíduo perde sua capacidade de sentir e apreciar o espiritual e o Divino e, assim, torna-se “afastado” dos elementos mais importantes da vida como judeu. A única maneira de uma pessoa reunir-se com a fonte espiritual é arrepender-se sinceramente perante D’us, com a resolução de nunca mais repetir o ato.<sup>6</sup>

A proibição do contato sexual entre um homem e uma mulher que é uma *Nidá* é considerada muito séria. Talvez isto esteja mais bem expressado nas palavras do Profeta Ezequiel, que diz (Ezequiel 18:5,6): “Se um homem for digno, e fizer justiça e caridade ... Ele não corromperá a esposa do seu vizinho, nem se aproximará de uma mulher que é uma *Nidá*”. O profeta equipara a relação sexual com uma mulher nesse estado ao adultério cometido com a esposa de outro homem.

O fato de uma mulher sair do estado de *Nidá* pela imersão num *Micvê* é conhecido primariamente pela Torá Oral, que foi transmitida por D’us ao povo judeu no Sinai, junto com a Torá Escrita.

Como muitas outras coisas na Lei Oral, isto também está referido na Torá Escrita. A Torá diz sobre uma *Nidá* (Levítico 15:28): “Ela deverá contar sete dias, e depois ela estará purificada”. Após contar sete “dias limpos”, uma mulher deve passar por um processo normal de purificação ritual. Como vimos, o meio universal para tal purificação é a imersão num *Micvê*, e isto também é necessário para

remover o estado de *Nidá*.<sup>7</sup> Apesar da proibição contra o sexo para uma *Nidá* não estar diretamente relacionada com a impureza ritual (*Tumá*), o meio de mudar este estado é assemelhado a um processo de purificação.<sup>8</sup>

Outra alusão para o fato do estado da *Nidá* ser removido pela água é encontrado no exame que a Torá faz da imersão dos recipientes. A Torá afirma (Números 31:23): “Ficará puro somente se for purgado em água para uma *Nidá*”. De acordo com o *Talmud*, isto indica que os recipientes precisam ser imersos num *Micvê*, exatamente como uma *Nidá*.<sup>9</sup>

O fato de que uma *Nidá* tinha de imergir, estava bem estabelecido na Torá Oral, mesmo sem essas alusões. Vemos que o Profeta dá isto por certo quando diz (Zacarias 13:1): “Nesse dia, uma fonte será aberta para a casa de David e para os habitantes de Jerusalém, para purgação e para a *Nidá*”.<sup>10</sup> Disto, vemos claramente que era um fato bem estabelecido que uma *Nidá* precisava da imersão para sua purificação.

O uso do *Micvê* é um dos aspectos mais importantes da vida matrimonial judia. Num certo sentido, é ainda mais importante para o laço matrimonial que a cerimônia do casamento, e pode ser visto como uma renovação mensal do casamento.

Como a maioria das leis que abrange o *Micvê*, as que envolvem um *Micvê* são “decretos” (*Chukim*), para os quais a Torá não dá nenhum fundamento. Não obstante, como todas essas leis, tem uma lógica subjacente inata.

O *Talmud* fornece uma “razão” que está relacionada com o nosso exame do assunto. Como as regras da *Nidá* exigem que a mulher fique fisicamente separada do seu marido pelo menos doze dias cada mês, o casal experimenta uma lua de mel virtual após a imersão da esposa. Ao contrário de muitos casais; cuja vida sexual torna-se quase

monótona e desgastada após alguns anos, um marido e uma mulher que respeitam as regras da *Nidá* experimentam uma renovação contínua.<sup>11</sup>

Muitos casais que começam a cumprir essas exigências em uma época avançada do casamento, relatam que têm um novo estímulo no seu relacionamento. Durante a gravidez, quando o ciclo da *Nidá* é interrompido, muitos casais antecipam ansiosamente um retorno aos períodos da separação, e a “lua de mel” mensal que as leis da *Nidá* propiciam.

As regras que envolvem a *Nidá* e o *Micvê* estão bastante presentes, e todo casal comprometido ou casado deveria tentar familiarizar-se com elas. Aulas são dadas em muitas das grandes comunidades, e todo rabino competente ficaria feliz de proporcionar literatura e outras informações para casais interessados. De modo geral, no entanto, a exigência principal é que uma mulher conte sete dias “limpos” na maneira prescrita ritualmente, após o final da sua menstruação, e que depois remova seu estado de *Nidá* mediante a imersão num *Micvê*.

Apesar das leis da *Nidá* serem geralmente examinadas dentro do contexto do casamento, elas são igualmente importantes para as moças solteiras. Desde a época em que uma moça começa a menstruar, ela assume o estado de *Nidá*, esteja ela casada ou não.<sup>12</sup> Desde o instante de sua primeira menstruação até que imerge no *Micvê* com o casamento, ela conserva este estado.

Isto possui muitas implicações importantes. O judaísmo proíbe a relação sexual antes do casamento nos termos mais rigorosos.<sup>13</sup> Mesmo que uma moça ainda não tenha começado a menstruar, ou no caso em que ela tenha imergido desde a sua última menstruação, a relação sexual antes do casamento ainda é proibida.<sup>14</sup> A Torá afirma (Deuteronômio 23:18): “Não haverá prostitutas entre as filhas de

Israel”. De acordo com a definição da Torá, a prostituição inclui todas as formas de sexo fora do casamento, e não tem nada a ver com o pagamento pelo ato. Assim, todo casal que praticar relações sexuais fora do casamento estará violando o mandamento que proíbe a prostituição.

## NOTAS

1. Rashi sobre Levítico 15:19, *Targum* sobre Levítico 12:12, 15:19, Rashbam, Bachya, Hirsch, sobre Levítico 12:12, Ibn Ezra sobre Números 19:9, Radak sobre Isaías 30:22, Rashi, *Shabat* 64b “*BeNidatá*”.
2. *Sefer HaMitsvot*, mandamento proibitivo 348.
3. Levítico 20:17, *Sefer HaMitsvot* mandamento proibitivo 331.
4. Êxodo 12:15,19, Levítico 23:29,31, *Sefer HaMitsvot*, mandamentos proibitivos 196, 197.
5. *Zohar* 2:142b, *Nefesh HaChaim* 1:18, *Likutey Amarim (Tanya)* 3:5 (95b), *Or HaChaim* sobre Levítico 17:10. Para um exame mais detalhado Veja *Emunot VeDeot* 9:9 (88a), Ramban sobre Levítico 15:31, 18:29, *Shaar HaGmul* 78a, de *Rosh Hashaná* 17a, Bachyê sobre Gênesis 18:25, Abarbanel sobre Números 15:23.
6. *San’hedrin* 90b, *Macot* 13b, *Yad*, *Teshuvá* 6:2, Rashi sobre Números 15:31, *Pri Megadim*, introdução a *Orach Chaim* 3:19.
7. *Targum J. ad loc.*, *Torá Temimá* sobre Levítico 15:33. Cf. *Yad*, *Issurey Biá* 4:3, 11:16, de Levítico 15:18, cf. *Sifra ad loc.* Uma *Nidá* está na mesma categoria de um *Zav* e, portanto, sua purificação é a mesma. Cf. Ramban sobre Levítico 15:23. Os *Guenoim* derivam esta imersão logicamente do fato de que até as coisas tocadas por uma *Nidá* devem ser imersas. Veja *Tossafot*, *Yebamot* 47b “*BaMakom*”, *Chaguigá* 11a, “*Lo Nitsracha*”, *Yomá* 78a “*MiKan*”, *Sefer Mitsvot Gadol* (Smag), mandamento positivo 248, *Hagahot Maimoni* sobre *Yad*, *Issurey Biá* 4:3, Bachyê sobre Levítico 15:19.
8. Rashi, *Yebamot* 47b, “*Chotsets*”. Cf. *Kuzari* 3:49 (55a).
9. *Avodá Zará* 75b, *Tossafot*, *loc. cit.*
10. Radak *ad loc.*, *Yomá* 78a, *Yerushalmi Shekalim* 6:2 (26a), Hirsch sobre Números 31:23.
11. *Nidá* 31b. Esta, contudo, não é a única razão – daí que as leis da *Nidá* se aplicam igualmente bem a uma moça solteira. Veja *Sefer HaChinuch* 95, *Torat*

*HaShelamim* (sobre *Yorê Deá*) 183:4, *Tiferet Yisrael* (*Kereti U'Pleti*) 183:3, *Darkey Teshuvá* (sobre *Yorê Deá*) 183:13.

12. *Yorê Deá* 183:1 em *Hagá*.

13. *Shaarey Teshuvá* (R. Yona) 3:95.

14. *Tshuvot Rivash* 425.

# CONVERSÃO

Outro uso importante do *Micvê* está relacionado com a conversão. Como vimos antes, a imersão no *Micvê* é parte integrante do processo de conversão, sem o qual um não judeu não pode entrar para as fileiras do judaísmo. No caso de um homem, a imersão deve ser precedida pela circuncisão ritual, e para uma mulher, a imersão em si mesma representa todo o ritual da conversão.

Quando um convertido abraça o judaísmo, de fato ele está repetindo o que o povo judeu fez quando começou a existir.

O relacionamento especial entre D'us e Israel foi estabelecido para todas as gerações através de um juramento e uma promessa Divina. A Torá explica isto quando diz (Deuteronômio 29:9-14):

Estais de pé perante o Senhor vosso D'us ... para entrar na promessa Divina do Senhor vosso D'us – e no Seu Juramento – que o Senhor vosso D'us está fazendo com vós hoje – que Ele possa estabelecer-vos este dia como Seu próprio povo, e que Ele possa ser vosso D'us, como Ele vos prometeu, e como Ele jurou aos vossos pais, Abraão, Isaac e Jacob. Não é convosco somente que estou fazendo esta promessa Divina e este juramento ... mas também com aqueles que não estão aqui neste dia.

Estes versículos mencionam duas coisas com as quais a Torá foi aceita: um juramento e uma promessa Divina.

O juramento foi feito pouco depois que Israel atravessou o Jordão e entrou na Terra Prometida, sob comando de Josué. Toda a nação de

Israel ficou parada entre o Monte Ebal e o Monte Guerizim, e o juramento foi administrado pelos Levitas. O juramento, prescrito pela Torá, estipula que os Levitas declarem (Deuteronômio 27:26): “Maldito seja aquele que não sustenta as palavras desta Torá e as cumpre – e todo o povo dirá *Amen*”.<sup>15</sup> Com isto, todas as gerações de judeus ficaram sujeitos a cumprir a Torá como se cada uma delas tivesse feito pessoalmente um juramento de aceitá-la e executá-la.<sup>16</sup>

A promessa Divina foi feita antes da outorga dos Dez Mandamentos no Monte Sinai. Ela se constitui basicamente de três coisas: circuncisão, imersão no *Micvê* e uma oferenda.<sup>17</sup>

A circuncisão de todos os homens teve lugar antes do primeiro *Pessach*, pouco antes do Êxodo do Egito. A Torá afirma que a oferenda de *Pessach* não podia ser consumida por um homem não circuncidado. Portanto, todos os homens que celebraram o primeiro *Pessach* tiveram de ser circuncidados. Assim, achamos que (Josué 5:5), “todo o povo que saiu [do Egito] estava circuncidado”.<sup>18</sup>

A segunda parte da promessa Divina foi uma oferenda, que foi feita em nome de toda a nação judaica, pouco antes da entrega da Torá. Assim achamos (Êxodo 24:5-8): “E [Moshé] mandou homens jovens dos filhos de Israel, que ofereceram oferendas queimadas ... a D’us ... E [o povo] disse, ‘Tudo o que D’us falou, nós faremos e nós ouviremos (*Naassê Venishmá*)’ ... E [Moshé] disse, ‘Este é o sangue da promessa Divina que D’us fez convosco’”.

A parte final da promessa Divina consistiu em todo o povo imergindo no *Micvê*. Imediatamente antes que os Dez Mandamentos fossem dados, achamos que D’us disse a Moshé (Êxodo 19:10): “Vá ao povo, e santifica-os hoje e amanhã, e faz com que eles *lavem as suas roupas*. E fiquem prontos para o terceiro dia, porque no terceiro dia D’us descera à vista de todo o povo, no Monte Sinai”.



A ordem para “lavar suas roupas” parece surpreendente, até que olhamos as leis gerais sobre a purificação. Ali, achamos que sempre que uma pessoa precisa “lavar suas roupas”, também lhe será exigido imergir no *Micvê*. Quando a Torá afirma que um indivíduo precisa lavar suas roupas, isto significa que ele precisa purificar suas roupas *assim como* o seu corpo no *Micvê*. Assim, sabemos pela tradição que uma parte importante da preparação para o recebimento dos Dez Mandamentos consistiu na imersão no *Micvê*.<sup>19</sup>

Achamos outra alusão a isto na mais bela parábola dada pelo Profeta Ezequiel. Ele assemelha Israel a uma criança abandonada, que foi deixada de lado pelos seus pais, quando nasceu. D’us ampara esta pequena menina, cuidando dela e criando-a para ser uma princesa. Depois, D’us diz (Ezequiel 16:8,9): “Teu tempo foi o tempo do amor. Eu espalhei Minha roupa sobre ti, e cobri a tua nudez. Eu te jurei, e entrei numa promessa Divina contigo – diz o Senhor D’us – e tu te tornaste Minha. Depois Eu te lavei na água ...”. Esta lavagem refere-se à imersão dos judeus antes da entrega dos Dez Mandamentos.<sup>20</sup>

Quando uma pessoa se converte ao judaísmo, ela precisa entrar na promessa Divina, da mesma forma que o fez Israel quando aceitou a Torá pela primeira vez. Assim, a Torá diz (Números 15:15): “Como sou, assim serão os convertidos (*Guer*) perante D’us”.<sup>21</sup> Todo homem que se converter para o judaísmo deverá portanto passar pela cerimônia especial da circuncisão ritual. Se ele já estiver circuncidado, “sangue da promessa Divina” (*Dam Brit*) deverá ser extraído. Tanto os homens como as mulheres deverão então ser submetidos à imersão. Quando o Templo Sagrado (*Beit Hamicdash*) existia em Jerusalém, e o sistema sacrificial estava em vigor, o terceiro elemento da conversão incluía trazer um sacrifício. Este sacrifício, no entanto, não é mais exigido, agora que o Templo e o sistema sacrificial deixaram de existir.

O ritual da imersão, assim como a circuncisão, não é algo que um convertido possa fazer por si só. Como significam uma mudança importante no estado comunal de uma pessoa, devem ser tratados como uma função da comunidade. Portanto, esses rituais podem ser administrados por uma corte rabínica de três homens. A menos que isto seja feito na presença dessa corte, a conversão não é válida.<sup>22</sup>

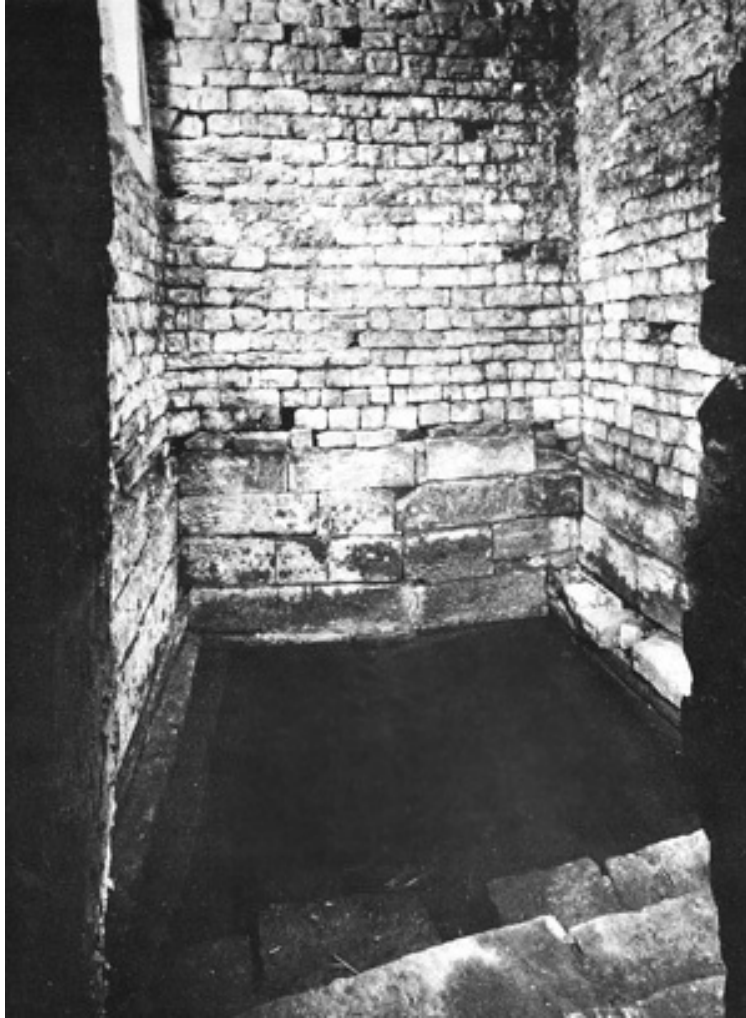
A imersão num *Micvê* não somente é o ritual principal da conversão, mas também era o meio através do qual todos os judeus entravam originalmente na promessa Divina com D'us. O *Micvê* tem suas raízes no Sinai, como um dos rituais judaicos mais antigos.

Inclusive, há evidências de que o ritual da imersão remonta ao tempo dos Patriarcas. Uma das principais diferenças entre Abraão e outros religiosos que viveram antes dele é que Abraão estava profundamente preocupado com os outros, e ensinou, àqueles que o rodeavam, sobre D'us. Não apenas Abraão espalhou os ensinamentos de D'us como também ele iniciou uma nova fé que iria tornar-se o judaísmo. De acordo com a tradição, Abraão literalmente converteu o povo à sua nova fé.<sup>23</sup> Esta tradição de converter os outros foi seguida por Isaac e Jacob.<sup>24</sup>

Então, surge a pergunta: como Abraão converteu aqueles que desejavam entrar em sua nova fé? Achemos uma pista na estória dos três anjos que visitaram Abraão. A primeira observação de Abraão para eles foi (Gênes 18:4): “Agora peguem um pouco de água, e lavem os seus pés”. O *Zohar* explica que isto fazia alusão ao fato de que Abraão tinha um *Micvê*, e imergia os estranhos nele.<sup>25</sup> O motivo dos pés estarem especificados para a lavagem era que ele suspeitava que pudessem ser adoradores de ídolos, que “se abaixam até o pó dos seus pés”.<sup>26</sup> De acordo com isto, o ritual da imersão num *Micvê* originou-se com Abraão.



*Micvê de Colônia (Alemanha, 1170).*



*Micvê de Worms (Alemanha, 1186).*

## NOTAS

15. *Targum J.*, Rashi, Ramban, *ad loc.*, *Sotá* 37b, *Shvuot* 37a. Veja Josué 8:33, 34.
16. *Shvuot* 29a, Maharsha *ad loc.* “*KeSheHishbia*”, Rashash *ibid.* , *Nedarim* 25a. Veja também *Nedarim* 8a, *Nazir* 4a, *Yad*, *Nedarim* 3:7, *Shvuot* 11:3, *Shach*, *Yorê Deá* 119:22, HaGra, *Yorê Deá* 228:99, Maharits Chayot sobre *Nedarim* 8a, *Nazir* 4a.
17. *Keritut* 9a, *Yad*, Issurey Biá 13:1.
18. Veja Êxodo 12:48, Josué 5:5, *Yebamot* 71b. Veja também Radal (sobre *Pirkey DeRabi Eliezer*) 29:1,49; Ramban, sobre *Yebamot* 46a “*SheKen*”.
19. *Mechilta*, Ramban *ad loc.*, *Yebamot* 46b, *Yad*, *loc. cit.*
20. Radak, Abarbanel *ad loc.*
21. *Keritut* 9a, *Yad*, Issurey Biá 13:4.

22. *Yebamot* 46b, *Tossafot ad loc.* “*Mishpat*”, *Yad*, *Issurey Biá* 13:6, *Yorê Deá* 268:3, *Shach ad loc.* 268:8,9.
23. *Sifri* (32) sobre Deuteronômio 6:5, *Avot DeRabi Natan* 12:8, *Bereshit Rabá* 39:14, *BaMidbar Rabá* 14:1, Rashi sobre Gênesse 12:5.
24. *Bereshit Rabá* 89:4, *Bachyê* sobre Gênesse 12:5.
25. *Zohar* 1:102b. Cf. *Sifra*, Rashi, sobre Levítico 15:11, *Yad*, *Mikvaot* 1:2. Veja também *Shaar Ruach HaKodesh* p. 36.
26. Rashi sobre Gênesse 18:4, *Baba Metsia* 86b.

# Potes e Pratos

A última área onde o uso de um *Micvê* é exigido pela Lei Judaica é para potes, pratos e outros utensílios para comida. De todos os usos do *Micvê*, talvez este seja o menos conhecido, apesar de ter fundamental importância.

Resumindo, a lei exige que qualquer utensílio para comida feito de metal ou de vidro fabricado por não judeu ou de sua propriedade, seja imerso num *Micvê* antes que possa ser usado para alimentos ou bebidas.<sup>27</sup>

Esta regra não tem nada a ver com a *Kashrut*. Antes, esta imersão é uma forma de “conversão” para os utensílios, muito similar à exigida de uma pessoa que se converte ao judaísmo.<sup>28</sup> Assim, ela é exigida até para utensílios totalmente novos, que nunca foram usados antes. Quando um utensílio foi utilizado para um alimento não *kasher*, ele precisa tornar-se *kasher* e só então ser imerso.<sup>29</sup> As regras para tornar objetos *kasher* são muito complexas para serem incluídas aqui, e uma autoridade rabínica competente deverá ser consultada, onde for necessário.

Antes da imersão dos utensílios de metal ou de vidro previamente de propriedade de um não judeu, a seguinte bênção é dita:<sup>30</sup>

בָּרוּךְ אַתָּה יְיָ אֱלֹהֵינוּ מֶלֶךְ הָעוֹלָם אֲשֶׁר קִדְּשָׁנוּ בְּמִצְוֹתָיו  
וְצִוָּנוּ עַל מְבִילַת כֶּלִי (לרבים כלים):

*Baruch Atá Ado-nai Elo-hênu Melech HaOlam Asher Kideshanu Bemitsvotav Vetsivanu Al Tevilat Keli (no plural: Kelim).*

Bendito sejas, Ó Senhor, nosso D'us, Rei do universo, Quem nos fez sagrados com Seus mandamentos e nos ordenou que imerjamos um utensílio (utensílios).

Isto é similar à bênção *Al Hatevilá* (sobre a imersão) dita por uma *Nidá* e um convertido, quando imergem num *Micvê*.

A lei que exige que os utensílios sejam imersos é derivada primariamente da Torá Oral.<sup>31</sup> Não obstante, a Torá Escrita faz alusão a ela, dentro de um contexto muito interessante.

Perto do fim dos quarenta anos dos judeus no deserto após deixarem o Egito, pouco antes de atravessarem para entrar na Terra Prometida, eles chegaram perto da terra de Moab. A Torá nos diz que (Números 25:1,2): “O povo começou a cometer prostituição com as filhas de Moab. E [as moças moabitas] chamaram o povo para fazer sacrifícios para os seus deuses, e o povo comeu e reverenciou aos seus deuses”. Como resultado, estourou uma guerra entre os israelitas e os moabitas. Os israelitas saíram vitoriosos, e voltaram com uma quantidade considerável de despojos de guerra.

Então, D'us lhes ordenou (Números 31:22,23): “O ouro, a prata, o cobre, o ferro, o estanho e o chumbo – tudo o que vem através do fogo, haveis de trazer através do fogo – e ficará puro somente se for purgado em água para uma *Nidá*. E tudo o que não vem através do fogo [somente precisareis] trazer através da água”.

A Torá nos diz que os utensílios de metal que os israelitas trouxeram de volta como despojos de guerra tinham de ser submetidos a uma purificação especial, antes de poderem ser usados.



Caso estivessem cozinhando em utensílios que eram usados sobre o fogo – que “vem através do fogo” – eles teriam que ser submetidos ao processo *kasher*, aquecendo-os em fogo, como de fato diz a lei.<sup>32</sup> No entanto, isto não é suficiente. Antes que esses recipientes pudessem ser usados, eles também teriam de ser “purgados em água para uma *Nidá*”, ou seja, imersos no mesmo tipo de *Micvê* exigido para uma *Nidá*.<sup>33</sup> Já os utensílios não utilizados sobre o fogo deverão somente ser muito bem lavados e imersos no *Micvê*.

Disto aprendemos duas coisas. Primeiro, que todos os utensílios de metal produzidos por um não judeu devem ser imersos antes de poderem ser usados. Segundo, que quando os recipientes precisam ser submetidos ao processo *kasher*, isto tem de ser feito antes de sua imersão.

Nossos Sábios assemelham a mesa a um altar e, portanto, todo utensílio utilizado numa mesa judaica tem de ser santificado, exatamente como os recipientes utilizados sobre o Altar do Templo Sagrado (*Beit Hamicdash*).<sup>34</sup> Isto faz parte da santificação, por parte de um judeu, de todos os elementos de sua vida.

Como todas as outras leis que incluem o *Micvê*, esta é um *Chok* ou “decreto”, para o qual não é dada nenhuma razão. De fato, ao introduzir esta regra, a Torá afirma abertamente (Números 31:21): “Este é o decreto (*Chuká*) da Torá, que D’us ordenou a Moshé”. Não obstante, esta regra ainda tem um grau de lógica.

O uso dos metais representa um dos passos fundamentais do homem para a civilização. O Rabino Samson Raphael Hirsch explica que um utensílio de metal é o sinal mais visível do domínio inteligente do homem sobre a terra e os seus materiais.<sup>35</sup> Não somente a forma, mas o uso do material em si, proclamam este fato.

Isto explica por que recipientes de metal têm um estado especial. Como o vidro é processado e fundido como metal, ele também tem o



seu *status*.

Comer, por outro lado, é uma atividade que pertence primariamente à esfera animal da natureza humana. Quando um utensílio de metal é utilizado para comer, isto então representa as mais altas faculdades mentais humanas, sendo empregadas para servir a sua natureza animal.

Porém, a Torá exige que até a mais física das atividades humanas seja elevada até o campo de ação do espiritual. Antes de usar um utensílio de metal para comer, precisamos santificá-lo e elevá-lo a um nível de santidade, pela imersão num *Micvê*.

Por sua vez, o recipiente santificará o alimento nele servido. Desta maneira, os utensílios que um judeu usa para comer tornam-se algo como os recipientes consagrados do Templo Sagrado, que santificava tudo o que neles era colocado.<sup>36</sup>



Purificação de utensílios no *Micvê* (gravura da Hagadá Sefaradita, século XIV) –  
*Museu Britânico de Londres.*

## NOTAS

- 27. *Avodá Zará* 5:12 (75b), *Yad*, *Maachalot Assurot* 17:3, *Yorê Deá* 120.
- 28. *Yerushalmi*, *Avodá Zará* 5:15 (37b). Cf. *Torpa Temimá* sobre *Números* 31:23,32.
- 29. *Yorê Deá* 121:1.

30. *Yorê Deá* 120:3, Meiri, *Avodá Zará* 75b, Rosh, *Pesachim* 1:10, Mordecai, *Pesachim* 538, *Avodá Zará* 849 (nota).
31. Em *Yad*, *Maachalot Assurot* 17:5, isto é chamado de uma lei do *Divrey Sofrim*. Em geral, Rambam usa a expressão para denotar qualquer lei derivada da Torá Oral. Veja *Sefer HaMitsvot*, *Shoresh* 2 (26b), *Kesef Mishnê* sobre *Ishut* 1:2. Portanto, achamos que *Tshuvot Rashba* 3:255, citado em *Beit Yossef*, *Yorê Deá* 120 (191b), sustenta que Rambam o toma como uma Lei da Torá. Cf. *Lechem Mishnê ad loc.* No entanto, Veja Ran, *Avodá Zará* (Rif 39b) “*Mishkanta*” que escreve que Rambam a considera uma lei rabínica, Veja Meiri, *Avodá Zará* 75b, Radbaz, *Kesef Mishnê*, sobre *Yad*, *loc. cit.*, *Terumat HaDeshen* 156 (citado em *Beit Yossef*, *loc. cit.*) e Raavad (citado em Ran, *loc. cit.* e *Torat HaBayit* 4:4) sustenta ser uma Lei da Torá. Cf. *Chiduskey Hagáot* sobre *Tur*, *Yorê Deá* (120:6, Meiri, *Avodá Zará*, Ramban sobre Números 31:23, escreve que é uma lei rabínica. Cf. Hirsh sobre Levítico 11:32. *Tossafot*, citado nas notas 7 e 9, no entanto, com clareza afirma ser uma Lei da Torá.
32. Sifri *ad loc.*, *Avodá Zará* 75b, *Orach Chaim* 451:4.
33. Targum J., Rashi, Ibn Ezra, Ramban, *ad loc.*, *Avodá Zará* 75b.
34. *Berachot* 55a, *Chaguigá* 27a, *Menachot* 97a, *Orach Chaim* 167:5 em *Hagá, Maguen Avraham* 180:4. Veja Ezequiel 41:22.
35. Hirsch sobre Números 31:23.
36. Cf. *Zevachim* 9:7 (86a), 87a, de Êxodo 30:29, *Yad Pessuley HaMukdashin* 3:18.

## COSTUMES

Nos casos discutidos antes, *Nidá*, conversão e utensílios, a imersão no *Micvê* é exigida pela lei da Torá. Existem muitos outros casos onde a imersão num *Micvê* é costumeira. Nesses casos, não se diz nenhuma bênção sobre a imersão.

É costumeiro que um apóstata penitente imerja num *Micvê*. Uma pessoa que “se converte” a outra religião ainda é considerada judia, e não precisa de nenhuma conversão formal para voltar para o judaísmo. Não obstante, é costumeiro que ele faça a imersão, como sinal de arrependimento e renascimento espiritual.<sup>37</sup>

A imersão no *Micvê* é um ato de autorrenovação e renascimento. Portanto, é costumeiro imergir como sinal de arrependimento. Por este motivo, muitos judeus imergem antes do *Yom Kipur* e – de fato – este costume é trazido nos códigos.<sup>38</sup> Algumas pessoas imergem também antes de *Rosh Hashaná*.<sup>39</sup>

Como a imersão no *Micvê* indica uma mudança de estado, muitas pessoas, especialmente os judeus chassídicos, seguem o costume de imergir na sexta-feira à tarde, como parte de sua preparação para o *Shabat*. O *Shabat* está num nível espiritual completamente diferente dos outros dias da semana, e a imersão no *Micvê* indica esta mudança de estado.<sup>40</sup>

É costume imergir três vezes ao ir ao *Micvê*. O motivo disto é porque a palavra *Micvê* aparece três vezes na Torá.<sup>41</sup>

## NOTAS

37. *Yorê Deá* 268:12 em *Hagá*, 267:8 em *Hagá*, *Taz* 267:5, *Maguen Avraham* 326:8, *Machatsit HaShekel ad loc.*; *Nimukey Yossef*, *Yebamot* (Rif. 16b) “*Kidushav*”; *Maharil*, *Erev Yom Kipur* (44a), *Avot DeRabi Natan* 8:8. Veja também *Tshuvot HaGaonim* (*Shaarey Tsedec*) 3:6:8 (24b), *Tshuvot Rashba* 5:6, *Makor Chessed* (sobre *Sefer Chassidim*) 203:1
38. *Mordechai*, *Yomá* 723, *Rosh* 8:24, *Rokeach* 214, *Sefer Chassidim* 394, *Abudraham*, *Erev Yom Kipur* (p. 279), *Maharil loc. cit.*, *Menorat HaMaor* 5:2:2:1 (295), de *Pirkey DeRabi Eliezer* 46; *Orach Chaim* 606:4, *Taz* 606:5, *Beer Hetev* 606:68, *Tshuvot Chavot Yair* 181.
39. *Orech Chaim* 581:4 em *Hagá*; *Kol Bo* 67 (p. 27a).
40. *Zohar* 2:204a, *Yessod VeShoreish Haavodá* 8 (Jerusalém 5725) p. 213, *Shaar HaKavanot* 2:25, *Shnei Luchot HaBrit* 1:167a.
41. *Sefer Chassidim* 394, *Rokeach* 214 (p. 103), *Shnei Luchot HaBrit* 1:167a, *Maharil loc. cit.*, *Maguen Avraham* 606:8, *Taz* 606:5. As três vezes são Gênesis 1:10, Êxodo 7:10 e Levítico 11:36. D’us é também chamado de “*Micvê*” de Israel em três textos de Jeremias: 14:8, 17:13 e 50:7.

Um olhar  
mais profundo



# O RIO DO ÉDEN

*D'us plantou um jardim no Éden, a leste, e ali colocou o homem que Ele tinha formado. E D'us fez que do solo crescessem todas as árvores que são agradáveis de ver e boas para comer – e a Árvore da Vida no meio do jardim, e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. E um rio saiu do Éden para regar o jardim, e dali ele se dividiu, e formou quatro nascentes ... E D'us pegou o homem, e o colocou no Jardim do Éden para trabalhá-lo e observá-lo. E D'us ordenou ao homem, dizendo, “De cada árvore do Jardim, poderás comer. Mas da Árvore do Conhecimento, no meio do Jardim, não poderás comer – porque no dia que dela comeres, morrerás”.*

Gênese 2:8-17

Este relato conta como D'us criou o homem, e depois o colocou no Jardim do Éden, que representa o estado aperfeiçoado do homem. O homem recebeu um mandamento – abster-se de comer o fruto da Árvore do Conhecimento. Quando o relato termina, a serpente tenta Eva e tanto ela como o seu marido comem o fruto proibido. Depois, o homem é afastado da vida idílica do Jardim do Éden, e precisa viver no mundo exterior. Isto representa o estado imperfeito do homem hoje em dia.

No entanto, há um elemento desconcertante neste relato. Exatamente no meio da história, a Torá de repente fala do rio que saiu do Éden, dando uma descrição detalhada do rio e dos seus tributários, interrompendo a narrativa sem nenhum motivo aparente. Isto é ainda mais desconcertante porque o rio não é mencionado nunca mais em todo o relato. Além disto, toda a história do Éden nos ensina uma lição muito importante sobre o homem e sua condição, e neste contexto, a descrição do rio parece ainda mais fora de lugar.

Para explicar a inclusão dos rios, primeiro temos de captar o conceito de perfeição humana, o conceito do mal, e a ideia do pecado de Adão.

Toda pergunta básica que possamos formular sobre o judaísmo começa por uma indagação fundamental: por que D'us criou o mundo? Logicamente, num grau maior, esta pergunta não tem resposta. Não podemos entender a D'us, e certamente não podemos entender os Seus motivos. Todavia, podemos sondar essas razões que D'us, Ele Próprio revelou na Sua Torá e aos Seus profetas.

O que aprendemos dessas fontes é que D'us criou o mundo como um ato de puro altruísmo, para fazer o bem.<sup>1</sup> Ele criou um mundo, e colocou o homem sobre ele, para que o homem fosse recipiente do Seu bem.

Qual é esse bem que D'us desejava dar ao homem? Nossos Sábios nos ensinam que a intenção de D'us não ficaria satisfeita oferecendo menos que o bem derradeiro.

Mas, qual é esse maior bem possível que D'us pode dar ao homem? A resposta é que o maior bem possível é D'us, Ele Mesmo. Portanto, o bem que D'us destinou ao homem foi a capacidade de parecer-se com Ele, e aproximar-se Dele.<sup>2</sup>

Para que isto fosse possível, o homem tinha de ser criado em absoluto livre-arbítrio. Caso contrário, ele seria pouco mais que uma



marionete ou um robô. Por outro lado, com livre-arbítrio, o homem é criado “à imagem de D’us”.<sup>3</sup> Exatamente como D’us age como um Ser livre, o homem também age. Assim como Ele age sem restrições prévias, o homem também. Da mesma forma que D’us pode fazer o bem como um assunto do Seu próprio livre-arbítrio, o homem também pode.

Assim como o homem precisa ter livre-arbítrio, ele também precisa ter liberdade de escolha. Um homem fechado em uma prisão tem o mesmo livre-arbítrio que qualquer outro; todavia, pouca coisa pode fazer com ele. Para que o homem se pareça com o seu Criador até o maior grau possível, ele precisa funcionar em uma arena onde tenha a máxima liberdade de escolha. Quanto mais o homem se parecer com D’us na Sua onipotência, mais se assemelhará a Ele em Sua livre escolha do bem.

Para tornar real esta liberdade de escolha, D’us tinha de criar a possibilidade do mal.<sup>4</sup> Se somente fosse possível o bem, não haveria liberdade de escolha, e o bem não produziria nenhuma mudança benéfica. Para usar uma metáfora talmúdica, seria como carregar uma lâmpada em plena luz do dia.<sup>5</sup>

Porém, originalmente, este mal não era parte integrante do homem. O homem era uma criatura perfeitamente integrada, que não tinha nenhum desejo interior ou compulsão para fazer o mal. Pelo contrário, a inclinação natural do homem era viver em perfeita harmonia, tanto com o seu meio ambiente, quanto com o seu “eu” espiritual. Como tal, o homem não tinha conflitos, frustrações, compulsões ou falta de autocontrole. Ele tinha a capacidade de construir uma sociedade perfeita, onde cada indivíduo podia crescer, desenvolver-se, e servir a D’us até o máximo da sua capacidade.

Este era o estado do homem no Jardim do Éden. Ele vivia uma vida idílica, sem trabalho nem esforço, com sua mente livre para

contemplar a sabedoria, e sua alma livre para conversar intimamente com D'us.<sup>6</sup> Seu alimento estava ao alcance de sua mão, e ele não precisava nem de roupas, nem de refúgio.<sup>7</sup>

O mal não fazia parte do homem, era uma força externa que podia ser evitada facilmente. Isto era representado pela Serpente no Jardim, que não fazia parte da composição do homem, era algo externo a ele. O homem podia se debater com este mal, ou ignorá-lo, como faria com qualquer outra força externa. Compulsões e impulsos para o mal não faziam parte dele, como ocorre agora, de modo que hoje não pode fugir deles, não importa aonde ele for.<sup>8</sup>

O homem recebeu um mandamento – não comer da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Nesta Árvore, o bem e o mal estavam misturados, de tal modo que não podiam ficar separados. Tendo compartilhado uma vez desta árvore, ela tornou-se a verdade dele.

Nesse momento, o Mal se tornou uma parte intrínseca do seu ser. Agora, tinha um *Yetser Hará* – um Impulso para o Mal – que era parte de sua psique, e não importava o que ele fizesse, não poderia escapar dele.<sup>9</sup> Exatamente como a Árvore do Conhecimento, o homem era agora uma mistura do Bem e do Mal, e teria de passar todos os dias da sua vida lutando contra este Mal, tentando vencê-lo.

Muito da essência do homem agora estava cheia de contradições. Sua vida tornou-se cheia de conflitos e das suas frustrações resultantes, fazendo com que uma sociedade perfeita fosse impossível. A natureza espiritual e animal do homem tornaram-se dois opostos, em constante conflito, causando angústia mental e imperfeição.

No estado aperfeiçoado do homem, representado pelo Jardim do Éden, ele teria sido capaz de atingir a perfeição física e espiritual. Finalmente, ele teria vencido a morte, e ganho a imortalidade.

Quando o homem pecou e comeu da Árvore, perdeu sua oportunidade de ganhar a imortalidade. Portanto, D'us disse, sobre a Árvore do Conhecimento (Gênesis 2:17): “No dia em que comer dela, certamente morrerás”.<sup>10</sup>

Como o mundo inteiro foi criado para o homem, quando o homem caiu, ele provocou a queda do mundo inteiro junto com ele. O Mal já não estava concentrado numa única “serpente”, mas agora difundia-se por toda a Criação. Exatamente como na Árvore do Conhecimento, o Bem e o Mal ficariam completamente intermisturados, e o homem teria de lutar para discernir um do outro.

Finalmente, D'us escolheu o povo judeu para recriar o estado do Éden, e assim, por fim, elevar toda a humanidade. Para permitir-lhes conseguir isto, Ele deu a Israel a Torá. Por um lado, isto deu ao homem a capacidade de vencer o mal em si mesmo,<sup>11</sup> e também lhe deu a capacidade de evitar o Mal, vencê-lo e finalmente elevar-se até um estado do Bem.<sup>12</sup>

Este é um ponto muito importante. No seu estado degradado, o homem não pode atingir o Bem por si mesmo, nem pode tentar alcançar a D'us por si mesmo. A única maneira de atingir o Bem, aproximar-se de D'us ou formar uma sociedade perfeita, é através da Torá. Como resultado do pecado de Adão, o Mal tornou-se parte tão integrante do homem, reforçada por centenas de gerações de pecado, que o único meio do homem escapar dele é superá-lo através do remédio específico dado por D'us, e esse remédio é a Torá. Portanto, nossos Sábios nos ensinam que D'us disse: “Eu criei o Impulso para o Mal, mas criei a Torá como o seu remédio”.<sup>13</sup>

Um dos mandamentos importantes que D'us deu a Israel foi o de edificar um Santuário (*Micdash*). Assim, Ele nos disse (Êxodo 25:8): “Eles Me farão um Santuário (*Micdash*), para que Eu possa morar entre eles”. Quando Israel estava no deserto, este Santuário tomou a

forma do Tabernáculo pré-fabricado (*Mishcan*) que era transportado por eles nas suas viagens. Quando finalmente se estabeleceram na Terra Prometida, ele foi construído como o Templo Sagrado (*Beit Hamicdash*), em Jerusalém.

Mas surge a pergunta: por que era necessário ter um santuário especial? Sabemos que (Isaías 6:3): “a terra inteira está cheia da Sua glória”.

Nossos Sábios nos ensinam que a razão para o Santuário era porque o mundo inteiro tinha se intermisturado com o Mal, em consequência do pecado de Adão. Quando D’us escolheu Israel, Ele lhes disse que edificassem um Santuário onde este mal não pudesse entrar. Este Santuário tinha de ser como um Jardim do Éden em miniatura, totalmente dedicado ao serviço de D’us, onde tudo o que pertencesse ao estado degradado do homem ficasse excluído.<sup>14</sup>

Isto explica o conceito de *Tumá*, ou impureza ritual. A aplicação principal das regras sobre essa impureza ritual era com relação ao Santuário ou Templo Sagrado (*Beit Hamicdash*).<sup>15</sup> Normalmente, não fazia diferença se uma pessoa estava ritualmente pura ou não. Todavia, quando estava num estado impuro, lhe era absolutamente proibido entrar no Templo Sagrado sob a mais grave das penalidades. Assim, a Torá diz (Números 19:20): “Mas o homem que está impuro, e não se purifica, essa alma será cortada da comunidade, se corromper o Santuário de D’us”.<sup>16</sup>

Mas o que é este conceito de impureza? Obviamente, essa impureza não é física. Antes, é um tipo de contaminação espiritual que coloca a pessoa num estado no qual lhe é proibido entrar no Templo Sagrado. Ficamos sabendo que é espiritual, quando a Torá diz (Levítico 11:44): “Não tornareis vossas *almas* impuras”. Portanto, a impureza ritual é algo que envolve primariamente a alma, não o corpo.<sup>17</sup>

A impureza ritual frequentemente existe junto com o pecado. Achamos, nas palavras de D'us ao Seu profeta (Ezequiel 14:11): “eles já não se impurificarão através dos seus pecados”. Em última instância, a impureza está relacionada com o Mal e o pecado.<sup>18</sup>

As coisas que causam contaminação ritual estão primariamente associadas com a morte. Assim, muitas classes de corrupção ritual são causadas pelo contato com corpos ou animais mortos.<sup>19</sup> Outras causas de impureza são coisas associadas com a imperfeição humana.

Finalmente, toda impureza é um resultado do pecado de Adão.<sup>20</sup> A morte e todas as outras imperfeições humanas foram resultado deste pecado. Se o homem tivesse permanecido no seu estado elevado no Jardim do Éden, nada que pudesse causar impureza poderia existir.

Isto explica por que uma pessoa que foi contaminada por algo impuro não tinha permissão para entrar nos recintos do Templo Sagrado. O Templo representa um Jardim do Éden em miniatura. Quando Adão pecou, ele foi afastado deste Jardim. Portanto, tudo associado a este pecado impede-o de entrar no Jardim do Éden em miniatura que é o Templo. Quando um homem está num estado de *Tumá* ou impuro, não pode entrar no recinto do Templo, ficando sujeito às penalidades mais graves.<sup>21</sup>

Mas como o homem se purifica e se desfaz deste estado de impureza? Como se desvincula do seu estado degradado e volta a unir-se com o Éden?

Esta purificação é feita fundamentalmente pela água, através da imersão no *Micvê*. A água é a ligação primordial que temos com o Jardim do Éden.

O *Talmud* nos diz que toda a água do mundo, derradeiramente, tem sua raiz no rio que emergiu do Éden.<sup>22</sup> Num certo sentido, este rio é a fonte espiritual de toda a água. Mesmo que uma pessoa não possa entrar no próprio Jardim do Éden, sempre que se associa com

esses rios – ou com qualquer outra água –, ela está restabelecendo sua ligação com o Éden.

Assim, achamos um *Midrash* que nos diz que após Adão ter sido afastado do Paraíso, ele se arrependeu ficando sentado neste rio.<sup>23</sup>

Então, quando uma pessoa imerge nas águas do *Micvê*, ela também está restabelecendo uma ligação com o estado aperfeiçoado do homem. Depois, ela perde o seu estado de impureza (*Tumá*), e renasce num estado de pureza, onde lhe é permitido entrar no Templo Sagrado.<sup>24</sup>

Isto também explica por que o *Micvê* tem de estar vinculado à água natural. A água tem de chegar até o *Micvê* a partir do seu estado natural, e não pode ficar em contato com o homem em seu estado de exílio espiritual. De modo similar, ela não deve passar através de nada que seja capaz de corrompê-la, porque isto também quebraria seu elo direto com o Rio do Éden.

Nossos Sábios nos ensinam que a palavra *Micvê* (הוֹקֵם) tem as mesmas letras que *Kav* (וָק) *Má* (הָמָה), a palavra hebraica para “levantar-se” ou “ficar ereto”.<sup>25</sup> É através do *Micvê* que o homem pode *subir* das coisas associadas com seu estado degradado, e restabelecer o vínculo com o estado aperfeiçoado que é o Éden.

Agora, podemos voltar à nossa pergunta original. A história do Éden é interrompida com a descrição de um “Rio que corria para fora do Jardim do Éden”. No começo deste capítulo, questionamos o significado deste rio. Agora, a razão para o rio é evidente. A Torá nos diz que D’us plantou um Jardim, e nele, a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Com ela, foi criada a possibilidade de que o homem pecasse, e fosse expulso do Paraíso. Então, mesmo antes de D’us ter colocado o homem no Éden, Ele estabeleceu um vínculo entre o Jardim e o mundo exterior, isto é, o rio que emergia do Éden.



Portanto, a importância deste rio não é um fato alheio que apenas interrompe a história. Antes disto, é uma afirmação importante sobre a condição do homem no mundo, fora do Éden. Apesar de o homem ter sido expulso do Éden, permanece um vínculo. O conceito de *Micvê* está intimamente associado com este vínculo.

## NOTAS

1. *Emunot VeDeot* 1:4 (no final), 3:0, *Sefer HaYashar* 1, *Pardes Rimonim* 2:6, *Ets Chaim*, *Shaar HaKelalim* 1, *Reshit Chochmá*, *Shaar HaTshuvá* 1, *Shnei Luchot HaBrit*, *Beit Yisrael* 1:21b, *Shomrei Emunim (HaKadmon)* 2:13, *Derech Hashem* 1:2:1. Veja *God, Man and Tefillin*, p. 35.
2. Toda esta discussão foi extraída de *Derech Hashem* 1:2.
3. Cf. *Mechilta* sobre Êxodo 14:29, *Bereshit Rabá* 21:5, *Shir HaShirim Rabá* 1:46, *Yad, Tshuvá* 5:1.
4. *Derech Hashem* 1:2:2. Cf. *Midrash Tehilim* 26:3, 36:4, *Reshit Chochmá*, *Shaar HaYirá* 7 (22b); *San'hedrin* 39b, *Bereshit Rabá* 9:12-14. Veja Isaías 45:7, *Derech Hashem* 1:5:8; *Bahir* 13, *Morê Nevuchim* 3:10, *KaLaCh Pitchey Chochmá* 39 (24b). Veja também *Akedat Yitschac* 70 (3:145b), *Ets Chaim*, *Shaar HaMelachim* 5, *Sefer Baal Shem Tov*, *Shmot* 9.
5. *Chulin* 60b. Cf. *Shefa Tal* (Brooklyn 5720) 2c.
6. *Targum J.* sobre Gênesis 2:15, *Yalkut ad loc.* 22, *Sifri* sobre Deuteronômio 11:33, *Alshich*, *Bachyê*, *ad. loc.*
7. *Kidushin* 4:14 (82a).
8. *Nefesh HaChaim* 1:5 (6a), nota: “*VeHainyan*”. Cf. *Zohar* 1:35b.
9. *Ibid.*
10. *Ibid.* 7a. Cf. *Abarbanel ad loc.*, *Bereshit Rabá* 16:6. Veja também *Avodá Zará* 5a, *Avodat HaKodesh* 2:21 (41d).
11. *Berachot* 5a, *Sucá* 52a, *Kidushin* 30a, *Zohar* 1:190a, 3:268a.
12. Veja *Adir BaMarom* 11a.
13. *Kidushin* 30b, *Sifri* sobre Deuteronômio 11:18; *Baba Batra* 16a.
14. *Bamidbar Rabá* 13:2, *Shir HaShirim Rabá* 5:1, *Pesikta Rabati* 5 (18b).
15. *Yad, Tumat Ochlin* 16:8, *Morê Nevuchim* 3:47, *Kuzari* 3:49 (55a).
16. *Rashi* sobre Números 19:13, *Shvuot* 16b; *Sifra*, *Rashi*, sobre Levítico 17:16, *Yad, Biyat HaMicdash* 3:12.

17. Cf. *Yad*, *Micvaot* 11:12, *Shnei Luchot HaBrit*, *Shaar Haotiot*, *Tahará* (1:108a).
18. *Derech Hashem* 1:5:9, 4:6:2, *Kav HaYashar* 17. Veja Levítico 16:30, Jeremias 33:8, Ezequiel 14:11, 20:43, 36:7, Salmos 51:4, Provérbios 20:9, Jó 4:17. Em particular, a *Tumá* está associada à imoralidade sexual e, na verdade, este é o primeiro contexto que encontramos a palavra na Torá em Gênesse 34:5. Veja também Levítico 18:24, Números 5:13, 14, 27, 28, Ezequiel 18:6, 22:11, Oséias 5:3, 6:10.
19. Cf. Números 19:13 ss., Levítico 11:8, 24, 31, 39, 21:1. Veja Alshich sobre Levítico 21:1.
20. Alshich, *loc. cit.*, *Likutey Halachot* (Yorê Deá) *Micvaot* 1:1.
21. Alshich, *loc. cit.* Cf. *Zohar* 3:47a, 3:79a.
22. *Bechorot* 55a. Veja Malbim sobre Gênesse 2:10.
23. *Pirkey DeRabi Eliezer* 20 (47b).
24. *Midrash*, citado em *Yalkut Reuveni* sobre Gênesse 2:10 (31b); *Likutey Halachot* (Yorê Deá) *Giluach* 4:16, *Hechsher Kelim* 1:2. Cf. *Shaarey Orá* 8 (83b), que este rio é *Biná*, também associado com o *Micvê*. Veja Jeremias 31:8, *Tikuney Zohar* 12a. Veja *Bamidbar Rabá* 18:21, onde o *Midrash* infere o fato de que um *Micvê* precisa conter 40 *Seá* (Isaías 8:6), “As águas de Siloé, que fluem lentamente (*Laat*)”. O valor numérico da palavra *Laat* é 40. Siloé, no entanto, é identificado com Guichon, um dos rios do Éden. Cf. *Targum J.* sobre 1 Reis 1:33,38,45, Rashi, *Berachot*, 10b, “*Satam*”, Radal sobre *Pirkey DeRabi Eliezer* 20:30.
25. *Tikuney Zohar* 19 (39a), *Kitey Melech* (61b, 2), HaGra *ad loc.*, *Shnei Luchot HaBrit*, *Shaar Haosiot*, *Kedushá* 1:166b, *Sefer Baal Shem Tov*, *Yitro* 11.



## A ELEIÇÃO DE ISRAEL

Uma das questões mais delicadas sobre o judaísmo envolve o conceito do “povo escolhido”. Se D’us criou o mundo para conceder o Bem ao homem, por que Ele não deu a toda a humanidade acesso a este Bem? Por que a Torá, que é o portão de entrada principal para este Bem, foi dada somente a Israel? Resumindo, por que tinha de haver um único “povo escolhido”?

A resposta a essas perguntas nos traz de volta a Adão. Quando o homem foi criado pela primeira vez, toda a humanidade estava destinada a ser o “povo escolhido”. Se Adão não tivesse pecado, então todos os seus filhos teriam sido dignos de compartilhar do Bem derradeiro que D’us destinou a toda a humanidade.<sup>26</sup>

Contudo, quando Adão pecou, a oportunidade de todos os seus filhos serem automaticamente incluídos neste conceito se perdeu. Como resultado do Mal que tinha se tornado parte da natureza humana, as primeiras gerações esqueceram-se de D’us, quase completamente. Somente uns poucos indivíduos mantiveram viva a tradição de servir ao único D’us verdadeiro.

Nossos Sábios nos ensinam que “houve dez gerações, desde Adão até Noé ... Todas essas gerações continuaram enfurecendo [a D’us], até que Ele finalmente trouxe o dilúvio sobre elas”.<sup>27</sup>

D’us deu à humanidade essas dez gerações, para levantar-se novamente ao estado do Éden. Se tivessem feito isso, toda a

humanidade teria tido novamente a chance de se tornar o Povo Escolhido. Assim, o *Midrash* nos ensina que D'us tencionava dar a Torá às gerações de Noé.<sup>28</sup> Porém, sua geração era tão ruim, que não pôde aceitar a Torá. Em vez de fazer com que as águas restabelecessem seu laço com o Éden, a geração de Noé foi destruída por elas. Se a água não podia retificar o homem, purificando-o, ela o faria destruindo todos os que eram indignos.

No entanto, pouco tempo após o dilúvio, o mundo reverteu-se novamente ao paganismo e à corrupção. Com raras exceções, o homem esqueceu novamente a regra de D'us. Outra vez, houve dez gerações – desta vez de Noé a Abraão.

Apesar de ter nascido numa atmosfera pagã, Abraão passou a sua vida procurando e servindo a D'us. Ele percebeu que não podia viver uma verdade enquanto permitia que outros ficassem ignorando-a, e portanto tornou-se o primeiro a ensinar publicamente aos outros sobre D'us e a Sua lei. Diferentemente de outros homens dignos, Abraão foi capaz de estabelecer sua fé entre os seus descendentes, até que foi formado um grupo autossustentado. A Torá nos revela que D'us disse sobre Abraão (Gênese 18:18,19): “Seguramente Abraão tornar-se-á uma nação grande e poderosa, e todas as nações da Terra serão abençoadas por ele. Porque Eu o conheci, e Eu sei que ele instruirá os seus filhos e a sua casa para seguirem o seu exemplo, para que possam seguir o caminho de D'us. Eles respeitarão a retidão e a justiça, para que D'us possa trazer para Abraão tudo o que Ele lhe prometeu”.<sup>29</sup>

Durante a vida de Abraão, a Torre de Babel foi edificada, e a humanidade foi dividida em muitas nações. Isto aconteceu quando Abraão tinha 48 anos de idade.

Em Abraão, D'us viu uma força que podia trazer toda a humanidade de volta para Ele, e reconquistar o estado de “povo

escolhido”. Portanto, D’us trouxe um espírito de unidade para o mundo, influenciando toda a humanidade para agir com o mesmo propósito. Sob a liderança de Abraão, todos poderiam ter sido restituídos ao estado do Éden. Ao contrário, a humanidade uniu-se para construir a Torre de Babel.<sup>30</sup>

Então, o homem perdeu a oportunidade de toda a humanidade tornar-se o “povo escolhido”. Em vez disso, a humanidade foi dividida em nações. Assim, a Torá diz que (Gênese 11:9): “[D’us] confundiu a linguagem de todos os [povos da] terra, e ... os dispersou no estrangeiro, sobre a face da terra”.

Depois, cada nação recebeu sua própria linguagem e missão. D’us decretou que os filhos de Abraão também se tornariam uma nação, com a missão especial de servir a D’us.<sup>31</sup> Referente a isto, a Torá diz (Deuteronômio 32:8,9):

Quando o Altíssimo deu a herança às nações, quando Ele separou os filhos do homem,

Ele fixou as fronteiras dos povos de acordo com o número de filhos de Israel;

Porque a porção de D’us é Seu povo, Jacob, o destino de sua herança.<sup>32</sup>

As outras nações receberam uma última chance de ganhar o estado de “povo escolhido”. O *Midrash* nos diz que antes de dar a Torá a Israel, D’us “ofereceu” a Torá a todas as outras nações que, por sua vez, “negaram-se” a aceitá-la.<sup>33</sup>

D’us olhou profundamente a essência de todas essas nações, e viu que nenhuma delas seria capaz de preservar a Torá durante milhares de anos, e não abandoná-la. Então, somente Israel foi digno de receber a Torá e tornar-se o povo escolhido.

A Torá é o instrumento por meio do qual o judeu se eleva de volta ao estado do Éden. Logo, os judeus tinham de imergir num

*Micvê* antes de receber a Torá.<sup>34</sup> Através das águas do *Micvê*, o vínculo com o Éden foi restabelecido.

O mesmo é verdade para toda pessoa que se converte ao judaísmo hoje em dia. Esta pessoa também precisa restabelecer este vínculo com o Éden, porque este é um elemento fundamental do conceito do povo escolhido. Este é um motivo pelo qual um convertido ao judaísmo deve imergir no *Micvê*.<sup>35</sup>

O estado final, onde toda a humanidade compartilhará do bem de D'us, está no Mundo Vindouro. Nessa época, o mundo inteiro estará novamente no estado do Éden. O profeta assim predisse (Isaías 51:3): “D'us fará o seu deserto como o Éden, e suas terras improdutivas como o Jardim de D'us”. Quando esse tempo chegar, o mundo inteiro ficará puro, e toda a impureza cessará de existir. D'us assim disse (Zacarias 13:2): “Eu farei com que ... o espírito da impureza seja removido da terra”.

Este será um tempo em que toda a humanidade atingirá a perfeição que lhe era originalmente destinada. O mundo inteiro, mais uma vez, estará num estado de harmonia e perfeição, e a luta e o conflito que afetam a humanidade cessarão de existir. D'us assim disse ao Seu profeta (Isaías 11:9): “Eles não ferirão nem destruirão toda a Minha montanha sagrada, porque a terra estará cheia da sabedoria de D'us, assim como as águas cobrem o mar”.<sup>36</sup>

Aqui, achamos novamente o conceito da água. O conhecimento de D'us é assemelhado “às águas que cobrem o mar”. No Mundo Futuro, será como se as águas do Éden tivessem coberto o mundo inteiro. O *Micvê* faz alusão às “águas da sabedoria”, que englobarão toda a humanidade, derradeiramente.

## NOTAS

<sup>26</sup>. *Derech Hashem* 1:3:5, 1:3:8, 2:4:6, *Adir Bamarom* 11a.

- 27. *Avot* 5:2.
- 28. *Shemot Rabá* 30:13, Máarzav sobre *Bereshit Rabá* 32:5.
- 29. Cf. *Berachot* 7b, *Sotá* 10b, *Bereshit Rabá* 31:21, Rashi sobre Gênesis 12:5, Maharits Chayot sobre *Chaguigá* 3a. Veja também *Yalkut* 1:766, *Yomá* 28b, *Yad, Avodat Kochavim* 1:3.
- 30. *Zohar* 1:75a, Alshich sobre Gênesis 11:1.
- 31. *Derech Hashem* 2:4:3.
- 32. Sifri, Bachyê, Alshich, *Or HaChaim*, *ad loc.*
- 33. *Avodá Zará* 2b, *Mechilta* sobre Êxodo 20:2, Sifri, *Targum J.*, Rashi Ramban sobre Deuteronomio 33:2, *Shemot Rabá* 27:8, *Bamidbar Rabá* 12:22, *Eichá Rabá* 3:3, *Tanchuma*, *Yitro* 14, *Shoftim* 9, *Zot HaBerachá* 4; *Pirkey DeRabi Eliezer* 41 (95b), *Pessikta* 29 (186a), *Zohar* 2:3a, 3:192b.
- 34. Radak, Abarbanel *ad loc.*
- 35. Cf. *Likutey Halachot (Yorê Deá) Avadim* 2:9.
- 36. *Likutey Halachot (Yorê Deá) Nidá* 1:3, *Guiluach* 4:16, *Micvê* 1:1, Veja Zacarias 14:8, Bachya sobre Números 19:16.

# A SANTIDADE DA RELAÇÃO SEXUAL

Entre os mandamentos mais difíceis de entender, estão os relativos à *Nidá* e à menstruação. A Torá nos diz que a partir do momento em que se inicia o ciclo menstrual da mulher, até que ela imerja no *Micvê*, ela possui o *status* de *Nidá*. Durante este período, toda atividade sexual e contato físico com o sexo oposto estão proibidos.

Como todas as outras leis similares, a *Nidá* é uma *Chuká* ou “decreto”, para o qual não é dado nenhum motivo. No entanto, ela tem sua base lógica, que tentaremos investigar.

Uma fonte comum de confusão é o fato de haver um tabu contra a mulher menstruada em muitas sociedades primitivas. Muitas dessas sociedades colocam restrições severas à mulher durante sua menstruação. Isto levou alguns escritores mal orientados a declarar que as leis da Torá sobre a *Nidá* são apenas uma extensão dessas crenças e práticas primitivas. Para apreciar corretamente o significado das leis da Torá, precisamos comparar os motivos delas com os motivos desses tabus primitivos.

Todavia, primeiro precisamos compreender a natureza da menstruação. A partir da puberdade, a mulher perde uma pequena quantidade de sangue no final do seu ciclo menstrual, todo mês. Esta perda de sangue, chamada fluxo menstrual, está intimamente ligada ao processo da reprodução humana. Todo mês, uma mulher libera um

óvulo ou ovo, que – se for fertilizado – torna-se um embrião que crescerá até constituir um novo ser humano. O revestimento do útero (endométrio) fica mais espesso, para alojar o ovo fertilizado. Ele desenvolve um suprimento maior de sangue, com o qual o embrião é alimentado, se o ovo for fertilizado.

Caso o ovo não seja fertilizado, após aproximadamente duas semanas, ele é expelido. O revestimento do útero e seu sangue acumulado também são eliminados, e o material expelido é essencialmente o que constitui o fluxo menstrual. Então, o ciclo menstrual compreende a construção e destruição de um revestimento enriquecido do útero.

Este fato muito conhecido não é, em absoluto, tão simples ou lógico. Do ponto de vista biológico, seria muito mais econômico se o revestimento do útero fosse reabsorvido, em vez de expelido. Certamente, isto seria mais estético e confortável para a mulher. Assim, ela não precisaria perder uma quantidade significativa dos seus fluidos vitais, todo mês.

Ainda mais eficiente, do ponto de vista biológico, seria uma situação que possibilitasse ao útero permanecer num estado de prontidão constante para alimentar o óvulo fertilizado. Na realidade, não há razão biológica nem médica pela qual o revestimento do útero precise ser expelido e restaurado todo mês. Não há motivo para que o óvulo tenha de “morrer”, somente para ser substituído por outro óvulo. A maioria dos biólogos considera isto um exemplo de ineficiência inexplicável do sistema reprodutor humano.

Para a mente primitiva, que não fazia ideia dos mecanismos internos do útero, a própria ideia de que uma mulher tivesse de perder uma parte dos seus fluidos vitais era estranha e assustadora. Não podia explicá-la logicamente; portanto, atribuíram-na a alguma “força do Mal”. De acordo com a maioria dos antropólogos, esta é

uma das principais razões pelas quais tantos tabus cercam a mulher menstruada, em muitas culturas primitivas.

No entanto, vemos que toda a nossa sofisticação biológica não nos ajuda realmente a entender este fenômeno natural. Com todo o nosso conhecimento científico, ele ainda permanece como uma “ineficiência inexplicável do sistema da reprodução humana”. Em *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir escreve sobre a menstruação.<sup>37</sup>

Este processo complexo, ainda misterioso em muitos dos seus detalhes, envolve o organismo inteiro da mulher, porque há reações hormonais entre os ovários e outros órgãos endócrinos, como a pituitária, a tireoide, e as suprarrenais, que afetam o sistema nervoso central, o sistema nervoso simpático, e conseqüentemente, todas as vísceras ... A mulher fica mais emotiva, mais nervosa, mais irritável que habitualmente ... É durante as suas menstruações que ela sente como se o seu corpo fosse uma coisa obscura, alheia; de fato, ela é vítima da vida teimosa e estranha que todo mês constrói e depois destrói um berço dentro dela; a cada mês, todas as coisas ficam prontas para uma criança, e depois são abortadas no fluxo carmin.

Quando analisamos a menstruação do ponto de vista das imperfeições humanas em geral, ela segue o padrão, sem dúvida alguma. Em consequência do pecado de Adão, o homem perdeu a capacidade de aperfeiçoar-se, tanto espiritual quanto fisicamente. Como mencionamos antes, a manifestação mais evidente desta imperfeição física é a mortalidade humana. O homem desgasta-se e morre. O corpo humano tem a capacidade inata de renovar-se constantemente; na teoria pelo menos, o homem tem o potencial de viver para sempre. Porém, isto é algo que ele não pode atingir enquanto estiver em seu estado de imperfeição.

Outra grande área onde a imperfeição humana fica evidente é a do sexo e da reprodução. Uma manifestação disso é o ciclo menstrual, que é ineficiente, incômodo e nada estético.



Outra manifestação desta imperfeição está no próprio parto. Em vez de ser a função natural, como logicamente deveria ser, frequentemente o parto é uma experiência muito traumática. A mulher é hospitalizada, como se estivesse sofrendo uma doença grave, em vez de participar de uma das funções corporais mais naturais. A Torá afirma abertamente que esta é uma manifestação da imperfeição humana, junto com o pecado de Adão e Eva; porque D'us disse à primeira mulher (Gênesse 3:16): “Eu aumentarei a tua angústia durante a gravidez – com angústia darás à luz...”. Longe de ser a função biológica natural de dar continuidade à espécie, a gravidez e o parto tornaram-se experiências dolorosas e angustiantes.

Um terceiro aspecto da imperfeição do processo reprodutor humano é evidente em sua atitude geral com respeito ao sexo. Em vez de ser uma função biológica simples, natural, o sexo é a fonte das maiores compulsões e frustrações do homem. Houve muitos experimentos como o “sexo livre”, onde tentaram “restaurar” o sexo ao seu estado de função humana “natural”, mas todos eles fracassaram. A natureza humana inata exige que o homem tenha conflitos psicológicos em relação ao sexo.

Uma área óbvia onde é aparente a falta de integração sexual do homem, é a sua atitude com relação ao seu corpo. De todas as criaturas, o homem é a única que sente vergonha de sua nudez. Esta é uma das indicações mais claras de como o pecado de Adão afetou a totalidade de sua atitude sexual. Antes do pecado, a Torá diz do homem (Gênesse 2:25): “Os dois, o homem e sua esposa, estavam nus, mas não sentiam vergonha”. Porém, depois do pecado, Adão iria declarar (*ibid.*, 3:10): “Eu tive medo, porque eu estava nu”. Esta alteração indica com clareza a mudança fundamental da atitude do homem com relação tanto ao sexo, quanto ao seu corpo, no seu estado degradado.<sup>38</sup>

Voltando ao nosso exame original, agora fica óbvio por que uma mulher é considerada “impura” quando está menstruando. Isto, também, tem a ver com o estado degradado da humanidade, e a expulsão do Éden. De fato, nossos Sábios declaram abertamente que a menstruação é resultado do pecado da humanidade.<sup>39</sup> Portanto, até que a mulher se purifique de sua impureza ritual, ela não terá permissão de entrar no recinto do Templo Sagrado, que é um Éden em miniatura. (Isto não se aplica a ir à sinagoga.)

Isto ajuda a explicar por que uma *Nidá* está proibida de ter qualquer contato sexual com um homem. De acordo com os ensinamentos judaicos, o sexo não é algo intrinsecamente vergonhoso ou “sujo”. Muito pelo contrário, é uma das mais sagradas entre todas as funções humanas – sempre que seja mantido dentro das orientações da Torá, e que não seja pervertido. A palavra em hebraico para casamento é *Kidushin*, que literalmente significa “santificação” ou “santidade”. Quando um homem casa com uma mulher, as palavras que declara a ela são: “Verei que você se torne sagrada para mim com este anel...”.<sup>40</sup> É interessante notar que o oposto do matrimônio é a prostituição e uma das palavras que significam prostituta é *Kedeshá* – literalmente, uma mulher que corrompeu a sua santidade, indicando o “outro lado” desta santidade, que é a perversão.<sup>41</sup>

Um dos motivos pelos quais o sexo é tão sagrado é porque ele tem a capacidade de conseguir algo que está além do poder de qualquer outra função humana, isto é, trazer uma alma para o mundo, e produzir um ser humano vivo.

A propósito, isto explica por que o pacto de D’us com Abraão envolvia a circuncisão – uma marca indelével sobre o órgão reprodutor. Como pai do “povo escolhido”, Abraão e os seus filhos agora seriam capazes de usar este órgão para trazer as almas mais sagradas ao mundo. Então, foi somente após Abraão fazer a sua

própria circuncisão, que ele foi capaz de dar origem a Isaac, e é o órgão sexual que leva a marca do pacto de D'us.<sup>42</sup>

O pacto da circuncisão foi uma das coisas que elevaram Abraão e os seus filhos do estado de queda resultante da expulsão do Éden. Em consequência deste pacto, o ato sexual do judeu entra na esfera de ação do sagrado, e compartilha do estado ótimo do homem, antes de sua expulsão.

Exatamente pelo mesmo motivo que uma pessoa ritualmente impura não pode entrar no Templo Sagrado, uma *Nidá* não pode participar da relação sexual. A *Nidá* representa o estado da expulsão do Éden. No entanto, como resultado do pacto da circuncisão, o ato sexual é sagrado (*Kedushá*) e, portanto, é associado ao estado do homem antes da expulsão. Logo, sempre que uma mulher estiver num estado de *Nidá*, ela não poderá participar do ato sagrado do sexo.

Num nível mais simples, *Nidá* é um sinal da imperfeição do processo da reprodução humana. Sempre que uma mulher estiver num estado de *Nidá*, ela não poderá participar deste processo reprodutor.<sup>43</sup>

O ato sexual entre um homem e uma mulher que está num estado de *Nidá* é, portanto, muito similar à entrada no Templo Sagrado, quando se está impuro. Ambos os atos requerem que se entre numa representação do estado aperfeiçoado do homem, ao mesmo tempo associado com uma representação do seu estado de queda. Ambos incorrem na mesma penalidade, denominada *Carê* – ser “cortado” –, como faz aquele que não entra no pacto da circuncisão.<sup>44</sup>

A punição de ser “cortado” é especialmente adequada para pecados como esses. *Carê* significa que o indivíduo é “cortado” de sua fonte espiritual. Esta fonte espiritual está intimamente ligada ao Éden. Há duas áreas importantes onde o homem ganha acesso ao seu

estado espiritual aperfeiçoado: através do Templo Sagrado e através do pacto de Abraão. Portanto, quando uma pessoa perverte esses veículos, é mais do que conveniente que ela seja cortada completamente de sua fonte espiritual.

A punição de ser “cortado” é prescrita como uma punição geral pelas perversões sexuais, pois todas elas são perversões do pacto da circuncisão.<sup>45</sup> Do mesmo modo, esta é a penalidade pela violação do *Shabat*, *Yom Kipur* e *Pessach*, porque todas essas são épocas em que o homem é elevado a um estado de Éden.

Isto também explica a purificação de uma *Nidá*. Como a *Nidá* é associada à expulsão do Éden, sua purificação precisa envolver algo que restabeleça a conexão com o Éden, isto é, a água do *Micvê*.

Isto tem um significado mais profundo em outro nível. Antes, falamos sobre a maneira pela qual o *Micvê* representa o útero, e como ele também está relacionado ao Rio do Éden. Porém, a *Nidá* é um sinal da imperfeição do processo da reprodução humana, especialmente, o útero. Portanto, a purificação e a retificação da *Nidá* precisa ser um retorno ao “útero” aperfeiçoado que é o *Micvê*.

As leis da *Nidá*, que forçam o homem e sua esposa a ficarem separados durante um período de quase duas semanas todo mês, têm a função positiva de renovar constantemente o laço sexual entre eles. Isto também indica a imperfeição da sexualidade humana. Em essência, esta separação mensal é necessária para evitar que o casal fique entediado de sexo. Para uma pessoa solteira, isto pode parecer não natural. Todavia, de acordo com a maioria dos conselheiros matrimoniais, um motivo importante pelo qual os casais se afastam é porque – simplesmente – ficam cansados um do outro, e cansados de sexo. Uma reação muito comum é que um ou ambos os parceiros procurem relações sexuais com indivíduos fora do casamento.

O laço marido-mulher é essencial para a criação das crianças. Por outro lado, exatamente o relacionamento básico e essencial entre marido e mulher pode desabar através de algo tão trivial como o simples tédio.

A esse respeito, as leis da *Nidá* também representam uma solução para a imperfeição sexual humana básica. A separação mensal tende a renovar o relacionamento sexual e, assim, a estabilizar o laço do casamento. É interessante notar que, entre as famílias que respeitam as leis da *Nidá*, a infidelidade é virtualmente desconhecida, e a taxa de divórcios está significativamente abaixo do nível normal. Num sentido pragmático, podemos dizer que a estrutura das leis da *Nidá* é um sistema que funciona de fato.

Assim, vemos que as leis da *Nidá* têm duas funções básicas. Primeiro, o estado da *Nidá* representa a imperfeição do processo reprodutor humano e, portanto, exclui o contato sexual até que este estado seja removido mediante a imersão no *Micvê*. Por outro lado, ele também representa uma das melhores curas conhecidas desta imperfeição, que produz o melhor relacionamento possível, estabilizando a instituição fundamental do casamento.

Em um outro nível, o fato de o marido e a mulher não poderem ter nenhum contato físico durante os dias da separação, força-os a se considerarem como seres humanos, mais do que como meros objetos sexuais. Durante este período, eles precisam comunicar-se em um nível espiritual, em vez de apenas em um nível físico. “As leis da *Nidá* asseguram que durante um determinado período de cada mês, o respeito, o afeto e todos os outros impulsos e fatores que unem duas pessoas, com exceção do físico, tenham a possibilidade de dominar o relacionamento de um casal. O casamento exige sexo, mas ele é muito mais do que sexo. Somente o judeu teve sucesso em aceitar e executar uma fórmula que funciona na prática, a ideia de que o sexo é básico

para o casamento, mas que ele deve ser restringido, bem como preservado, de modo que outros fatores possam ter os seus efeitos, e também que a intimidade não se torne monótona e sem atrativo.”<sup>46</sup> Neste contexto, as regras da *Nidá* são da maior importância, porque elas permitem ao marido e à mulher crescerem juntos, de uma forma que, caso contrário, não seria possível. O relacionamento entre marido e mulher cresce assim, transformando-se num vínculo que, normalmente, não poderia existir entre o homem e a mulher no estado imperfeito da humanidade.

## NOTAS

37. Bantam Books, Nova York, 1970, p. 25.

38. Abarbanel *ad loc.*, Rashi Sforno, Alshich, sobre Gênesis 2:25, *Morê Nevuchim* 1:2, *Reshit Chochmá*, *Shaar Hakedushá* 16 (196b).

39. *Shabat* 32a, *Eruvin* 100b, *Yerushalmi*, *Shabat* 2:6 (20a), *Bereshit Rabá* 17:8, *Tanchuma*, *Metsorá* 9.

40. *Kidushin* 2b. Cf. *Tossafot ad loc.* “*deAssar*”.

41. Rashi, *San’hedrin* 82a “*Kodesh*”, Rashi, Rashbam, sobre Gênesis 38:21, Rashi, Ibn Ezra, Hirsch, sobre Deuteronômio 23:18. Cf. 1 Reis 14:24, 15:22, 22:47, 2 Reis 23:7, Oséias 4:14, Jó 36:14.

42. *Tiferet Yisrael* (Maharal) 2. Cf. *Vayicra Rabá* 27:10, *Derech Mitsvot* (Chabad) p. 9b.

43. *Likutey Halachot* (Yorê Deá) *Nidá* 2:7.

44. Gênesis 17:14, *Keritot* 1:1 (2a), *Yad*, *Milá* 1:1.

45. Cf. Levítico 18:29, *Keritot* 2b, *Yad*, *Issurey Biá* 1:1, *Sefer HaMitsvot*, mandamento proibitivo 352.

46. *The Road to Responsible Jewish Adulthood*, do rabino Pinchas Stolper, p. 12.

# O HOMEM CONTRA A NATUREZA

Outra manifestação do estado de pecado do homem é o conflito básico entre o homem e o mundo que o rodeia. Diferente das outras espécies, cujo alimento é parte natural do seu ambiente, o homem precisa esforçar-se e trabalhar para comer. Assim, após o homem ter pecado, D'us lhe disse (Gênese 3.19): “Pelo suor de tua testa, haverás de comer o pão”.

Em muitos aspectos, o metal representa a capacidade do homem de destruir a natureza.<sup>47</sup> Portanto, esta também é uma manifestação básica da falta de harmonia do homem para com a natureza. Mais do que um sinal da perfeição humana, a civilização é algo que foi necessário pela falta de harmonia natural do homem com a natureza. Seu uso dos utensílios de metal, portanto, também é um sinal de sua expulsão do Éden.

Por causa de sua natureza de pecador, o homem deve comer o seu pão através “do suor de sua testa”. Ele não pode usar suas faculdades intelectuais para elevar-se espiritualmente, mas é obrigado a utilizar sua mente para satisfazer as necessidades animais mais básicas da vida. Isto fica especialmente evidente quando o homem faz uso dos utensílios de metal, para comer e satisfazer seu apetite animal.

Então, em essência, assim como a *Nidá* representa conflito básico da humanidade dentro do seu próprio processo reprodutor, o uso dos



utensílios de metal pelo homem para comer também representa o conflito do seu intelecto em relação a outra de suas funções naturais, isto é, alimentar-se. Portanto, a Torá afirma que os recipientes de metal devem ser (Números 31:23) “purgados com água para uma *Nidá*”. Os recipientes de metal devem restabelecer sua harmonia com a natureza através de sua associação com as águas do Éden, exatamente como uma *Nidá* deve fazê-lo em relação a sua sexualidade. Assim como uma *Nidá*, esses recipientes precisam ser imersos no *Micvê*.<sup>48</sup>

O contexto no qual a lei da imersão dos recipientes foi derivada também é muito pertinente. A lei foi declarada no contexto de uma guerra da qual Israel participou e que teve suas origens no mau comportamento sexual entre os judeus e os moabitas, que finalmente resultou em idolatria. O próprio fato de o homem poder ser tentado sob forma de idolatria através do sexo, indica que o sexo é uma força que o homem tem dificuldade em controlar e, portanto, é um sinal de sua imperfeição. O fato de também poder levar o homem a empreender guerras e matar é outro sinal de sua imperfeição e incapacidade de viver em harmonia. A natureza premeditada da batalha, por parte dos moabitas, também ressaltou a diferença entre judeus e não judeus, mais uma vez um resultado do pecado do homem. Todo este episódio demonstra que o homem não está em um estado aperfeiçoado, e que Israel precisa manter eterna vigilância, se quiser voltar a ele.<sup>49</sup>

Os espólios que os israelitas trouxeram desta batalha foram utensílios metálicos para comer – “de ouro, prata, cobre, ferro, estanho e chumbo”. O fato de eles terem sido obtidos através da prostituição, da idolatria e da morte, salientou o fato de que esses utensílios também são indicadores do estado de pecado do homem.



Portanto, antes de poderem ser usados, eles também precisaram ser dignificados através do *Micvê*.

Achamos um conceito similar com relação à outorga da Torá. Aqui, os israelitas receberam a ordem de imergir no *Micvê*. Porém, a formulação do mandamento foi (Êxodo 19:10): “eles deverão lavar as suas roupas”. Como examinamos antes, isto significava que eles também tinham de imergir no *Micvê*, porque em todos os casos onde a Torá ordena a lavagem das roupas, a imersão também tem de ser incluída.

Como vimos, as roupas constituem outro sinal do pecado humano. Antes de Adão ter pecado, a humanidade não precisava de roupas; as pessoas estavam nuas, e “não envergonhadas”. De fato, a própria palavra em hebraico para roupas, *Begued*, provém da raiz *Bagad*, que significa “rebelar-se”. As roupas são sinal da rebelião do homem contra D’us.

Portanto, como a doação da Torá representava o caminho do homem para o seu estado aperfeiçoado, ela tinha de ser precedida por uma “lavagem de roupas”, que é a imersão das roupas dos israelitas (assim como dos seus corpos) no *Micvê*.<sup>50</sup> Desta maneira, suas roupas, que eram o próprio símbolo da rebelião do homem, também foram dignificadas pelas águas do Éden. Somente então, os israelitas foram dignos de receber a Torá, que é o instrumento derradeiro do retorno do homem ao seu estado aperfeiçoado no Mundo Vindouro.

## NOTAS

47. Cf. *San’hedrin* 76b, *Midot* 3:4, *Bereshit Rabá* 5:10, *Mechilta*, Rashi, Ramban, sobre Êxodo 20:22. O metal representa também o conceito de dinheiro e comércio; cf. *Baba Metsia* 4:1, *Likutey Halachot* (Yorê Deá) *Hechsher Kelim* 3:3.

48. *Likutey Halachot*, loc. cit., 1:2.

49. *Ibid.*, 4:13.

50. Cf. Alshich sobre Levítico 14:8. O conceito principal de vestimentas é lã e linho (*Shabat* 26b, *Yebamot* 4b, *Menachot* 39b). Como eles não têm lugar na água, tudo no mar é limpo. Cf. *Sifra* sobre Levítico 13:48, Bartenura sobre *Negaim* 11:1, “*Orot Hayam*”, *Kelim* 17:13.

O que é  
um Micvê?



# O QUE É UM *MICVÊ*?

*Somente uma fonte e uma jazida, um conjunto de água, será puro ...*

Levítico 11:36

A palavra em hebraico *Micvê* significa “piscina” ou “conjunto” de água.<sup>1</sup> O único lugar onde o *Micvê*, como tal, é especificamente mencionado na Torá é no versículo (Levítico 11:36): “Somente uma fonte e uma jazida, um conjunto (*Micvê*) de água, será puro ...”. A Torá não faz uma afirmação direta sobre o que seja um *Micvê*, nem fala de sua utilização. Todavia, como veremos, todas essas coisas estão – em última instância – incluídas neste versículo.

No entanto, o lugar onde todas as regras e leis associadas ao *Micvê* são enumeradas é na Torá Oral.<sup>2</sup>

É importante notar que a Torá consiste em duas partes básicas. Uma é a Torá Escrita, a *Torá Shebichtav*, com a qual todos nós estamos familiarizados. É o rolo da Torá que é mantido e lido na sinagoga, e foi meticulosamente copiado, geração após geração, a partir da primeira Torá escrita por Moshé.

A segunda parte da Torá tem igual importância, apesar de não ser tão conhecida. É o que chamamos de Torá Oral ou não escrita, a *Torá Shebeal Pé*. Esta foi, em sua maior parte, transmitida oralmente, de mestre para discípulo, durante 1.500 anos e serviu de base para a

*Mishná*, que finalmente foi escrita pelo Rabino Yehuda, o Príncipe, no começo do terceiro século da era cristã. Mais tarde, ela foi aperfeiçoada com discussões e comentários, para formar o *Talmud*. É da Torá Oral que deriva toda a Lei Judaica.

A necessidade de uma Torá Oral é mais bem ilustrada por um simples exemplo. Suponhamos que você queira ser um alfaiate, e que eu deseje ensinar-lhe as minúcias sobre como fazer jaquetas masculinas. Há duas maneiras pelas quais eu poderia agir. A maneira difícil seria eu escrever um texto sobre a confecção de jaquetas, e depois deixar que você decifre um complexo conjunto de instruções. Uma maneira muito mais fácil e lógica seria eu lhe mostrar como fazer uma jaqueta, guiando-o através das diversas etapas. Após várias dessas lições, ficaria perfeitamente claro como fazê-las. Um pequeno contato pessoal pode produzir muito mais efeito do que muitos livros.

O mesmo é verdade no que diz respeito à Torá. Uma descrição de um *Micvê* exigiria muitas páginas, como descobriremos em breve. Mesmo nesse caso, haveria espaço para mal-entendidos e erros. O mesmo aconteceria com as complicadas leis que envolvem coisas como os *Tefilin*, os *Tsitsit*, a kasherização ou a observação do *Shabat*. Em todos esses casos, mostrar como é feito é muito mais simples e mais exato que tentar descrevê-lo. Assim, por exemplo, qualquer família que mantém as tradições sabe o que é básico para respeitar o *Shabat*. Porém, é necessário um sábio perspicaz para dominar todo o material escrito que nos diz como observar o *Shabat*. Coisas que envolvem um estilo de vida são ensinadas com muito maior facilidade oralmente e mediante exemplos, do que através da palavra escrita.

Esta é uma explicação possível sobre por que algumas das nossas observações mais comuns são mencionadas somente nos termos mais frugais na Torá escrita. Simplesmente, não havia necessidade de

maiores elaborações, porque essas coisas podiam ser melhor aprendidas oralmente, e eram tão lugar-comum, que não podiam ser esquecidas. As coisas escritas eram frequentemente aquelas que não eram um lugar-comum, e que envolviam circunstâncias que aconteceriam raramente. Elas tinham de ser detalhadas por escrito pois, caso contrário, era provável que os detalhes fossem esquecidos.

Um bom exemplo de leis sobre lugar-comum que não foram escritas são as que envolvem o *Micvê*. Toda comunidade tinha o seu *Micvê*, e ele era usado constantemente. Sendo este o caso, os detalhes eram mais bem preservados oralmente.

Existem seis condições necessárias que um volume de água deve preencher antes de poder ter o *status* de um *Micvê*.

1. O *Micvê* deve consistir de água. Nenhum outro líquido pode ser utilizado.<sup>3</sup>
2. O *Micvê* deve ser construído no chão, ou ser parte integrante de um edifício fixado no solo. Ele não pode ser formado por nenhum recipiente que possa ser desconectado e levado embora, como uma banheira, um tanque ou um barril.<sup>4</sup>
3. A água de um *Micvê* não pode estar correndo ou fluindo. A única exceção a esta regra é uma fonte natural ou um rio cuja água derive principalmente de nascentes.<sup>5</sup>
4. A água do *Micvê* não pode ser dirigida (*Sheuvim*). Ou seja, ela não pode ser trazida para o *Micvê* através de intervenção humana direta.<sup>6</sup>
5. A água não pode ser canalizada para o *Micvê* através de nada que possa ficar impuro (*Tamê*). Por este motivo, ela não pode fluir para o *Micvê* através de canos ou recipientes feitos de metal, argila ou madeira.<sup>7</sup>

6. O *Micvê* deve conter pelo menos 40 *Seá* (aproximadamente 332 litros).<sup>8</sup>

É interessante notar como a Torá faz alusão a essas leis. Este exemplo dará uma visão considerável de como a Torá deve ser analisada e como, pela análise correta, ela dá apoio à Tradição Oral. (O exame que se segue é um tanto complicado, e o leitor casual poderá querer passar diretamente para o próximo capítulo.)

Como algumas das derivações dependem de um entendimento correto das palavras do versículo, seria útil apresentá-lo no hebraico original, junto com uma tradução literal:

|         |               |              |
|---------|---------------|--------------|
| אֶךְ    | <i>Ach</i>    | Somente      |
| מַעַיִן | <i>Ma'yan</i> | uma fonte    |
| וּבֹרַ  | <i>U'Bor</i>  | e uma jazida |
| מִקְוֵה | <i>Micvê</i>  | um conjunto  |
| מַיִם   | <i>Mayim</i>  | de água      |
| יִהְיֶה | <i>Yihyê</i>  | será         |
| טָהוֹר  | <i>Tahor</i>  | puro...      |

(Levítico 11:36)

A Torá é de autoria de D'us e, portanto, sua formulação é tão exata quanto o Intelecto Infinito pôde fazê-la. Logo, não há nenhuma palavra, nuance, estrutura gramatical ou ambiguidade que não tenha algum significado. Tendo isto em mente, veremos que este versículo se torna bastante intrigante quando tentamos analisar cada palavra. Portanto, introduziremos várias perguntas dentro do contexto dessas leis e deste versículo.

Olhando este versículo, a primeira regra é bastante óbvia. A Torá afirma com clareza que “um conjunto (*Micvê*) de água será puro”. Isto exclui todos os outros líquidos.<sup>9</sup>

Agora, comecemos a fazer algumas perguntas.

Pergunta 1 Por que o versículo começa pela palavra *Ach* (somente)?  
Esta poderia parecer uma palavra supérflua.

Há uma tradição, que sempre que a palavra *Ach* aparece na Torá, a intenção é de que ela seja restritiva.<sup>10</sup> Para ver o que ela restringe, precisamos examinar o versículo no seu contexto.

Retrocedendo dois versículos, vemos que a Torá diz (Levítico 11:34): “Todo líquido potável, em qualquer recipiente, estará impuro (se tocado por algo impuro)”. Logicamente, os líquidos potáveis incluem a água, e a Torá afirma que se estiverem contidos em *qualquer recipiente*, podem tornar-se impuros. Depois, a Torá diz: “Somente uma fonte e uma jazida, um conjunto de águas (*Micvê*) será puro ...”. A conclusão óbvia disto é de que o *Micvê* não pode consistir em qualquer tipo de recipiente.<sup>11</sup> Assim, derivamos a segunda regra, que o *Micvê* precisa ser embutido no chão.

Pergunta 2 O ponto principal do versículo é que um “conjunto (*Micvê*) de água” é puro. Por que é necessário especificar uma fonte e uma jazida?

Pergunta 3 Por que são mencionadas as duas, uma fonte e uma jazida?  
O que podemos aprender de uma, que possamos não conhecer da outra?

A Torá começa mencionando uma fonte. Isto se refere à água que brota naturalmente do solo. Portanto, a palavra “fonte” vem nos



ensinar que a própria água precisa ser completamente natural.

A palavra seguinte, *Bor* ou “jazida” refere-se a um orifício no solo, esteja ou não cheio de água. Um orifício vazio também é chamado um *Bor*, como podemos ler (Gênesis 37:24): “a fonte (*Bor*) estava vazia, não havia água nela”.

Além disto, o *Bor* ou “jazida” não precisa ser natural. Também pode ser feita pelo homem, como lemos (Êxodo 21:33): “quando um homem escava uma jazida (*Bor*)”.

Da palavra “jazida”, aprendemos que o receptáculo para o *Micvê* pode ser feito pelo homem. É somente a água que deve surgir de maneira natural.

A primeira coisa que concluímos disto é a quarta regra, isto é, que a água não pode ser extraída ou vir ao *Micvê* através de qualquer intervenção humana.

“Água natural” pode ser água fluindo diretamente de uma fonte ou, o que é mais comum, água pluvial. Também pode ser usada água de um lago ou do mar. A principal restrição é que ela não seja “extraída/retirada” ou trazida para o *Micvê* através do esforço humano.

No entanto, o receptáculo para a água pode ser feito pelo homem, sendo a única condição de que não seja um recipiente, como mencionado antes. Estão incluídos na categoria de “receptáculo” todos os dutos ou canais necessários para trazer a água natural para o *Micvê*.<sup>12</sup> Em breve, investigaremos algumas das implicações desta questão.

Pergunta 4 Por que está incluída a palavra “conjunto/reunião”? O versículo deveria dizer “uma fonte e uma jazida de água”.

A palavra seguinte, *Micvê* ou “conjunto” indica que a água deve estar parada, “reunida” num lugar e impedida de fluir ou escoar.

Assim, achamos (Gênesis 1:10): “o conjunto (*Micvê*) de águas [que D’us] chamou mares”. Um “conjunto de águas”, então, é a água que permanece num lugar, como um “mar”.

Um *Micvê* deve ser um tanque de água onde não haja nenhum fluxo. Em todo caso onde a água drena do *Micvê*, ela é imprópria para o uso, porque então se trata de água “fluindo”, não de água “reunida”. Assim, derivamos a terceira regra, que o *Micvê* não pode estar correndo ou fluindo.

Pergunta 5 Há uma evidente ambiguidade neste versículo. Não fica claro se a frase “um conjunto de água” se refere somente à fonte, ou à fonte e à jazida. Por um lado, o versículo pode ser lido “uma fonte e uma jazida [que é] uma reunião de águas”. Por outro lado, também pode ser lido “uma fonte e uma jazida [que são ambas] uma reunião de águas”. Qual é a causa desta ambiguidade?

Como mencionamos antes, tudo na Torá, até as ambiguidades, tem uma razão de ser. O fato de esta ambiguidade existir indica que ambas as interpretações são corretas.

Numa interpretação, o versículo diz: “uma fonte e uma jazida [que são ambas] uma reunião de águas”. Nesta interpretação, a frase “uma fonte e uma jazida” é o modificador, dizendo-nos algo sobre “uma reunião de águas”. O que isto está nos dizendo é que o “conjunto de águas” deve ser formado por água natural como uma fonte, mas pode estar contida num receptáculo feito pelo homem, como uma jazida. Portanto, “reunião/conjunto” é a palavra que está sendo modificada.

Na outra interpretação, o versículo diz: “uma fonte e uma jazida [que é] uma reunião de águas”. Neste caso, a palavra “reunião” é o modificador, dizendo-nos alguma coisa sobre a “jazida”. O que nos

diz é que a água da jazida deve ser um “ajuntamento”, e não água que está fluindo ou vazando. Porém, nesta interpretação, a palavra “reunião” somente se refere a “jazida” e não a “fonte”.

Disto, vemos que a restrição contra água fluindo somente se aplica a uma “jazida”, não a uma fonte.<sup>13</sup> Um *Micvê* feito totalmente de água de fonte natural pode estar fluindo assim como “reunida”. Porém, se o *Micvê* estiver cheio de água de chuva, ele não poderá estar fluindo, em absoluto. Isto completa a terceira regra.

Esta última regra tem implicações importantes com relação aos rios. Se a porção maior da água de um rio vier de fontes subterrâneas, então o rio inteiro terá o *status* de uma fonte, e poderá ser usado como um *Micvê*. Se, por outro lado, o rio derivar o seu fluxo principalmente de águas pluviais, então ele já não terá o *status* de uma fonte e, como está fluindo, não é adequado para um *Micvê*.<sup>14</sup> Logo, apesar de os rios ocasionalmente poderem ser usados como um *Micvê*, cada caso individual deve ser verificado por um rabino perito competente.

Pergunta 6 O verbo desta frase, “será”, em hebraico, está no singular.

Como a frase contém pelo menos dois sujeitos, “uma fonte e uma jazida”, por que o verbo não é usado no plural?

O verbo no singular indica que a “fonte e jazida” juntas formam uma entidade *única* chamada “conjunto de água” ou *Micvê*. Como vimos anteriormente, “fonte” refere-se à água natural do *Micvê*, enquanto “jazida” se refere ao seu receptáculo feito pelo homem. O verbo no singular nos ensina que ambas formam uma entidade única que é o *Micvê*.<sup>15</sup>

Isto, por sua vez, indica que para que o *Micvê* esteja “puro”, todo elemento do receptáculo também precisa estar “puro”. Portanto, o versículo diz, “[ele] será puro”, usando o verbo no singular.

O único motivo pelo qual a água pode ser trazida para o *Micvê* através de dutos e canais feitos pelo homem é porque estes elementos são todos considerados parte do receptáculo e, por conseguinte, estão incluídos na “jazida”, que pode ser feita pelo homem. Se esses dutos, canais ou qualquer outra coisa que trouxer a água para o *Micvê* forem passíveis de tornarem-se impuros, então o mesmo poderá acontecer ao tanque – e ele já não terá o *status* de um *Micvê*.

Disto, aprendemos a terceira regra, isto é, que a água não pode ser canalizada para o *Micvê* através de nada que possa tornar-se impuro. Assim, o *Talmud* diz: “‘Ele será puro’ – toda a sua existência deve vir através de coisas puras”.<sup>16</sup>

Se examinarmos agora o versículo cuidadosamente, veremos que cada palavra nos ensina uma lei diferente:

|                     |                                                                             |
|---------------------|-----------------------------------------------------------------------------|
| Somente .....       | <i>somente isto, mas não um recipiente</i>                                  |
| uma fonte .....     | <i>a água deve ser natural</i>                                              |
| e uma jazida .....  | <i>mas o receptáculo pode ser feito pelo homem</i>                          |
| um conjunto .....   | <i>a água não pode estar fluindo</i>                                        |
| de água .....       | <i>mas nenhum outro líquido</i>                                             |
| [ele] será puro ... | <i>o receptáculo, incluindo todos os seus dutos, deve ser incorruptível</i> |

Portanto, as seis regras estão incluídas neste versículo básico. Para achá-las, é suficiente fazer uma análise cuidadosa.

Há uma lei final que podemos derivar deste versículo. Quando um tanque tem o *status* de *Micvê*, ele não perde o seu *status*, não importando qual seja o seu tipo ou quanta água adicional lhe seja acrescentada.

A Torá diz que um *Micvê* “será puro”, conjugando o verbo no futuro. Isto indica que, quando um volume de água tem o *status* de um *Micvê*, ele não pode tornar-se impuro, de maneira nenhuma. Isto é verdade, independentemente de quanta água impura seja despejada no *Micvê*.

Portanto, quando um tanque tem o *status* de um *Micvê*, uma pessoa pode acrescentar-lhe tanta água quanto desejar, de qualquer maneira que quiser.

Na Torá Oral, encontramos que uma abertura do tamanho do “gargalo de uma garrafa de couro” (*Shefoferet Hanod*) é suficiente para unir dois volumes de água num só.<sup>17</sup> De acordo com a tradição, este orifício tem um diâmetro de dois dedos (aproximadamente cinco centímetros). Se uma parede que separa dois tanques contém um orifício deste tamanho, então essa água flui livremente de um tanque para o outro, e os dois tanques são considerados como um só tanque.

Existe, então, uma outra maneira pela qual podemos acrescentar água a um *Micvê*. Podemos construir um tanque perto dele, e deixar que um orifício adequado conecte os dois. Tão logo as águas dos dois tanques fiquem misturadas, elas serão consideradas como uma, e a água do segundo tanque é considerada como tendo sido “acrescentada” ao *Micvê*. Este é o processo conhecido como *Hashaká*, que vem da palavra em hebraico *Nashak*, que significa “beijar”.

Esta é a maneira pela qual a maioria dos *Micvês* são construídos. O *Micvê* original é um tanque pequeno, chamado de *Bor* ou “jazida”, fazendo alusão à “jazida” mencionada na Torá. Ele é preenchido com água natural de chuva, satisfazendo as seis condições mencionadas antes. Perto do *Bor* há um tanque maior, conectado ao *Bor* por um orifício de tamanho adequado. Este tanque maior é enchido com água comum de torneira, mas tão logo a água cobre o orifício, os dois tanques “beijam-se” e são considerados como um só. Depois, este

tanque maior também se torna um *Micvê*, e geralmente é utilizado para imersão.

Uma pergunta permanece sem solução. A Torá diz que “uma fonte e uma jazida, um conjunto de água, será puro (*Tahor*)”. Tudo o que a Torá está dizendo, aparentemente, é que o *Micvê* está ritualmente puro, mas não que ele possa purificar uma pessoa. Como sabemos que ele pode?

Em muitos lugares, quando a Torá fala de purificação, ela simplesmente afirma “ele se lavará na água, e ele estará puro”.<sup>18</sup> Apesar de não se fazer nenhuma menção ao *Micvê*, sabemos pela Torá Oral que esta lavagem se refere à imersão no *Micvê*.

Isto pode ser compreendido através de um raciocínio lógico relativamente simples. A menos que a água esteja num *Micvê*, ela própria ficaria impura quando tocasse uma pessoa impura. Não pareceria lógico que a água que se torna impura pudesse deixar uma pessoa pura. Portanto, já que a única água que não pode ficar impura é a água do *Micvê*, esta deve ser a água da purificação.<sup>19</sup>

Quando a Torá fala de purificação ritual, as verdadeiras palavras utilizadas são *U’Rachats Bamayim*, que traduzido literalmente significa “ele se lavará na água [e será puro]”. A Torá não está se referindo a qualquer água, mas à água – água especial. A única água que tem um *status* especial com relação à pureza é a água do *Micvê*.<sup>20</sup>

Caso ainda permaneça alguma pergunta quanto à maneira de lavar-se com a água de um *Micvê*, a Torá especifica (Levítico 15:16): “Ele lavará toda a sua carne na água”. Isto indica com clareza que o corpo inteiro tem de estar em contato com a água do *Micvê*.<sup>21</sup> E disto também aprendemos que não deve haver nada se interpondo entre o nosso corpo e a água. Toda interposição (*Chatsitsá*) torna a imersão nula.<sup>22</sup>

Alem disto, a Torá afirma com relação aos recipientes (Levítico 11:32): “Dentro da água ele deverá entrar, e ficará puro”. Portanto, vemos que o modo de purificação é “entrar na água”, ou seja, a imersão num *Micvê*. O mesmo vale para uma pessoa.<sup>23</sup>

Se olharmos cuidadosamente na Torá, acharemos que a palavra em hebraico *Rachats* – “lavar” – não se refere a um processo de limpeza, mas sim a uma purificação mediante a água.<sup>24</sup> Logo, uma tradução mais exata de *Rachats* seria “purificar com água”, em vez de “lavar”. De fato, revertendo as letras, vemos que a palavra *RacHaTs*, foneticamente, é muito próxima da palavra *TaHoR*, que significa “purificar”. Assim, quando a Torá diz que alguém deve “*Rachats* na água”, significa que deve “purificar-se na água”.

Há um lugar na Bíblia onde vemos claramente que o significado da palavra *Rachats* era geralmente aceito como imersão. Quando Naaman, um capitão arameu, foi atingido pela lepra, ele foi ao profeta Eliseu (Elisha) e pediu-lhe uma cura. O profeta lhe disse (2 Reis 5:10): “Vá e lave-se (*Rachats*) no Jordão”. Disseram-lhe que devia “lavar-se” e nada mais. Porém, quando Naaman finalmente seguiu o conselho de Eliseu, a Bíblia afirma que (*ibid.*, 5:14): “ele desceu e imergiu-se (*taval*) no Jordão”. Disto, vemos claramente que “lavar-se” era geralmente aceito com o significado de imersão.<sup>25</sup>

Essas referências da Torá Escrita reforçam a tradição da Torá Oral, que é a fonte de todas as leis que envolvem o *Micvê*.

A seguir, precisamos examinar o tamanho de um *Micvê*. É óbvio que ela tem de ter o tamanho suficiente para que qualquer pessoa possa imergir nele.

Como todas as outras regras sobre o *Micvê*, o tamanho exato é conhecido pela Torá Oral mas, ao mesmo tempo, a Torá Escrita também faz alusão a ele. O *Talmud* deriva-o de um versículo



mencionado antes (Levítico 15:16): “Ele lavará toda a sua carne na água”. O *Talmud* diz que esta é “água que recebe toda a sua carne ... um *Amá* (cúbico) por um *Amá* por três *Amot*”. Isto, por sua vez, é considerado igual a 40 *Seá* (aproximadamente 332 litros, como mencionado antes).<sup>26</sup>

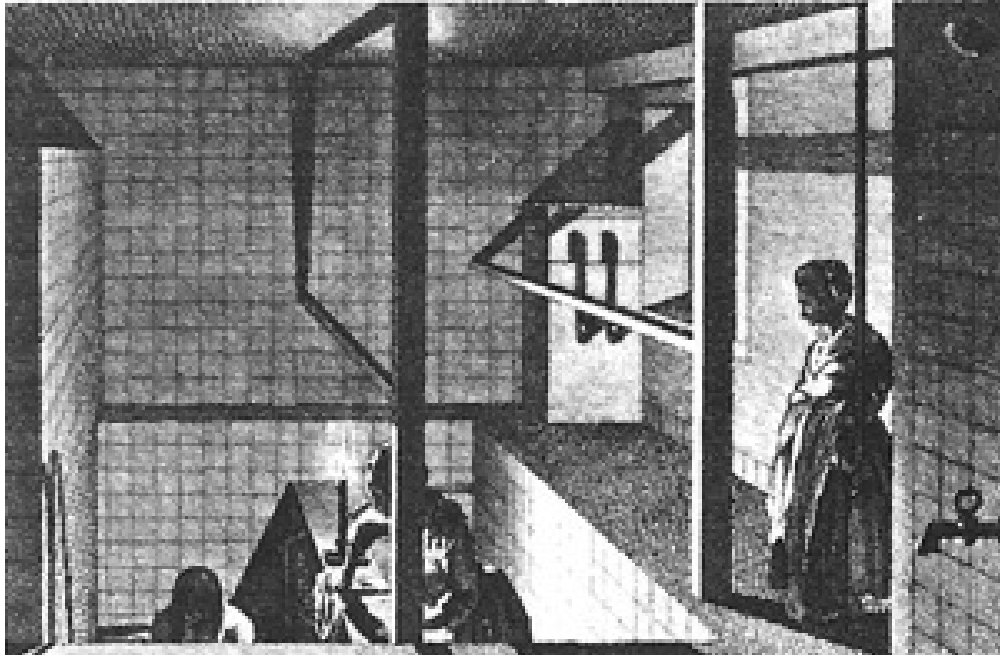
Uma das primeiras autoridades, Rabi Yitschac ben Sheshet (Rivash), explica esta afirmação talmúdica de maneira muito interessante.<sup>27</sup> Há uma regra geral, que se uma coisa for misturada com outra que tenha o dobro do seu volume, ela será considerada como anulada.<sup>28</sup> O maior corpo humano normal tem um volume de 20 *Seá*.<sup>29</sup>

Isto combina muito bem com o conceito de que a imersão num *Micvê* envolva a autoanulação e o renascimento. Vemos aqui que isto é verdadeiro como um ponto da Lei Judaica, como também do ponto de vista filosófico.

Afirmamos antes que a palavra em hebraico *Rachats*, geralmente traduzida como “lavar”, é traduzida mais precisamente como “purificar com água”. O Rabino Samson Raphael Hirsch faz notar que também está relacionada foneticamente com a palavra *Ra’ats*, que significa “derrubar” ou “quebrar”.<sup>30</sup> Quando a Torá fala sobre “lavagem”, ela está falando essencialmente de autoanulação e “quebra” do ego, que é a essência da purificação espiritual.

O que esquematizamos aqui é uma descrição geral de um *Micvê*, não um guia para construir um. Essas leis são extremamente complexas, e somente um rabino perito tem a autoridade para supervisionar o projeto e a construção de um *Micvê*.





*Micvê de judeus portugueses (Holanda, 1783).*



*Micvê antigo de Carpentras (França).*

## NOTAS

1. Sozinha, a palavra *Micvê* aparece só uma vez na Bíblia, em Isaías 22:11. Nos demais casos, comumente é chamada de uma “reunião (*Micvê*) de água”. Cf. Gênese 1:10, Êxodo 7:10.
2. *Yerushalmi, Chaguigá* 1:8 (7a.).
3. *Yorê Deá* 201:23. Veja nota 9.
4. *Yorê Deá* 201:6. Veja *Pessachim* 16b, *Sifra* sobre Levítico 11:36 (143), *Tossafot, Pesachim* 17b “Ele”, *Baba Batra* 66b “Miklal”, *HaGra* sobre *Yorê Deá* 198:29, 201:29.
5. *Yorê Deá* 201:2, *Sifra* sobre Levítico 11:36 (145), *Yad, Mikvaot* 10:16, *Rashi, Shabat* 65b, “VeSavar”, *Tossafot, ibid.*, “Shema”, *Rashi, Nidá* 67a, “Micvaot”, *Tossafot,*

*Bechorot* 55a “*Shema*”. Cf. *Mikvaot* 1:7, 5:4,5, *Tossafot*, *Chaguigá* 11a, “*Bamê*”.

6. *Yorê Deá* 201:3, *Sifra* sobre *Levítico* 11:36 (143). Há uma pergunta sobre se o fato de a água ser dirigida e tornar um *Micvê* inadequado é uma lei rabínica (*Derabanan*) ou uma lei da Torá (*Deoraita*). A opinião aceita é que se a maior parte da água for dirigida, então o *Micvê* é inadequado para a lei da Torá, enquanto que se somente uma pequena parte for dirigida, isto é, extraída, ela é inadequada para a lei rabínica; *Yorê Deá* 201:3 em *Hagá*, *Shach* 201:141, *Taz* 201:81. Veja *Tossafot*, *Baba Batra* 66b “*Miklal*”, R. *Guershom ibid.*, R. Yaakov, citado em *Sefer Mitsvot Gadol* (*Smag*), mandamento positivo 248, R. Shimon, citado em *Shiltey Guiborim*, *Shvuot* (Rif 5a.) 1, Rosh, *Baba Kama* 7:3, *Micvaot* 1 (segundo a *Nidá*), *Tshuvot HaRosh* 31:11, Ritva, *Pesachim* 17b. Veja também Rashi, *Baba Kama* 67a, Rashbam, *Baba Batra* 66b “*Leolam*”. Contudo, outra opinião sustenta que a totalidade da regra que proíbe água dirigida é somente rabínica. Veja *Yad*, *Micvaot* 4:1,2, R. Yitschac, citado em *Tossafot*, *Pessachim* 17b “*Elê*”, *Baba Batra*, *loc. cit.*, *Ran*, *Shvuot* (Rif 5a.), Bartenura sobre *Micvaot* 2:3. Uma terceira opinião é a de R. Shimson, que conclui que a água dirigida somente é inadequada – pela lei da Torá – caso ela também viole a regra 6, e se for retirada com recipientes que possam se tornar impuros. R. Shimshon (Rash) em *Micvaot* 2:3, *Tossafot*, *Yom Tov ibid.*, *Ran loc. cit.* Uma opinião final é a do Raavad, que sustenta que se a água for retirada só mediante o uso de recipientes, ela só será inadequada para a lei rabínica; mas se for retirada pelo homem, então ela será inadequada segundo a lei da Torá. Raavad, citado em *Shitá Mekubetsset*, *Baba Kama* 67a, *Ran*, *loc. cit.* Para uma discussão geral, Veja *Beit Yossef*, *Yorê Deá* (p. 97b).

7. *Yorê Deá* 201:34, *Shach* 201:76, *Taz* 201:43. Veja *Zevachim* 25b, R. Shimson, Bartenura, sobre *Pará* 6:4, *Micvaot* 5:5; Rosh, *Micvaot* 5:12, *Tshuvot HaRosh* 31:7. R. Shimson sobre *Micvaot* 2:3, escreve que é uma lei da Torá. No entanto, Raavad, citado em *Shitá Mekubetsset*, *Ran*, *loc. cit.*, sustenta que não passa de uma lei rabínica. Há uma opinião segundo a qual esta exigência apenas se aplica a “água viva” (*Mayim Chayim*). Veja Mordechai, *Shvuot* 746, Rambam sobre *Eduyot* 7:4, *Pará* 6:4, *Micvaot* 5:5, *Yad*, *Pará Adumá* 6:8, *Mishná Acharoná* sobre *Pará loc. cit.*, *Beit Yossef*, *Yorê Deá* 201 (p. 109b) “*VehaRambam*”, *Chidushey R. Chaim HaLevi* sobre *Yad*, *Micvaot* 9:9 (no final). Raavad sobre *Eduyot* 7:4 parece concordar com esta opinião, mas sustenta que, no caso do *Micvê*, trata-se de uma lei rabínica, como mencionado anteriormente. Para uma discussão completa, Veja *Tshuvot Chatam Sofer*, *Yorê Deá* 199.

8. *Yorê Deá* 201:1. Isto equivale a três *Amot* cúbicos. Veja nota 26. De acordo com *Taharot Mayim* 20a, citado em *Shaarim Metsuyananim BaHalachá* (sobre *Kitsur Shulchan Aruch*) 37:14 (2), que se baseia numa *Amá* de 48 cm.
9. *Chulin* 84a, *Sifra* sobre Levítico 11:36 (146).
10. *Yerushalmi*, *Berachot* 9:5 (67b). Cf. Rashi, *Baba Batra* 14a “*Ein Miut*”, Maharshal *ad loc.*
11. Rashbam, Ramban, Malbim, Hirsch *ad loc.*, *Penei Yehoshua*, *Pessachim* 16a “*Chad DeTelushin*”. Cf. *Sifra* sobre Levítico 11:34 (136), Hirsch *ibid.*
12. Cf. *Sifra ad loc.* 143.
13. *Sifra ad loc.* Veja nota 5.
14. *Yorê Deá* 201:2. Veja *Shabat* 65b, *Nedarim* 40a, *Bechorot* 55b, *Nidá* 87a.
15. Vemos que *Micvê Mayim* se refere ao recipiente, como também indica Gênesis 1:10. Veja Bachyê *ad loc.*, de Isaías 11:9, onde achamos que a água “cobre o mar”.
16. *Zevachim* 25b. Veja nota 7.
17. *Pará* 5:8, *Micvaot* 6:7, *Yebamot* 15a, *Chaguigá* 21b, *Micvaot* 8:5,6, *Yorê Deá* 201:40,52.
18. Êxodo 29:4, 40:12, Levítico 8:6, 11:32, 14:8, 9, 15:5,6,7,8,10,11,12,13, 16,17,18,27, 16:4,24,26,26, 17:15, 22:6, Números 19:7,8,19; 31:23, Deuteronômio 23:12. Entretanto, em três locais, constatamos que “lavagem” não se refere ao *Micvê*. Veja Levítico 1:9, 1:13, 6:21, mas estes estão especificamente excluídos. Veja *Sifra ad loc.*
19. Malbim *ad loc.* 143. Cf. Hirsch *ad loc.* Veja *Sifra* (145), Rashi, *ad loc.*, Rashi, *Pesachim*, 16a, “*Yihyê*”, R. Chananel *ibid.*, Rashi, *Chulin* 84a “*Ach Maayan*”.
20. Rashi, *Chaguigá* 11a “*BaMayim*”, Eashbam, *Pessachim* 109a “*KeDeTanya*”, Mizrachi, *Siftey Chachamim*, sobre Êxodo 24:9. Cf. *Sifra* sobre Levítico 14:8. Veja também *Tossafot*, *Chaguigá* 11a “*Bamê*”.
21. Isto não se refere à água extraída do *Micvê*, pois – assim que ela é removida – pode ficar impura. Veja *Eruvin* 4b, Rashbam, *Pessachim* 109b “*Kol Bessaró*”, Hirsch sobre Êxodo 29:4, *Yad*, *Micvaot* 1:7.
22. *Eruvin* 4b, *Yad*, *Micvaot* 1:12. Cf. *Sifra*, Rashi, sobre Levítico 15:11.
23. *Yorê Deá* 201:1, *Sifra* (122) sobre Levítico 11:32, Hirsch *ibid.*, *Sefer Mitsvot Gadol* (*Smag*) mandamento positivo 248. Cf. *Sifra* sobre Levítico 22:6, Rashi, *Eruvin* 4b “*Kol Bessaró*”. Se qualquer parte do corpo não for coberta pela água, ela permanece impura, e, por sua vez, torna impuro o resto do corpo. *Reshit Chochmá*, *Shaar Haahavá* 11 (92a); *Chessed LeAvraham*, citado em *Taamey HaMin’haguim* B26 (p. 501).

24. Cf. Isaías 1:16. Mesmo a “lavagem dos pés”, em Gênese 18:4 refere-se à imersão num *Micvê*. Veja *Zohar* 1:102b. Da mesma forma, a lavagem do rosto de José em Gênese 43:31 refere-se à eliminação de um estado de ânimo, Veja *Targum J.*, *ad loc.* O mesmo é verdade para a lavagem da filha do Faraó em Êxodo 2:3, Veja *Sotá* 12b, *Shemot Rabá* 1:23, *Tanchuma*, *Shemot* 7.
25. De fato, *Targum* em 5:10 e em 5:13 dá *Rachats* (lavar) como *Taval* (imersão). Veja *Torá Temimá* sobre Levítico 15:33.
26. *Eruvin* 4b, 14b, *Yomá* 31a, *Chaguigá* 11a, *Pesachim* 109a.
27. *Tshuvot Rivash* 292-295, citado em *Tshuvot Chatam Sofer*, *Yorê Deá* 209. Veja *Micvaot* 6:3.
28. *Guitin* 58b. Cf. *Yorê Deá*, 109:1.
29. Daí o *Talmud* dizer que o corpo humano é “elevado” (*olá*) em 40 *Seá*. A expressão *olá*, todavia, também se refere à nulificação (*bitul*), como encontramos em *Terumot* 4:7 e em outros lugares.
30. Hirsch sobre Êxodo 30:18. Cf. Êxodo 15:6, Juízes 10:8. Relaciona-se também com a palavra *Lachats* (moer). Veja *Targum* sobre Juízes 10:8.

# O mistério do Micvê



# ÁGUA

Até agora, falamos sobretudo em termos simbólicos. Mas temos uma regra segundo a qual os mandamentos – além de terem valor simbólico –, também têm um efeito espiritual profundo sobre o homem.<sup>1</sup>

Intimamente vinculada a esta ideia está o ensinamento de que tudo no mundo físico tem uma contrapartida espiritual.<sup>2</sup> Do mesmo modo, toda ação neste mundo tem sua contrapartida no campo espiritual. A contrapartida espiritual do homem físico é sua alma Divina. Quando o homem imerge num *Micvê* físico, sua alma também fica imersa em sua contrapartida espiritual. Todavia, antes de podermos examinar isto, devemos primeiro compreender a natureza espiritual da água.

Uma das qualidades mais óbvias da água é o fato dela ser um líquido. De fato, num certo sentido, a água é a principal representação do estado fluido.<sup>3</sup> Em muitos casos, quando falamos, de “água”, na realidade estamos falando do estado fluido em geral. Portanto, a contrapartida espiritual da água tem um vínculo muito próximo com sua propriedade de ser um fluido.

Mas qual é a principal diferença entre um fluido e um sólido? Qual é a propriedade especial que o fluido tem, que não existe no estado sólido?

A diferença principal entre eles consiste na mudança. Se somente existissem os sólidos, não haveria nenhuma mudança em absoluto. O mundo seria um corpo morto, sem ar, num estado congelado imutável.<sup>4</sup> Para que a mudança seja possível, o estado fluido, bem como o estado sólido, devem existir.

Porém, se somente temos fluidos, deparamos com um outro problema. Os fluidos têm a capacidade de mudar, mas eles não têm nenhuma permanência. Um fluido não retém nenhuma forma nem configuração. Se tivéssemos um mundo feito somente de fluidos, haveria mudança, mas nenhuma permanência.

A água, sendo o protótipo do fluido, é portanto a substância que representa primordialmente a mudança e a instabilidade. De fato, quando a Torá quer falar de instabilidade, ela usa a água como exemplo, como vemos claramente (Gênesis 49:4): “Instável como água”.<sup>5</sup>

A vida é uma combinação singular de mudança e permanência. Uma coisa viva está mudando constantemente e, no entanto, ao mesmo tempo ela retém sua identidade. Uma pessoa sofre mudanças constantemente e, no entanto, continua sendo a mesma pessoa.

A vida também é uma combinação singular de sólido e líquido; é claro que o líquido mais importante nas coisas vivas é a água. A água dissolve os nutrientes necessários para a vida, transporta-os para as diversas partes do corpo, e depois ela faz exatamente o oposto com os resíduos do corpo. Todo movimento feito por uma criatura viva envolve líquidos, em última análise. Toda a criação contém esses dois opostos espirituais essenciais, permanência e mudança, representados fisicamente pelos sólidos e pelos líquidos. Os protótipos desses dois estados são a terra e a água, respectivamente.

A Torá descreve o mundo no começo da criação dizendo (Gênesis 1:2): “A terra era sem forma e caótica, com escuridão na face das



profundezas, e o espírito de D’us causando movimento na superfície da água”. Algumas perguntas surgem imediatamente. Primeiro, por que a ideia do espírito de D’us e sua conexão com a água são mencionadas exatamente? Segundo, por que o espírito de D’us é associado primordialmente com a água nesta passagem? Além disto, a palavra em hebraico *Merachfet*, que traduzimos como “causador de movimento”, tem a conotação tanto de causar movimento, quanto de cuidar de alguma coisa.<sup>6</sup> Por que é utilizada esta palavra em especial? Por último, por que esta palavra é utilizada no tempo presente, o que parece tirá-la do contexto do resto do versículo?

Contudo, antes de responder a estas perguntas, uma coisa precisa ser esclarecida. Ao descrever os seis dias da criação, a Torá não está tentando dar-nos uma descrição científica de como o mundo veio a existir. A Torá não tenta dizer-nos essas coisas que podemos descobrir através do nosso próprio intelecto, ou mediante a observação científica. A Torá coloca o homem na perspectiva do resto da criação, e lhe diz como relacionar-se com o resto do universo. A Torá preocupa-se com o homem espiritual, e em ensinar como o mundo se relaciona com o homem, em relação a D’us.

De acordo com muitas autoridades, a “água” mencionada nos primeiros dias da criação refere-se ao estado fluido do universo.<sup>7</sup> Antes da criação, a mudança não existia. D’us mora num campo de ação que fica acima do tempo, e o conceito de mudança não se aplica a Ele, de maneira alguma. Assim, D’us disse ao Seu profeta (Malaquias 3:6): “Eu sou D’us. Eu não mudo”.<sup>8</sup>

Portanto, um dos primeiros ingredientes da criação teria de ser exatamente o conceito de mudança. O universo recém-criado seria uma entidade dinâmica, não estática. Mas só a mudança não é suficiente. A mudança pura e simples só poderia resultar no caos, e a

Torá descreve este estado inicial dizendo: “a terra era sem forma e caótica”.<sup>9</sup>

Por si só, este estado fluido caótico poderia dar origem a qualquer coisa, boa ou ruim. Foi desse estado caótico que a possibilidade do mal veio a existir, e a frase seguinte faz alusão a isto: “e a escuridão na face das profundezas”. Esta “escuridão” é espiritual, mais do que física,<sup>10</sup> e estende-se sobre a “profundezas”, as profundezas da “água” não influenciadas pelo “espírito de D’us”.

Para que este conceito de mudança se encaixe na finalidade geral de D’us – a criação –, e traga esclarecimento espiritual, primeiro ele teria de ser colocado sob o Seu controle constante. A Torá descreve este controle falando do “espírito de D’us causando movimento sobre a superfície da água”. A palavra *Merachefet*, aqui utilizada, também tem a conotação de “cuidar de”, porque todo o cuidado de D’us pelo universo está associado à Sua orientação de toda mudança e desenvolvimento. Isto explica por que a palavra *Merachefet* está no tempo presente, indicando que esta orientação e providência é constante e contínua.<sup>11</sup>

No versículo imediatamente seguinte, a Torá afirma (Gênesis 1:3): “E D’us disse, ‘Que se faça a luz’, e se fez a luz”. Após a providência de D’us ter sido estabelecida, dirigindo e orientando toda a mudança, o esclarecimento espiritual podia ser trazido ao mundo.

O *Midrash* nos ensina que este “espírito de D’us”, que estava por cima das águas, refere-se ao “espírito do Messias”.<sup>12</sup> A Era Messiânica representa a realização final do propósito de D’us na criação. É um tempo em que todo o Mal será vencido, e o Bem reinará sobre toda a humanidade. Portanto, o “Espírito de D’us”, que dirige toda a mudança e movimento, é uma força positiva, movendo o mundo na direção de sua meta derradeira de perfeição, que é a Era Messiânica.

(A propósito: isto *não* tem, em absoluto, a intenção de identificar D’us com o Messias.)

No segundo dia, a Torá nos diz que D’us dividiu as águas, separando-as nas “águas de cima” e nas “águas de baixo”. O *Talmud* nos ensina que esta divisão era sexual, com as “águas de cima” representando o elemento macho, e as “águas de baixo” representando a fêmea.<sup>13</sup> Este é o primeiro lugar em que achamos o conceito de macho e fêmea, representando os dois elementos da mudança, da “água” original.

Este conceito de macho e fêmea também faz alusão ao conceito da concepção, do nascimento e do crescimento. Ao dar às águas o atributo de serem macho e fêmea, D’us lhes deu a capacidade de produzir “crianças”. O conceito de mudança não seria casual; causaria o desenvolvimento de maneira orgânica.<sup>14</sup> Em última instância, todo conceito de “macho” e “fêmea” se desenvolveria a partir disto.

No terceiro dia da criação, a Torá nos relata que D’us disse (Gênese 1:9): “Que as águas sob os céus sejam reunidas num lugar, e que a terra seca apareça”. Do estado de “água”, que antes constituía todo o universo, um novo conceito surgiu, denominado “terra seca”. Além da fluidez e da mudança, o conceito de solidez e permanência também veio a existir.<sup>15</sup> Isto, por sua vez, possibilitaria a existência da vida e, de fato, vemos que o conceito da vida vegetal também veio a existir neste mesmo terceiro dia.

É neste terceiro dia da criação que vemos a fonte da palavra *Micvê* pela primeira vez. A Torá fala da água separada e a denomina uma *Micvê Mayim* – uma “reunião de água”. Depois, a Torá diz (Gênese 1:10): “à reunião (*Micvê*) de águas, Ele chamou de mares”.

A “reunião de água” consistia na “água sob os céus”, que são as águas fêmeas mencionadas antes. Para que o mundo seja capaz de produzir a vida, essas águas tinham de ser “reunidas num lugar”, o

que foi chamado de *Micvê*. Em última instância, esta “*Micvê* de águas” original representava o útero de toda a vida. As escrituras fazem alusão a isto quando dizem (Jó 38:29, 30): “De cujo útero veio o gelo ... as águas que congelaram até se tornarem pedra”.

Novamente, vemos a água como o conceito da mudança e da vida na descrição do Éden. A Torá diz (Gênese 2:5-7): “Todos os arbustos do campo ainda não tinham começado a existir na terra, e toda a grama do campo ainda não tinha crescido, porque D’us não tinha trazido a chuva à terra ... Depois, um orvalho levantou-se da terra, e regou a face do solo. Então, D’us formou o homem a partir do pó do solo, e insuflou em suas narinas uma alma de vida”.

Até D’us trazer água à terra, nenhuma vida em absoluto, nem sequer a vida vegetal, foi possível.<sup>16</sup> O homem pôde ser formado a partir do “pó do solo” somente após a água ter entrado em cena. Como nos ensina o *Midrash*, o homem é uma combinação de “pó e água”, permanência e mudança.<sup>17</sup> Pelo tempo que o homem estiver vivo, esta “água” será a parte mais essencial do seu ser.

Contrastando com isto, quando a Torá fala da morte do homem, ela diz (Gênese 3:19): “tu és pó, e ao pó haverás de voltar”. “Terra” e “pó” referem-se à permanência, enquanto que “água” é mudança. Quando o homem está morto, tudo o que resta é permanência – “pó” – porque ele já não pode mais crescer, nem mudar.

O principal conceito espiritual da água é o da mudança e do desenvolvimento. Ele representa o crescimento e desenvolvimento do mundo, visando cumprir a finalidade de D’us, e, neste contexto, o Jardim do Éden foi “regado” espiritualmente, bem como fisicamente. Em consequência, era um meio ambiente onde o homem podia crescer e se desenvolver, de acordo com o plano derradeiro de D’us.

Portanto, as águas do Éden fundem vários conceitos. Em primeiro lugar, essas águas representam o “útero” da humanidade,

porque foi com a água que D'us “formou o homem a partir do pó da terra”. Segundo, essas águas eram a fonte dos “rios” que deixavam o Éden, que deram ao homem a capacidade de conectar-se com a sua fonte derradeira, mesmo em seu estado de pecador e, assim, crescer em direção aos objetivos de D'us.

O mais importante é ver que a própria água representa a mudança e o fluxo em direção ao objetivo de D'us. Quando uma pessoa imerge num *Micvê*, ela imerge espiritualmente no conceito básico da mudança em si mesma. O ego do homem representa o elemento de sua permanência. Portanto, quando ele está totalmente imerso no conceito de mudança, seu ego é anulado. Assim, quando ele emerge do *Micvê*, está num estado de total renovação e renascimento.

A água representa duas coisas ao mesmo tempo. Primeiro, representa a mudança, a impermanência e a transitoriedade. Mas essa mesma impermanência também significa que nenhum mal é inerradicável, e que nenhum pecado é imperdoável. Um dos ensinamentos importantes do judaísmo é que o arrependimento pode lavar qualquer pecado, como o *Talmud* de Jerusalém diz de modo claro: “Nada pode resistir ao arrependimento”.<sup>18</sup> Por conseguinte, a água também representa o conceito da pureza espiritual.

Este é o significado do versículo (2 Samuel 14:14): “Temos de morrer, e como as águas derramadas sobre o solo, não podemos ser recolhidos. D'us não faz distinção de nenhuma pessoa, mas Ele cria meios para que ninguém seja eliminado da Sua frente”. O conceito de mudança é o que torna nossas vidas transitórias, de modo que somos como “águas derramadas sobre o solo”. Mas este mesmo conceito é o que D'us usa para permitir que todo mal seja expiado e perdoado. Em essência, o *Micvê* representa esta limpeza e renovação espiritual.

Através da água, tudo finalmente é trazido de volta para a realização do objetivo de D’us. Pode haver “escuridão sobre a face da profundidade”, mas “o espírito de D’us está causando movimento sobre a superfície da água” – conjugado no tempo presente, indicando que este é um processo constante e contínuo. O veículo principal para isto é a Torá que, como nos ensinam os nossos Sábios, também é uma contrapartida espiritual da água.<sup>19</sup>

## NOTAS

1. *Zohar* 1:24a, 3:86b, 3:99b, *Likutey Amarim* (Tanya) 1:4 (8a), *Nefesh HaChaim* 1:6 (nota “Veyadua”), 2:6, *Anaf Yossef* sobre Yomá 28a (em *Eyn Yaakov* 23). Cf. *Shmot Rabá* 20:18, Tanchuma, *Mishpatim* 3; *Kohelet Rabá* 2:26, 3:16, 5:24, 8:16. Veja também Isaías 3:10; *Zohar* 3:29b, 3:227a (no final), 3:224 (no final).
2. *Derech Hashem* 1:5:2, *Ets Chaim*, *Shaar Man Umad* 3 (229a). Com relação ao *Micvê* em particular, Veja *Reshit Chochmá*, *Shaar HaAhavá* 11.
3. Veja Hirsch sobre Gênesis 1:9, *Jeshurun* 7:118, 436. Veja também *Morê Nevuchim* 2:30, Abarbanel, introdução, sobre Gênesis 1:2, *Likutey Halachot* (Yorê Deá) *Hechsher Kelim* 4:12.
4. Pode haver movimento, como num sistema planetário ou num mecanismo de relógio, mas este movimento é cíclico, não podendo resultar em mudança.
5. Cf. Rashi, Malbim, *Torá Temimá*, *ad loc.*, *Shabat* 55b. Em *Bereshit Rabá* 98:4, vemos que isto se refere em particular ao *Micvê*.
6. Rashi, Abarbanel (introdução), *ad loc.* Rashi sobre Deuteronômio 32:11, *Targum J.*, Rashi, Radak, *Metsudot*, sobre Jeremias 23:9. Veja *Chaguigá* 15a; *Ets Chayim*, *Shaar Rapach Nitsutsin* 1 (255a).
7. *Yerushalmi*, *Chaguigá* 2:1 (8b), *Mechilta* para Êxodo 15:11, *Bereshit Rabá* 4:1, 5:2, *Shemot Rabá* 15:22, *Midrash Tehilim* 104:7, do Salmos 104:3. Cf. Jó 28:20.
8. *Yad*, *Yessodey HaTorá* 1:11, *Morê Nevuchim* 1:11.
9. Ramban, *Likutey Torá* (HaAri), *Shaar HaPessukim*, *ad loc.*, *Bereshit Rabá* 2:5, *Bahir* 2, *Zohar* 1:16a, 3:305b, *Ets Chayim*, *loc. cit.*, *Likutey Halachot* (Yorê Deá) *Hechsher Kelim* 4:38.
10. *Ibid.* Veja Tanchuma, *Vayeshev* 4.
11. Veja Maharzav sobre *Bereshit Rabá* 2:4, “*Brit Kerutá*”. Com relação ao modo como isto se relaciona com o *Micvê*. Veja *Sefer HaChinuch* 173, *Likutey Halachot*, *loc.*

cit., 4:12, 4:38.

12. *Bereshit Rabá* 2:4, *Zohar* 1:192b. Cf. *Tossafot*, *Avodá Zará* 5a “*Ki Ruach*”.

13. *Yerushalmi*, *Berachot* 9:2 (65b), *Taanit* 1:3 (4b); do Salmos 42:8; *Bereshit Rabá* 13:13, *Pirkey DeRabi Eliezer* 23 (43a), *Ets Chayim*, *Shaar Man Umad* 1 (p. 221). Veja nota 28.

14. Cf. Isaías 48:1, Targum, Radac, *ad loc.* Veja também *Zohar* 1:30a, de Jó 38:20.

15. Hirsch sobre Gênes 1:9, Radal sobre *Bereshit Rabá* 5:10 7. Cf. *Morê Nevuchim* 2:30.

16. Assim, a formação final da vida vegetal realmente aconteceu no sexto dia. Veja *Chulin* 60b, *Bereshit Rabá* 13:1, Rashi, Ramban, sobre Gênes 2:5; *Zohar* 1:46b, 1:97a, 2:128a. Cf. *Sifra* sobre Levítico 26:4.

17. *Yerushalmi Shabat* 2:6 (20a), *Bereshit Rabá* 14:1, *Shemot Rabá* 30:13. O homem foi criado com elementos masculinos e femininos, Veja *Bereshit Rabá* 14:7. Veja também Rashi sobre Gênes 6:7.

18. *Yerushalmi*, *Peá* 1:1 (5a), *San’hedrin* 10:1 (49a).

19. *Baba Kama* 17a, Rashi sobre Isaías 41:17. Veja *Zohar* 1:25a, que a água é a Torá, e seu recipiente é Israel. Veja também Ezequiel 43:2, Amós 8:11, Provérbios 17:14, Jó 14:18. Sobre como isto se relaciona com o *Micvê*, Veja *Berachot* 16a, *Tana Debei Eliahu Raba* 18 (80a), Alshich sobre Levítico 14:8, *Nefesh HaChayim* 1:21, *Likutey Halachot (Yorê Deá) Micvaot* 1:2, 4:24.



## A MEDIDA DO HOMEM

Uma das leis do *Micvê* é que ele deve conter pelo menos quarenta *Seá*, ou aproximadamente 332 litros de água. Derivando esta quantidade de quarenta *Seá*, vimos que, num certo sentido, isto estava baseado numa medida do homem.

É interessante notar que o conceito de quarenta ocorre em um número muito grande de vezes na Torá. O dilúvio de Noé durou quarenta dias,<sup>20</sup> Moshé ficou no Monte Sinai durante “quarenta dias e quarenta noites”, quando recebeu a Torá,<sup>21</sup> e os israelitas, de modo similar, passaram quarenta anos no deserto.<sup>22</sup> Há muitos outros lugares onde achamos o conceito de quarenta na Bíblia.<sup>23</sup>

Por que o número quarenta é tão importante? Por que deparamos com este número como duração de tempo com tanta frequência na Torá?

Achamos o começo de uma resposta nas leis do parto, tais como aplicadas na época do Templo Sagrado. A dor e a fraqueza associadas ao parto são uma indicação da imperfeição da reprodução humana e, portanto, elas produzem um estado de “impureza” numa mulher que deu à luz. O *Talmud* afirma que um motivo pelo qual uma mulher tinha de trazer um sacrifício após ter dado à luz a uma criança, era porque tinha sofrido dores tão intensas, que jurava nunca mais ficar grávida.<sup>24</sup> O nascimento, e a dor que lhe é característica, estão relacionados com a imperfeição humana; logo, exigem “purificação”.



Ao falar desta purificação, a Torá nos diz (Levítico 12:2,4): “Quando uma mulher concebe e dá à luz um menino, ela ficará impura por sete dias, como os dias da *Nidá* ... E ela continuará ... durante trinta e três dias ...”. Contando os dias exigidos para purificação após o parto, achamos um total de quarenta.

Nossos Sábios nos ensinam que esses quarenta dias representam o tempo que um embrião demora para atingir a forma humana.<sup>25</sup> Do ponto de vista da Lei Judaica, um embrião não tem nenhum *status* de ser humano até quarenta dias após a concepção.<sup>26</sup> Este conceito também é sólido do ponto de vista científico, porque é bem sabido que o embrião humano começa a assumir uma forma humana reconhecível por volta do quadragésimo dia após a concepção.

Isto ajuda a explicar por que o dilúvio descrito na Torá durou quarenta dias. De acordo com as interpretações tradicionais, o pecado principal que acarretou o dilúvio foi a imoralidade sexual. O *Midrash* diz que o dilúvio durou quarenta dias, porque o povo daquela geração “perverteu o embrião que é formado em quarenta dias”.<sup>27</sup>

É interessante notar que o *Zohar* dá um motivo similar para o fato da punição ter sido por meio da água. A divisão das águas representa o conceito original da sexualidade na criação, com as “águas de cima” como o elemento masculino e as “águas de baixo” como o feminino. A geração do dilúvio perverteu este conceito básico de sexualidade e, portanto, as “águas de cima” e as “águas de baixo” juntaram-se, para puni-la. Assim, a Torá diz (Gênesis 7:11): “As fontes do grande abismo foram abertas, e as comportas do céu foram abertas”.<sup>28</sup> Este mesmo conceito também se aplica ao *Micvê*, que pode ser formado por águas de chuva e águas de nascentes.

O mesmo conceito também se aplica à outorga da Torá. Isto também envolve a ideia do nascimento. O povo judeu nasceu de novo sob o pacto da Torá, e a própria Torá, ao ser transmitida ao homem,

teve de passar por um processo de nascimento. Como no caso do homem, isto durou quarenta dias.<sup>29</sup>

O mesmo raciocínio também explica por que os israelitas passaram quarenta anos no deserto. Quando Moshé enviou espias para que investigassem a Terra Prometida, a Torá nos diz que (Números 13:25): “eles voltaram de espionar a terra depois de 40 dias”. Os espias sabiam que os israelitas teriam de passar por um renascimento espiritual, quando entraram na Terra Prometida. Para experimentar, eles mesmos, este renascimento e informar sobre ele, os espias passaram quarenta dias na terra. Todavia, eles não foram dignos da terra e, assim, trouxeram de volta um relatório ruim.

Em consequência deste relatório, os israelitas rebelaram-se contra Moshé, não confiando que D’us lhes daria a terra. Depois, foi decretado que eles deveriam passar quarenta anos no deserto, como diz a Torá (Números 14:34): “Segundo o número de dias durante os quais vós espiastes a terra – quarenta dias – por cada dia, deveis suportar vossos pecados por um ano – quarenta anos”. Esses quarenta anos representam ainda outro tipo de renascimento – o renascimento de toda uma geração que seria digna de finalmente entrar na Terra Prometida.

Vimos que o número quarenta representa o processo do nascimento. E, como dissemos, está relacionado com uma medida do homem. Isto também explica os quarenta *Seá* de água que o *Micvê* deve conter. O *Micvê* também representa o útero, e portanto, esses quarenta *Seá* são análogos aos quarenta dias durante os quais o embrião é formado.

Para compreender por que o nascimento e o desenvolvimento do embrião sempre envolvem o número quarenta, precisamos introduzir mais um conceito. A criação consiste em quatro estágios, aludidos no versículo (Isaías 43:7): “Tudo o que é chamado pelo Meu Nome, para

a Minha glória (1), Eu o criei (2), Eu o formei (3), e Eu o fiz (4)”. Esses quatro estágios são representados pelas quatro letras do Tetragrama, o Nome de D’us *Yud Kei Vav Kei*.<sup>30</sup> O primeiro estágio é “a Glória de D’us”, onde as coisas existem conceitualmente, mas não na realidade.<sup>31</sup> O estágio seguinte é a “criação”, que representa a criação *ex nihilo* – “algo do nada”. Depois vem a “formação”, onde a substância primitiva atinge a primeira semelhança da forma. Finalmente, vem a “ação”, onde o processo é completado e resulta em um produto acabado.<sup>32</sup>

Nossos Sábios nos ensinam que o mundo foi criado com dez dizeres.<sup>33</sup> Esses são as dez vezes que a expressão “e D’us disse” aparece no relato da criação.<sup>34</sup> Como esses “dez dizeres” entram em cada um dos quatro estágios da criação, o número total de elementos da criação é quarenta.<sup>35</sup> Portanto, o número quarenta está intimamente vinculado ao conceito da criação.

Ao enumerar as categorias de “trabalho” que estão proibidas no *Shabat*, o *Talmud* nos ensina que há “quarenta menos uma”.<sup>36</sup> Como sabemos, essas trinta e nove categorias de “trabalho” são análogas aos tipos de atividade que entraram na criação, exatamente como o nosso descanso no *Shabat* é semelhante ao *Shabat* da criação. Porém, há um tipo de “trabalho” que não podemos duplicar, e este é a criação *ex nihilo* – criar algo do nada. Esta é a única categoria que não está incluída entre os tipos de trabalho proibidos no *Shabat*. Por outro lado, as categorias de “trabalho” representam os elementos da criação – “quarenta menos um”.<sup>37</sup>

Os quatro estágios básicos que mencionamos antes, também são referidos nos “quatro braços” do rio do Éden. Como já examinamos, este rio está intimamente vinculado ao conceito do *Micvê*.

Os quarenta *Seá* do *Micvê* representam os elementos básicos da criação. O estágio primitivo da criação foi basicamente um estágio de

água. Assim, quando uma pessoa passa através dos quarenta *Seá* de água no *Micvê*, ela está passando através dos primeiros passos da criação.

## NOTAS

20. Gênese 7:4,12,17, 8:6.

21. Êxodo 23:18, 24:28, Deuteronômio 9:9,11,18,25, 10:10. Também achamos que as Tábuas pesavam quarenta *Seá*, *Yerushalmi Taanit* 4:5 (23a), *Tanchuma*, *Ki Tissa* 26.

22. Êxodo 16:35, Deuteronômio 2:7, 8:2,4, 29:4, Josué 5:6.

23. Logo, Isaac tinha quarenta anos quando se casou com Rebeca (Gênese 25:20), Esaú tinha quarenta quando se casou (Gênese 26:34), Jacob foi embalsamado por quarenta dias (Gênese 50:3), a terra ficou calma durante quarenta anos na época dos Juízes (Juízes 3:11, 5:31, 8:28), Elias jejuou quarenta dias (I Reis 19:8, *Tanchuma*, *Shemot* 14), durante o exílio babilônico, a terra ficou desolada por quarenta anos (Ezequiel 4:6, 29:11,12). Para outros casos importantes, Veja *Zohar* 1:136b.

24. *Nidá* 31b.

25. *Keritut* 10a, *Nidá* 30a.

26. *Nidá* 3:7 (30a), 15b; *Mishnê LaMelech* sobre *Yad*, *Tumat Met* 2:1, *Shach*, *Choshen Mishpat* 210:1, *Tshuvat Torat Chessed*, *Even HaEzer* 42:33, *Tshuvot Beit Shlomo*, *Choshen Mishpat* 132. Veja também *Chalot* 18:7, Bartenura, R. Shimson, *ad loc.*, Rashi, *Pessachim* 9a “*Arbaim Yom*”. O *Talmud* também fala da concepção, eufemisticamente, como sendo “quarenta dias antes da formação do feto”, *Berachot* 60a, *Sotá* 2a.

27. *Bereshit Rabá* 32:5, Rashi sobre Gênese 7:4. Cf. *Vayicrá Rabá* 23:12.

28. *Zohar* 1:61b.

29. *Bereshit Rabá* 32:5, *Likutey Halachot* (*Yorê Deá*) *Nedarim* 2.11. Veja *Zohar* 1:136b.

30. *Pardes Rimonim* 16:1, 19:2, *Shaarey Kedushá* 3:6, *Derech Hashem* 4:6:13. Estes são os quatro universos: *Atsilut* (Emanação), *Beriá* (Criação), *Yetsirá* (Formação) e *Assiá* (Ação).

31. *Derech Hashem*, *ibid*, Este é o mundo das *Sefirot* (Emanações).

32. Radak sobre Isaías 43:7, *Nefesh HaChaim* 1:13 (nota “*U’Lefi*”).

33. *Avot* 5:1.

34. São: Gênese 1:3, 1:6, 1:9, 1:11, 1:14, 1:120, 1:24, 1:26, 1:28 e 1:29.

35. *Reshit Chochmá*, *Shaar HaAhavá* 11, *Shnei Luchot HaBrit*, *Shaar HaOtiot*, *Tahará* (1:108a). Na Cabalá, isto se refere aos quatro *Yud's* no Nome, totalizando 72 (*Ab*). Veja outras fontes citadas na nota 20, p. 26 deste livro. Isto está intimamente relacionado com o fato de que Adão, Eva, a Serpente e a terra, receberam – cada qual – dez punições, totalizando quarenta. Veja *Pirkey DeRabi Eliezer* 14, *Bamidbar Rabá* 5:5, *Tanchuma*, *Bamidbar* 23, *Zohar* 3:280b.

36. *Shabat* 7:2 (73a).

37. Cf. HaGra *ad loc.* As quarenta categorias formam um paralelo com as quarenta vezes que a palavra *Melachá* (trabalho) aparecem na Torá, *Shabat* 49b, *Yerushalmi Shabat* 7:2 (42a). Uma das quarenta, no entanto, não é computada.

## A LETRA DE TRANSIÇÃO

Vimos que o *Micvê* vincula dois conceitos básicos: a água e o número quarenta. Ambos os conceitos estão contidos numa única letra, a letra hebraica *Mem*.

A letra *Mem* deriva seu nome de *Mayim*, a palavra em hebraico que significa água. Além disto, o valor numérico da letra *Mem* é quarenta. Portanto, não é muito surpreendente saber que a letra *Mem* também seja conhecida por representar o *Micvê*.<sup>38</sup>

Outro conceito que achamos associado à letra *Mem* é o do útero.<sup>39</sup> O *Mem* fechado (final) é o útero fechado durante a gravidez, e o *Mem* aberto é o útero aberto dando à luz.<sup>40</sup> Então, o valor numérico quarenta, associado a *Mem*, também representa os quarenta dias durante os quais o embrião é formado.

Para compreender o significado desta letra num nível mais profundo, e para ver qual a sua relação com o *Micvê*, precisamos pesquisar um *Midrash* muito interessante. O Profeta diz (Jeremias 10:10): “O Senhor, D’us, é Verdade (*Emet*)”. Depois, o *Midrash* dá a seguinte explicação:<sup>41</sup>

Qual é o selo de D’us? Nosso Rabi disse em nome do Rabi Reuven, “O selo de D’us é a Verdade”.

Resh Lakish perguntou, “Por que *Emet* (אמת) é a palavra em hebraico que significa verdade?”

Ele respondeu: “Porque ela se escreve *Alef Mem Tav*. *Alef* (א) é a primeira letra do alfabeto hebraico, *Mem* (מ) é a letra do meio, e *Tav* (ת) é a última letra do alfabeto”. D’us diz assim (Isaías 44:6): “Eu sou primeiro, e Eu sou o último”.

Disto, vemos que a letra *Mem* tem uma propriedade muito interessante. *Alef*, a primeira letra do alfabeto, representa o começo. *Tav*, a última letra, representa o final. *Mem* é a letra que representa a transição.

Vemos isto com muita clareza na própria palavra *Emet* (אמת). As duas primeiras letras, *Alef Mem* (אמ), formam *Em*, a palavra em hebraico que significa mãe. Este é o começo do homem. As duas últimas letras, *Mem Tav* (מת) formam *Met* – a palavra em hebraico que significa morte – o fim do homem.

O mais importante aqui é que *Mem* representa o conceito da transição e da mudança. *Alef* é o passado, e *Tav* o futuro, de modo que *Mem* representa a transição do passado para o futuro. Como tal, é o instante que chamamos de presente.

O passado é história, e não pode ser mudado. Não temos meio de sequer tocar o futuro. Por conseguinte, o campo de batalha da ação, onde toda mudança acontece, é o presente. Simbólica da água, a essência da mudança, assim como o número quarenta, a essência do nascimento, a letra *Mem* também representa o presente – a transição entre o passado e o futuro – que é o campo de ação de toda mudança.

Num nível mais profundo, a transição do passado para o futuro também representa um aspecto do nascimento. De fato, uma palavra que significa “futuro”, em hebraico, é *Hanolad*, que significa literalmente, “aquilo que está nascendo”.<sup>42</sup> O útero no qual o futuro nasce é o presente. Esta é a letra *Mem*.

Portanto, quando uma pessoa entra no *Micvê*, na realidade ela está entrando no conceito do derradeiro presente. Passado e futuro

cessam de existir para ela. O que era no passado já não importa mais. Até mesmo os quarenta dias da formação já não são uma expansão do tempo, mas um volume de água – quarenta *Seá*.<sup>43</sup> Depois, quando emerge do *Micvê*, ela volta a entrar na corrente do tempo, como se fosse um novo ser.

|   |                                      |   |
|---|--------------------------------------|---|
| מ | מ<br>No começo e no meio da palavra. | מ |
|   | ם<br>No final da palavra.            |   |

## NOTAS

38. *Tikuney Zohar* 19 (39a), de acordo com a leitura de *Kissê, Melech*, HaGra *ad loc.*, *Adir Bamarom* 89b, *Reshit Chochmá, Shaar HaAhavá* 11 (92a), *Shnei Luchot HaBrit, Shaar HaOtiot, Kedushá* 1:168a. Para a relação de Mem com a água, veja *Sefer Yetsirá* 3:4, *Zohar* 2:159b, *Likutey Maharán* 51, *Likutey Halachot (Yorê Deá) Guerim* 3:4. Gramaticamente, a palavra hebraica *Mayim* é literalmente o plural da letra simples Mem.

39. *Sefer Yetsirá* 3.4, *Bahir* 85, *Ets Chayim, Shaar HaYareach* 3 (p. 176).

40. *Bahir* 84.

41. *Bereshit Rabá* 81:2. Cf. *Shabat* 55a.

42. *Avot* 2:9, *Tamid* 32a. Veja *Adir Bamarom* 37b.

43. Notar que a palavra *Seá* relaciona-se, foneticamente com *Shaaá*, significando “hora”. Na verdade, é a superfície do *Micvê* que é envolvida na purificação, sendo que essa superfície representa a interface entre o passado e o futuro. Tal superfície é representada pelo Nome *Ekyê*, que – ao pé da letra – significa “Eu me tornarei”. Veja *Keter Shem Tov* 2, e outras fontes citadas nas notas 18 e 20, p. 26 deste livro.



## O DERRADEIRO MICVÊ

*Rabi Akiva disse: Felizes sois vós, Israel. Perante quem vos purificais? Quem vos purifica? Vosso Pai que está no céu! Assim está escrito (Ezequiel 36:25): “Eu salpicarei água pura sobre vós, e vós ficareis puros”. E está escrito (Jeremias 14:8): “D’us (Hashem) é o Micvê de Israel”. Exatamente como a Micvê purifica o impuro, assim D’us purifica Israel.*

*Mishná, Yomá8:9 (85b)*

Apesar de já termos pesquisado com profundidade o conceito do *Micvê*, a afirmação de Rabi Akiva ainda parece bastante desconcertante. Como devemos entender sua declaração de que “D’us é o *Micvê* de Israel”? Além disto, neste versículo, a palavra *Micvê* de fato significa “esperança” e não um *Micvê* cheio de água. Portanto, a tradução real da passagem citada é “D’us é a esperança de Israel”. O que é que Rabi Akiva está nos ensinando aqui, na realidade?

Para achar a resposta a esta pergunta, primeiro precisamos entender o valor do nome de D’us. Na Torá, achamos que D’us, na maioria dos casos, é chamado por dois nomes. O primeiro é *Elokim*, geralmente traduzido como “D’us”. O segundo é o Tetragrama, que lemos como *Ado-nai* ou *Hashem*, e frequentemente traduzimos como “o Senhor” ou “o Eterno”. Cada um desses Nomes tem um valor muito especial.

O Nome *Elokim* representa D’us como o Governador do universo. A mesma palavra – *Elokim* – também é usada para juízes e anjos.<sup>44</sup> Interpretamos *Elokim* como “dono de todo o poder”, indicando a relação de D’us com o universo, interagindo constantemente com ele e dando-lhe existência.<sup>45</sup> Quando o Nome *Elokim* é usado para expressar o relacionamento de D’us com o homem, indica que Ele está agindo com estrita justiça.<sup>46</sup>

O Nome *Hashem*, por outro lado, representa D’us como a fonte derradeira de toda a existência, muito acima do universo e das suas leis.<sup>47</sup>

Interpretamos o seu Nome como indicando que D’us “foi, é e será”.<sup>48</sup> Ele fala Dele como existindo completamente além do campo de ação do espaço e do tempo. Passado e futuro são exatamente o mesmo que o presente para D’us e, de fato, Ele vê toda a extensão do tempo com uma simples olhada.<sup>49</sup> Assim, quando fazemos uso do Nome *Hashem*, na realidade estamos dizendo que D’us “foi, é e será”, tudo junto. Passado e futuro são exatamente o mesmo que o presente para ele.

O nome *Hashem* também está associado ao atributo da piedade de D’us.<sup>50</sup> Isto, no entanto, está intimamente relacionado ao conceito de Sua existência fora do tempo.

Um dos ensinamentos mais importantes do judaísmo é o do arrependimento. Não importa quão grande tenha sido o pecado cometido por uma pessoa, seu passado pode ficar completamente limpo se ela se arrepender sinceramente perante D’us. Isto, em essência, também é o conceito da piedade de D’us.

Todavia, há uma questão muito difícil relativa à ideia do arrependimento. Digamos que uma pessoa tenha cometido um assassinato, ou outro dano irreparável. Como o seu arrependimento pode desfazer o dano que já foi feito? Podemos ver, talvez, como o

pecado pode ser perdoado, mas como pode o passado ficar completamente limpo?

O autor de *Sefer Haikarim* nos fornece uma resposta muito profunda para esta pergunta.<sup>51</sup> A culpa por cada ação injusta depende muito da motivação que a acompanhou. Por exemplo, há uma grande diferença entre um indivíduo que mata outra pessoa por ódio, e um que o faz acidentalmente. De fato, há ocasiões em que matar pode ser justificado e virtuoso, como quando é necessário deter um assassino em potencial.<sup>52</sup> Há muitas motivações concebíveis que poderiam mitigar atos que, de outra maneira, seriam considerados pecaminosos.

Portanto, apesar de o dano em si não poder ser desfeito, o motivo pode ser reavaliado. Quando uma pessoa se arrepende, ela lamenta a má ação que cometeu e, agora, o seu arrependimento é contado como seu motivo quando fez o mal. Assim, o *Talmud* nos ensina que “o arrependimento é grande, porque ele pode fazer com que pecados propositais sejam contados como acidentais”.<sup>53</sup>

No entanto, esta resposta não remove completamente a dificuldade. Como pode o meu arrependimento neste momento ser transferido para um ato que fiz há muito tempo atrás? Como removemos a barreira do tempo que separa o arrependimento da ação?

Nós, é lógico, não podemos fazer isto, porque somos limitados pelo tempo. Mas D’us pode. D’us está completamente fora do tempo e, portanto, Ele pode simplesmente passar por cima da barreira do tempo entre o ato e o arrependimento, e contar os dois juntos.

Este é o conceito da piedade de D’us. Ao apagar o pecado, D’us está acima do tempo, juntando o passado e o presente. Ambos os conceitos – a piedade de D’us e Sua existência fora do tempo – estão contidos em Seu Nome *Hashem*.<sup>54</sup>

Num nível mais profundo, o Nome *Hashem* indica que D’us está observando o homem de uma perspectiva fora do tempo. Ele está julgando o indivíduo com relação ao seu futuro, assim como o seu passado, bem como no contexto de todo o passado e futuro de toda a criação.

Portanto, vemos que quando usamos o Nome *Hashem*, estamos indicando que D’us é o derradeiro presente. Através deste Nome, que indica “foi, é e será” – tudo junto – tanto o passado como o futuro também estão incluídos no presente.

Neste contexto, não há diferença entre passado, presente e futuro. Exatamente como o presente pode ser alterado e retificado, o passado também – e até o futuro. Isto representa a derradeira liberdade. Sempre que uma pessoa estiver ligada ao conceito de *Hashem*, ela estará livre do passado e do futuro.

Como mencionamos antes, o *Micvê* está conectado ao conceito da letra *Mem*, que representa o presente. O Nome *Hashem*, no entanto, traz tudo para o presente, até o passado e o futuro. É um nível espiritual onde passado, presente e futuro são um, e onde o mal do passado pode ser expiado pelo arrependimento do presente.

Este é o significado da declaração de Rabi Akiva de que “*Hashem* é o *Micvê* de Israel”. Do mesmo modo que o *Micvê* representa o presente, o Nome *Hashem* representa um conceito onde o “presente” inclui até mesmo o passado e o futuro. Portanto, *Hashem* é o derradeiro *Micvê*.<sup>55</sup>

Porém, como já indicamos, a palavra *Micvê* neste contexto é de fato melhor traduzida como “esperança”. Como isto se relaciona com o *Micvê* da água? O próprio versículo indica esta relação, porque diz (Jeremias 17:13): “D’us (*Hashem*) é a esperança de Israel (*Micvê*). Todos os que Te abandonarem envergonhar-se-ão (ressecarão) ... porque abandonaram a D’us, a Fonte das águas vivas”.

Por que a linguagem hebraica utiliza a mesma palavra para esperança e para *Micvê*?

Mas o que é esperança? Na verdade, ela representa nossos sentimentos sobre um evento no futuro. Quando temos a esperança de que algum evento futuro aconteça, estamos lidando com algo que está além da barreira do tempo. Portanto, dizemos que nossa esperança é *Hashem* – o Nome que usamos quando falamos de D’us como existindo fora do tempo. Para *Hashem*, não há barreira entre presente e futuro e, assim, quando nos associamos a Ele, nossa esperança também pode ultrapassar as barreiras do tempo. Por conseguinte, a esperança, como o conceito da *Micvê*, é o que nos coloca fora das limitações do tempo. Em ambos os casos, nós o fazemos através do poder de *Hashem*.

Como sabemos, a palavra *Micvê* significa realmente uma “reunião”. Considerada no seu contexto, também é uma reunião de tempo – uma reunião do passado e do futuro no presente, tornando ambos acessíveis a nós.<sup>56</sup>

Num nível mais simples, como examinamos antes, o conceito do *Micvê* está relacionado ao da autonegação. Não obstante, quando uma pessoa coloca toda a sua esperança em D’us, este fato em si mesmo é uma profunda negação do seu ego.

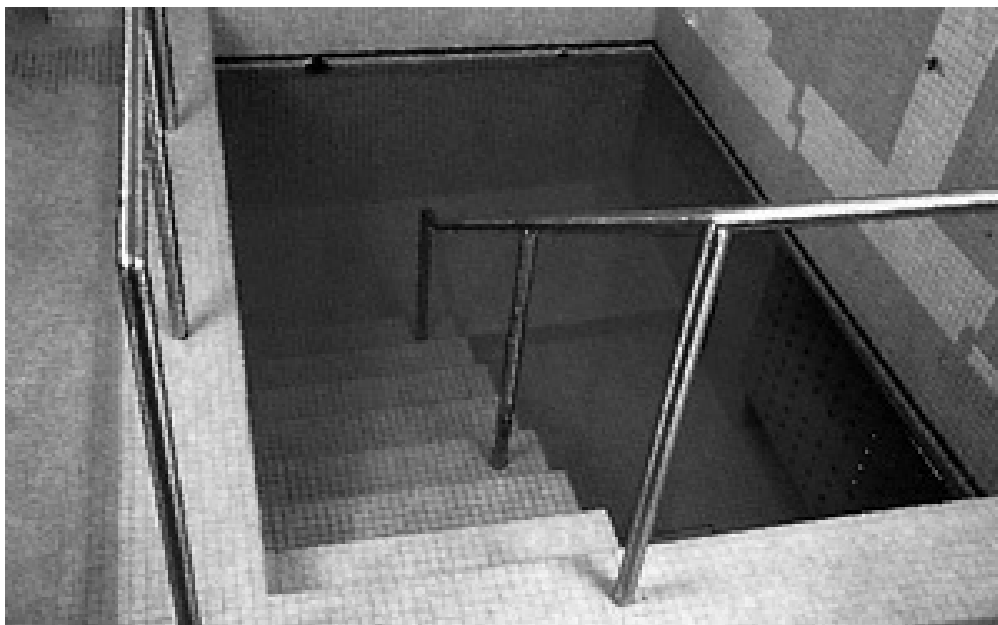
O Rabino Samson Raphael Hirsch escreve que a palavra em hebraico *Tumá*, que habitualmente traduzimos como “impureza”, pertence a uma família fonética de palavras relativas à falta de liberdade e independência.<sup>57</sup> Assim, todas as coisas associadas à impureza ritual são coisas que indicam a falta de liberdade do homem. De todas essas, a morte é a final, porque ela representa a subjugação final do homem às leis da natureza.

A capacidade de transcender os laços do tempo, por outro lado, é a liberdade derradeira. Por esta razão, quando uma pessoa entra no

*Micvê*, ela entra em um estado onde o passado, o presente e o futuro são “reunidos/ajuntados” e, por conseguinte, está finalmente livre. Ela já não está limitada pelo passado ou pelo futuro, mas existe num presente absoluto, que é o único instante do tempo sobre o qual o homem tem controle. Daí porque a liberdade do *Micvê* vence a falta de liberdade associada à *Tumá*.

Finalmente, toda purificação vem da unidade de D’us, que se estende no tempo, assim como todo outro aspecto da existência. A unidade de D’us no tempo é precisamente o que estamos examinando, que Ele é um e o mesmo no passado, presente e futuro e, portanto, de modo recíproco, passado, presente e futuro são o mesmo para Ele.

Este é o conceito final da purificação no *Micvê*. As escrituras falam sobre isto quando dizem (Jó 14:4): “Quem pode extrair o puro do impuro, se não o Único?”<sup>58</sup>



Degraus que descem na água pura e morna de um *Micvê*.



Instalações de um banheiro moderno na sala privada do *Micvê*.

## NOTAS

44. *Morê Nevuchim* 1:2, 2:6, *Kuzari* 4:1 (2b), Ibn Ezra sobre Gênesis 1:1, Êxodo 3:15, 33:21, Ramban sobre Êxodo 3:13.

45. *Orach Chaim* 5:1, cf. *Likutey Amarim (Tanya)* 2:6 (80a), *Nefesh HaChaim* 1:2.

46. *Mechilta* sobre Êxodo 15:2, *Sifra* sobre Levítico 18:2, *Bereshit Rabá* 33:3, 73:3, *Midrash Tehilim* 47:2, *Pessikta* 22 (151b), Rashi Gênesis 1:1, Oséias 14:2, *Rokeach* 200.

47. *Likutey Amarim* (Tanya) 2:4 (79a), *Nefesh HaChaim* 2:2 (no final). Cf. *Morê Nevuchim* 1:61.
48. *Orech Chaim* 5:1, HaGra *ad loc.*, *Shnei Luchot HaBrit*, *Beit Hashem* 1:40b, *Shavuot* 2:100a.
49. *Rosh HaShaná* 18a. Cf. Rambam, *Tossafot Yom Tov*, *Rosh Hashaná* 1:2.
50. Veja nota 46. Veja também *Taz*, *Orach Chaim* 621:2, *Pri Megadim ad loc.*
51. *Ikarim* 4:27. Cf. *Netivot Olam*, *Tshuvá* 5.
52. *San'hedrin* 8:7 (73a).
53. *Yomá* 86b. Cf. *Ets Yossef* (em *Eyn Yaacov* 76) *ad loc.*
54. Veja Rashi sobre Êxodo 34:6, *Rosh Hashaná* 17b, que o dobro do nome de D'us neste versículo, “Hashem, Hashem”, significa que D'us é o mesmo antes e depois do pecado. A ideia de que o Nome *Hashem* se relaciona com a misericórdia deriva deste versículo. Veja *Bereshit Rabá* 33:3, 73:3.
55. *Likutey Halachot* (Yorê Deá) *Milá* 4:23. Veja Ezequiel 36:29 , *Yalkut* 2:627, *Tikuney Zohar* 19 (39a), *Keter Shem Tov* 2, *Baal Shem Tov*, *Yitro* 11. Por conseguinte, a água do *Micvê* alude às letras do Nome de D'us. Veja outras fontes citadas na nota 20, p. 26 deste livro.
56. Veja Hirsch sobre Gênesis 1:9.
57. Hirsh sobre Levítico 5:13, 7:20, 11:43.
58. *Targum ad loc.*, Rashi, *Nidá* 9a “Lo Echad”, *Likutey Maharan* 51. Cf. *Zohar* 1:12a, Ezequiel 37:23.